

1986 - 020

U.S.E. união das sociedades espíritas do estado de são paulo

# ANAIS DO 7º CONGRESSO



Congresso Espírita Estadual

22 à 24 agosto 86  
Águas de São Pedro - SP

O ESPIRITISMO NO  
SÉCULO XX

U.S.E.

união das sociedades espíritas do estado de são paulo

U.S.E. INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ESPÍRITA ESTADUAL

ANAIIS DO  
7º CONGRESSO  
ESPÍRITA ESTADUAL

A ELABORAÇÃO DO PRESENTE TRABALHO  
É DE TOTAL RESPONSABILIDADE DOS  
AUTORES, NÃO ESTANDO A USE,  
NECESSARIAMENTE, DE ACORDO COM AS  
IDÉIAS, CONCEITOS E POSICIONAMENTOS  
AQUI APRESENTADOS.

**U.S.E.** união das sociedades  
espíritas do estado de são paulo

entidade coordenadora e representativa do movimento espírita estadual  
no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira

Anais do 7º Congresso Espírita Estadual  
Edições USE  
1ª Edição - Março de 1997 - 300 exemplares  
Editoração - Sander Salles Leite

Diretoria Executiva da USE organizadora do Congresso, gestão 1984/1986

Presidente: Antonio Schiliró

1º Vice-Presidente: Nestor João Masotti

2º Vice-Presidente: Paulo Roberto Pereira da Costa

Secretário Geral: Geraldo de Souza Spinola

1º Secretário: Ruy Ermelino Nogueira Barbosa

2º Secretário: Sander Salles Leite

3º Secretário: Joaquim soares

1º Tesoureiro: Attilio Campanini

2º Tesoureiro: Waldemar Fabris

Diretor de Patrimônio: José Coriolano de Castro



Diretoria Executiva da USE apresentadora do Congresso, gestão 1986/1988

Presidente: Nedyr Mendes da Rocha

1º Vice-Presidente: Flavio Pasquinelli

2º Vice-Presidente: Marília Silva Alves de Castro

Secretário Geral: Carlos Teixeira Ramos

1º Secretário: Alberto José Gemelgo Filho

2º Secretário: Joaquim Soares

3º Secretário: Antonio Cesar Perri de Carvalho

1º Tesoureiro: Attilio Campanini

2º Tesoureiro: Waldemar Fabris

Diretor de Patrimônio: Carlos Costa Cirne

# APRESENTAÇÃO



Na Solenidade de abertura do 7º Congresso Espírita Estadual compõem a mesa os Srs. Paulo Roberto Pereira da Costa (ao centro) - Coordenador da Comissão Organizadora do Congresso, à esquerda os Srs. Nedyr Mendes da Rocha, Presidente da USE e Antonio Schiliró, Presidente de Honra. À direita, Sr. Juvanir Borges de Souza, representando a FEB. Estão representadas também as Entidades Inicialmente Patrocinadoras e as Especializadas.

**O**s fatos, o momento vivido, as realizações, constróem a trajetória de uma instituição ou sociedade. Com base nos registros, nas anotações, memórias e depoimentos, podemos elaborar sua história.

Com a publicação dos Anais do 7º Congresso Espírita Estadual promovido pela USE, de 22 à 24 de agosto de 1986, em Águas de São Pedro - SP, resgata-se parte de nossa história.

O 7º Congresso representa a retomada da realização de congressos estaduais, a profissionalização quanto à organização e, sem dúvida nenhuma, o momento vivido pelo movimento espírita paulista.

Idealizado nas metas estabelecidas pela Diretoria presidida pelo Sr. Antonio Schiliró em 1982, a sua realização foi possível pelo cumprimento daquelas metas, sempre com o apoio do CDE - Conselho Deliberativo Estadual da USE.

Foram dias de muitas alegrias e confraternizações. Mais de 400 congressistas estiveram presentes, lotando completamente o Centro de Convenções do Grande Hotel São Pedro. O Painel Plenário do dia 24 decidiu que o Congresso não teria, nos temas apresentados, conclusão única, mas seria apresentado como pontos para reflexão posterior, tendo em vista as Teses apresentadas.

Por esta razão, passados estes anos, publicamos apenas os temas, conforme apresentado originalmente pelos conferencistas e painelistas.

São Paulo, março de 1997.

Diretoria Executiva da USE

## REGIMENTO INTERNO - 7º. CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL

### Art. 1º - SEDE DO CONGRESSO

a) a USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, promove o 7º. Congresso Espírita Estadual- São Paulo, na cidade de Águas de São Pedro, no período de 22, 23 e 24 de agosto de 1986, tendo como sede a Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr., 695 - Itaim Bibi - São Paulo .

O Congresso realizar-se-á no Centro de Convenções do Grande Hotel São Pedro.

b) A Assessoria e Organização dos serviços ficará a cargo da "Vertical Eventos e Comunicações S/C Ltda."

### Art. 2º - OBJETIVOS DO CONGRESSO

O objetivo principal é oferecer aos espíritas a oportunidade da troca de experiências e idéias dos vários temas em estudo, na busca de um melhor desenvolvimento das atividades espíritas.

Este Congresso destina-se a todas as Sociedades Espíritas unidas ou não à USE.

### Art. 3º - TEMA DO CONGRESSO

O tema "O Espiritismo no Século XX", possibilitará uma ampla análise, através de painéis e palestras sobre as realizações e preocupações do movimento espírita, no âmbito geral.

### Art. 4º - ORGANIZAÇÃO DO CONGRESSO

a) O planejamento e execução do Congresso estará a cargo da "Comissão Central Organizadora", designada pelo Conselho Deliberativo Estadual da USE.

b) A "Comissão Central Organizadora" terá plenos poderes para resolver todos os problemas relativos ao Congresso.

c) A "Comissão Central Organizadora" instalará e presidirá, através de um de seus membros ou a quem ela indicar, as reuniões plenárias.

### Art. 5º - TRABALHOS DO CONGRESSO

a) Os trabalhos serão desenvolvidos em sessões simultâneas e sessões plenárias, conforme o programa oficial; haverá uma Sessão de Abertura e uma Sessão de Encerramento.

b) A Sessão de Abertura do Congresso, será presidida pela Comissão Central Organizadora, através de um de seus membros, com a participação do Presidente da USE (Presidente de Honra do Congresso). Será apresentado o Programa Oficial do Congresso.

c) A Sessão de Encerramento será dirigida pela Comissão Central Organizadora, através de um de seus membros, com a participação do Presidente de Honra.

### Art. 6º - DOS TRABALHOS E PROPOSIÇÕES

a) A apresentação dos trabalhos será feita pelos conferencistas convidados, dentro dos limites do horário estabelecido no programa oficial.

b) Os participantes poderão encaminhar questões por escrito aos conferencistas, dentro do tempo estabelecido.

c) As sessões simultâneas e plenárias serão compostas de um coordenador e um relator, designados pela "Comissão Central Organizadora".

d) Nas sessões plenárias diárias serão apresentados as conclusões obtidas dos painéis, através das suas mesas diretivas.

e) Os Temas Livres deverão ser inscritos até 13/08/86 e aprovados pela "Comissão Central Organizadora".

**Parágrafo único** - Todos os trabalhos e informes a serem eventualmente distribuídos no recinto do Congresso deverão ser, previamente, autorizados pela "Comissão Central Organizadora".

### Art. 7º - ATIVIDADES PARALELAS

Paralelamente, no desenvolvimento do Congresso, serão realizadas as seguintes atividades:

- Exposição e venda permanente de livros e discos espíritas; em conformidade com as normas estabelecidas pela "Comissão Central Organizadora".

- Exposição e venda de apostilas e material de divulgação dos órgãos da USE, visando divulgar o trabalho realizado pelos mesmos.

### Art. 8º - PARTICIPANTES DO CONGRESSO

Serão aqueles que se inscreverem regularmente e nas seguintes categorias:

a) DELEGADO - Todo aquele que se inscrever regularmente, credenciado por uma Sociedade Espírita do Estado, com participação e direito a voto nas plenárias, sendo 1 (um) delegado por Sociedade, unida ou não, tendo direito a receber todo o material produzido pelo Congresso.

b) CONGRESSISTA - Todo aquele sem direito a voto, mas com a participação nas plenárias e sessões simultâneas, tendo direito a receber todo o material produzido.

c) CONGRESSISTA DE OUTROS ESTADOS - Todo aquele sem direito a voto, inclusive entidades convidadas, tendo direito a receber todo o material produzido e a participar nos termos do item "b" do Art. 6º.

d) Todos os participantes terão direito ao Certificado de Participação.

**Art. 9º - INSCRIÇÕES DO CONGRESSO.**

a) As inscrições como participante do Congresso poderão ser feitas de acordo com a orientação da Comissão Central Organizadora.

Poderão ser aceitas inscrições no recinto do Congresso, caso haja disponibilidade, conforme a lotação.

b) Todos os membros inscritos deverão comparecer ao Centro de Convenções do Grande Hotel São Pedro a partir das 8:00 hs do dia 22 de agosto de 1986, a fim de receberem o crachá e material do Congresso após a conferência dos carnês.

c) O crachá de identificação será exigido em todas as sessões.

São Paulo, 07 de agosto de 1986.

**COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA DO 7º CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL - SP**

Coordenador Geral: ..... PAULO ROBERTO PEREIRA DA COSTA

Secretário: ..... CARLOS TEIXEIRA RAMOS

Tesoureiro: ..... WALDEMAR FABRIS

Comissão de Temário: ..... JACI RÉGIS  
..... MARCOS MIGUEL DA SILVA

Comissão de Divulgação: ..... LUIZ ALBERTO ZANARDI

Comissão de Apoio: ..... CIRO PIRONDI  
..... EDER FÁVARO



## PROGRAMA OFICIAL

- Pronunciamento do Presidente da USE na Abertura do 7º. Congresso**  
Nedyr Mendes da Rocha 9
- Visão Neurológica das Doenças Espirituais**  
Dr. Nubor Orlando Facure 11
- A Espiritologia e a Teoria Espírita dos Fenômenos Psíquicos**  
Paulo Toledo Machado 14
- Investigações Anímicas e Mediúnicas**  
Rubens Policastro Meira 21
- Metodologia da Avaliação das Curas por Entidades Espirituais**  
Dr. Abrahão Rotberg 24
- Contribuição do Espiritismo para as Questões de Saúde Mental**  
Dr. Wilson Ferreira de Mello 28
- A Saúde Espírita no Final do Século XX**  
José Fernandes 30
- Experiências Concretas sobre a Força do Pensamento**  
Caio Atanácios Petro Salama 33
- Moral ou Religião**  
Natalino D'Olivo 36
- Moral e Religião**  
Krishnamurti de Carvalho Dias 52
- Mudanças Estruturais dos Centros e Grupos Espíritas de Kardec aos nossos Dias**  
Antonio Cesar Perri de Carvalho 57
- A Estrutura dos Centros Espíritas de Kardec aos nossos Dias**  
Eder Fávaro, Amílcar Del Chiaro Filho, Roberto Palazzi 60
- O Centro Espírita no Século XX**  
Jaci Regis 67
- O Centro Espírita no Século XX**  
Nestor João Masotti 72
- Fundamentos da Educação Espírita**  
Heloísa Pires 76
- Filosofia Espírita e seus Aspectos Sociais**  
Ney Paulo de Meira Albach 63
- A Filosofia Espírita e seus Aspectos Sociais**  
Aylton Guido Coimbra Paiva 81
- Infância Espírita - Nova Filosofia, Novo Programa**  
Maria Vanda Rodrigues Garcia 84
- Criança, Sociedade e Educação E spírita**  
Marília de Castro 86
- Contribuição a uma Análise do Roustanguismo**  
Luis Antonio Fuchs 89
- Análise Retrospectiva da Unificação Espírita**  
Juvanir Borges de Souza 91
- O Espírita e a Constituinte**  
Freitas Nobre 92
- Influência do Espiritismo na Evolução do Homem Contemporâneo**  
Ciro Felicce Pirondi 99
- O Espiritismo e as Realidades Sociais**  
Mauro de Mesquita Spinola 101
- Assistência Social**  
Mario Barbosa 102
- Relatório da Comissão Organizadora do 7º. Congresso Espírita Estadual 105**



## PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA USE NA ABERTURA DO 7º CONGRESSO

Nedyr Mendes da Rocha

O grande esforço que caracterizou a marcha da Unificação nas terras paulistas poderia ser comparado, desde o seu nascedouro, à corajosa empresa dos Bandeirantes. De fato, por onde passaram aqueles bravos foram sendo semeadas vilas e progresso; atrás deles seguiram outros, encontrando já muitos caminhos preparados e outros por preparar, onde dificuldades nunca foram escassas...

Somos aqueles que sucedem os grandes líderes de nosso Movimento Espírita paulista primitivo, ora multiplicados às centenas ou aos milhares, mas ainda trabalhando arduamente na preparação de novos caminhos!

Certamente, nossas "entradas e bandeiras" não se localizam nos parâmetros traçados pelos Bandeirantes da História, pois que atuam no fértil solo do coração humano, em coerência da postura da Doutrina Espírita.

O Movimento Espírita, como as primeiras vilas disseminadas no caminho das Bandeiras, sentiu a necessidade de estar unido, integrado, sob o estandarte sustentado por Kardec.

Em 1946, no mês de março, um grupo de companheiros, integrantes das Casas: Federação Espírita do Estado de São Paulo, Liga Espírita do Estado de São Paulo, União Federativa Espírita Paulista e Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, "conscientes da responsabilidade como depositárias da confiança de 290 Centros Espíritas filiados e aderentes, na Capital e no Interior e conhecedoras dos propósitos elevados dos meios espíritas, pedem o apoio de todas as Sociedades congêneres do Estado para que se unam em torno de uma só entidade representativa do Movimento Espírita.

Uma vez conseguida a unificação, seria convocado um grande Congresso para o lançamento das bases e estrutura definitivas do organismo que centralizaria as diretrizes do movimento e sobre a conservação ou transformação da legenda, até então provisória: USE"

Aos poucos, os obstáculos iniciais, com o ostracismo voluntário de muitos grupos, foram sendo vencidos a custo de muito trabalho e renúncia, tornando o movimento coeso e legítimo. A Doutrina Espírita teve seu estudo incentivado e exaltado, multiplicando-se os métodos e programas, tomando, praticamente, inacreditável a existência de um Centro Espírita em que não haja o estudo metódico de Kardec.

A USE e o Movimento Espírita, nestes últimos 40 anos, organizou-se amadureceu e arrecadou experiências valiosas. É um movimento adulto, objetivo, responsável, sob a liderança da Codificação.

Como dissemos, entramos no vigor da maturidade do Movimento Espírita, e esta comunidade dos Espíritas de agora - que já encontra muitos caminhos aplainados - será chamado à vivência de contínuos testemunhos, não mais aqueles pelos quais padeceram os cristãos da primeira hora, mas, referimo-nos aos testemunhos de união e solidariedade junto a cada comunidade espírita, onde fraternidade não será mera palavra para se ornar discursos e preces, mas será a postura moral, natural de cada espírita na execução de seus labores voluntários junto à Casa Espírita!

Reler Kardec, reestudar Kardec, outra vez meditar Kardec, são imperativos do momento, não menos naturais e necessários que a vivência cristã, que surge, como consequência natural e soberana, da primeira postura filosófica.

A Codificação é nossa bússola, Jesus é o Norte.

Sabendo para onde vamos, visando o norteamento correto, não nos perderemos, não nos dispersaremos. Fortaleceremos a unificação, fortalecendo a união entre os confrades; sem o amor dos amigos, onde crescer? o que realizar? como fazer? Jesus já exemplificou: o amor à causa e aos semelhantes, é fundamental!

É por todos esses pontos abordados que aqui nos unimos, reunindo ideais e boa vontade para reavaliarmos o Movimento Espírita como meio de propagação da Codificação.

Não basta o respeito que granjeamos na Comunidade através das obras de serviço social que se ergueram em vivo preito à solidariedade humana. Mister se faz que o Espiritismo seja respeitado pela unidade e coerência do movimento que se faz em torno de seu estudo libertador.

Não poucos defendem a existência de polêmicas e embates doutrinários como forma de promover o estudo e o esclarecimento. Entendemos que esta fase de contendas no meio Espírita não é mais consentânea

com o bom senso que deve caracterizar um movimento maduro e que caminha determinado na perseguição do ideal Kardequiano!

Meus amigos. Meus irmãos. Permitam-me chamá-los assim. É com o coração pleno de júbilo que trago-lhes estas palavras que emergem de minha alma neste início de brilhante jornada doutrinária.

Disse e repito-lhes que meu coração acha-se pleno de alegria, pois, posso sentir - aqui entre nós - a vivência legítima da fraternidade, refletindo o amor inolvidável e perene do Mestre dos mestres, Jesus, real, sublime, quase palpável! E este sentimento de verdadeira fraternidade, transcende em si, enlaça aqui as aspirações de nós, reencarnados, bem como da Espiritualidade Maior que também muito investiu neste evento em que se deposita tanta esperança e confiança.

Este 7º Congresso Espírita Estadual de São Paulo, conjugando forças e recursos, idéias e idealismo de todos - organizadores e participantes, encarnados e desencarnados - justifica plenamente a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, e, em consequência demonstra a concretização do objetivo máximo da Unificação: a preservação do Ideal Espírita de conagração dos homens na fraternidade e Paz, na senda do aperfeiçoamento interior!

Vê-se, desde logo, que os temas que estaremos analisando a partir de alguns momentos, em painéis ou em conferências, despontam como definidores de valores e posturas indispensáveis para a interação do Espírita no organismo sócio-político em que nos encontramos, revelando o caráter triplice da Doutrina que abraçamos. Não serão - tais posturas e definições concluídas neste encontro - mais do que meras recomendações da Unificação para a comunidade Espírita de nosso Estado; mas, serão, efetivamente, o fruto amadurecido da laboriosa fusão de todas as idéias que vierem a ser apresentadas, democraticamente discutidas e analisadas, iluminadamente inspiradas e conduzidas pelo Amor de Nosso Pai!

Iniciamos uma marcha, não apenas de três dias, mas uma empreitada mais longa, cuja distância será determinada pela decisão de cada participante em perseguir o Norte Inspirador de nossa vocação à perfeição; esta jornada continuará na sucessão das pesquisas e investigações que serão empreendidas em cada Grupo Espírita a que estamos ligados, para, aos poucos, virem a se consubstanciar em novas obras que enriquecerão a bibliografia Espírita Científica; nosso Congresso se projetará no idealismo de muitos que se amarrão de valores morais e religiosos para lançarem-se no meio político, econômico e social, melhorando-os, espiritualizando-os, enfim, imprimindo-lhes o impulso da mentalidade cristã.

Deste Congresso estaremos lançando nossa convocação geral, a todo o Brasil, para que os Espíritas de todos os quadrantes se habilitem à investigação e pesquisa, isenta e honesta, questionando e revendo suas práticas e conceitos a fim de se promover um mais fiel ajustamento do Movimento Espírita à Doutrina Espírita!

A nossa própria busca desta conscientização doutrinária que nos reúne neste Congresso - prova suficientemente que os tradicionais equívocos em que incidiu o Movimento Espírita, não mais hão de ser tolerados junto às nossas equipes de trabalho - haja visto o "igrejismo" que invadiu muitos Centros Espíritas. Reclama-se renovação! Proclama-se transformações! Clama-se por nova Luz!

E nossa resposta é esta: voltar os passos à Allan Kardec, instruímo-nos e amarmos!



Por isso, Kardec, aqui nos encontramos, reunindo na opção de nos instruímos, através da permuta de nossas pequeninas idéias, para nos unirmos - definitivamente - no Ideal que fizeste espelhar no magnífico corpo doutrinário: a luz espargida por Jesus no próprio campo do coração humano!

Inspira-nos, Mestre, nestes dias de reflexão doutrinária, vivência evangélica, e busca dos rumos para o Amor!

Acima de nossas inúteis contendias, paira, serena, a mensagem Cristã, derrubando com a mansidão da água viva os poderosos e aparentemente inamovíveis obstáculos do orgulho e da vaidade de cada um de nossos corações!

Auxilia-nos a superarmos o próprio ego e alcançarmos o legítimo entendimento da concórdia e do bom senso!

Que Jesus Cristo nos abençoe.



# VISÃO NEUROLÓGICA DAS DOENÇAS ESPIRITUAIS

Dr. Nubor Orlando Facure

## ABORDAGEM AMPLA

As doenças mentais podem ser analisadas a partir de uma visão tridimensional:

- a visão da psiquiatria;
- a visão espírita;
- a visão neurológica.

As doenças mentais ocorrem no âmbito destes 3 processos concomitantemente. Porém ora intensificado num ou noutro aspecto.

## DOENÇAS MENTAIS

São caracteristicamente um processo físico a partir de uma programação espiritual.

## BASES BIOLÓGICAS:

- mecanismos psicodinâmicos
- interação espírito-matéria
- perturbações neuro-funcionais

## 1. ASPECTO PSIQUIÁTRICO

- deve um caráter científico à questão das doenças mentais
- deixa uma lacuna por não considerar a existência do espírito e de outras vidas (reencarnação)
- tem uma importante contribuição na análise do tema (FREUD)

## 2. ASPECTO ESPIRITUAL (Doença espiritual propriamente dita)

### 2.1 Pressupostos Básicos

- Existência da Alma
- Organicidade do Perispírito
- Pensamento como Energia Plasmadora de formas materiais. "A Matéria Mental"
- Atuação de espíritos desencarnados

### 2.2 Fisiopatogenia das Doenças Espirituais

#### 2.2.1 Desequilíbrios vibratórios (interação corpo-físico e corpo-espiritual)

**Causas:** cólera, ódio, mal humor, desespero, ociosidade

Lesões cármica no corpo espiritual

**Causas:** suicídio, aborto, abusos físicos

Vampirismo (micro organismos espirituais)

**Causas:** vícios, desvios sexuais, alimentação extravagante

#### 2.2.2 Obsessão. Atuação de espíritos desencarnados e vice-versa.

#### 2.2.3 Mediunismo (passos iniciais no campo mediúnico)

Diagnóstico diferencial: histeria, epilepsia, fenômenos anímicos.

## 3. ASPECTOS NEUROLÓGICOS

É necessário conhecer as estruturas fisiológicas e anatômicas do cérebro.

**CÓRTEX CEREBRAL** - Funções superiores - gestos e atitudes conscientes

- Funções Principais

**PARTE CENTRAL**

- Atividades motoras  
(Sistema Extra Piramidal)

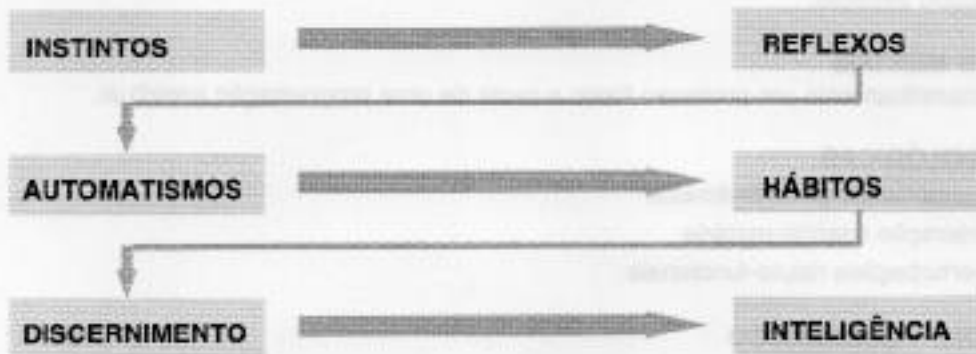
- Características pessoais

- Funções automáticas

**SUBSTÂNCIA RETICULAR** - Centro de consciência  
(situada no tronco cerebral) das demais áreas

- alerta, atenção
- desperta as outras partes do cérebro
- quando lesionado gera o coma

**NEURÔNIOS** ( 10 milhões) - onde está fixado o pensamento (substância de vital sinapses: ponto de ligação química entre os neurônios as substâncias químicas (neuro-transmissores) atuam nas várias regiões do cérebro. Diminuição e aumento de certos neuro-transmissores pode gerar várias doenças mentais,

**HIERARQUIZAÇÃO MENTAL****PENSAMENTO**

- reflexos arcaicos
- automatismos primários
- automatismos complexos
- raciocínio e discernimento
- pensamento fragmentado
- pensamento contínuo
- passo seguinte: próximo milênio
- consciência contínua (estágio que ainda não vivemos)

**DOENÇAS MENTAIS**

Do ponto de vista neurológico estão relacionadas ao sistema límbico ou cérebro Comportamental?

**NEO CÓRTEX****SISTEMA LÍMBICO****Anel Superior**

Prazer, sonabilidade,  
copulação, reprodução

**Anel Inferior**

mecanismos automáticos

**COMPORTAMENTO INTELLECTUAL**

defesa, sobrevivência  
relacionadas com a  
alimentação

**COMPORTAMENTO EMOCIONAL**

A nossa emoção pode estar afetada por:

- insegurança em função de incertezas
- medo em função de ameaças
- angústia em função de contradição
- ansiedade em função de expectativas

O espiritismo com sua visão sobre a Vida Futura pode ajudar na resolução dos problemas de ansiedade, pois um dos maiores problemas da atualidade é a expectativa do amanhã que nos é quase sempre incerto.

São as substâncias químicas (neuro-transmissoras) que fisicamente gerarão PSICOSES, DEMÊNCIA, DEPRESSÃO E MANIAS a partir dos estímulos emocionais recebidos pelo cérebro.

Neste sentido, ampliando as dimensões a emoção pode paralisar o pensamento e a ação.

Temos um cérebro animal que precisa ser educado, disciplinado e domado, pois emoções boas e más nos estimulam permanentemente e vem de todos os níveis, inclusive do plano espiritual.

## CONCLUSÃO

O ser humano nos seus aspectos tradicionais, físico, psíquico e social deve também ser compreendido com um ser fundamentalmente espiritual.

Mecanismos psíquicos dinâmicos como neuro-farmacológicos são conhecidos como causadores de doenças incertas.

Na interação corpo-físico e corpo-espiritual podemos identificar uma terceira causa de doença mental que rotulamos com destaque como doenças espirituais as quais o espiritismo permite uma visão de causa e efeito extremamente racional.



## O FENÔMENO ESPÍRITA

O FENÔMENO ESPÍRITA, também conhecido como Espiritismo, é um fenômeno que se manifesta em diversas formas, sendo o mais conhecido o Espiritismo Kardecista. Este fenômeno é caracterizado pela comunicação com os espíritos dos mortos, sendo que os espíritos são considerados seres imortais que vivem em um plano superior ao físico. O Espiritismo é baseado nos princípios estabelecidos por Allan Kardec em sua obra "O Livro dos Espíritos".

É uma ciência que se ocupa de explicar os fenômenos que são produzidos pelos espíritos, sendo que os espíritos são considerados seres imortais que vivem em um plano superior ao físico. O Espiritismo é baseado nos princípios estabelecidos por Allan Kardec em sua obra "O Livro dos Espíritos".

A doutrina do Espiritismo é baseada nos princípios estabelecidos por Allan Kardec em sua obra "O Livro dos Espíritos". Este fenômeno é caracterizado pela comunicação com os espíritos dos mortos, sendo que os espíritos são considerados seres imortais que vivem em um plano superior ao físico. O Espiritismo é baseado nos princípios estabelecidos por Allan Kardec em sua obra "O Livro dos Espíritos".

# A ESPIRITOLOGIA E A TEORIA ESPÍRITA DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

A CIÊNCIA DO ESPÍRITO, QUE TEM POR OBJETIVO A INVESTIGAÇÃO E O ESTUDO DO FENÔMENO ESPÍRITA

PAULO TOLEDO MACHADO

O VII Congresso Espírita do Estado de São Paulo, promovido pela USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, sob o enfoque temático "**O ESPIRITISMO NO SÉCULO XX**", enseja uma valiosa oportunidade de intercâmbio no campo da cultura espírita e na atualização em torno do conhecimento espírita.

O Espiritismo revelando a existência do mundo dos Espíritos, e, conseqüentemente, a pré-existência e a sobrevivência do Ser; que a morte não existe ou que esta é, simplesmente, a destruição do corpo material; a possibilidade da intercomunicabilidade entre o mundo material e o mundo espiritual, isto é, a comunicabilidade entre os chamados vivos e os chamados mortos, dimensionou o campo do Conhecimento.

A Epistemologia Espírita traz novas luzes. A noção imprecisa, vaga, pouco clara, que herdamos acerca da vida futura, e que nos deixava não poucas dúvidas, com o Espiritismo desapareceu. A vida futura, para nós, espíritas, hoje é uma realidade.

Identificando o Espírito com as individualidades dos seres extra-corpóreos, o Espiritismo nos mostra "a vida da alma, o ser essencial, porque é o ser pensante, remontando no passado a uma época desconhecida, estendendo-se indefinidamente pelo futuro, de tal sorte que a vida terrena, mesmo de um século, não passa de um ponto nesse longo percurso" (RE, ano 1862, Edicel, pg. 192) e demonstrou a existência do perispírito, envoltório semi-material e inseparável do Espírito, que dele se serve para transmissão do seu pensamento.

A Teoria Espírita dos Fenômenos Psíquicos se funda, pois, nos seguintes princípios: a existência do Espírito, sua preexistência e sobrevivência ao corpo, suas manifestações, e a existência do perispírito.

E sendo assim, é válido lembrarmos porque esta verdade é conhecida de todos os espíritas - que não há, para o Espiritismo, fenômeno psíquico sem **ALMA** ou **ESPÍRITO**, melhor dizendo. E é por essa razão que fenômeno psíquico, no Espiritismo, é chamado **FENÔMENO ESPÍRITA**.

O **FENÔMENO ESPÍRITA** é abrangente, global, porque ele é resultante das manifestações do Espírito, encarnado ou desencarnado. O estudo cuidadoso da obra espírita que codifica os ensinamentos dos Espíritos, compendiada por Allan Kardec, não nos deixa dúvidas.

## O FENÔMENO ESPÍRITA

O **FENÔMENO ESPÍRITA**, dissemos atrás, é abrangente, global e entendemos ser genérico. Ele abrange os fenômenos que se produzem com a intervenção dos Espíritos, encarnados ou desencarnados. No primeiro caso, temos os fenômenos espíritas anímicos ou da emancipação da alma e no segundo caso os fenômenos espíritas da mediunidade ou mediúnicos. Em ambos os casos o Espírito é sempre agente ou causa.

É uma posição espírita e não psiquista. De fato, o nosso querido e sempre lembrado João Teixeira de Paula, muito escolástico, considerando o Fenômeno Psíquico genérico, considera o Fenômeno Espírita espécie (Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo, 3ª ed. Cultural Brasil Editora Ltda., 1973, V. 1, pg. 117). Para ele o fenômeno Psíquico abrange o Espírita ou Espíritico, assim como o Psicológico e o Anímico (ou Personístico). Allan Kardec adicionou ao título da "La Revue Spirite" o subtítulo "Jurnal D'Etudes Psychologique et de Spiritualisme Experimental", porque o quadro que ela abrangeria compreenderia "tudo quanto se ligasse ao conhecimento da parte metafísica do homem", "pois estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem" (RE, ano 1858, Edicel, pg. 5).

A classificação que propomos poderá não ser pacífica nem entre os espíritas, em razão do cientificismo ou dogmatismo científico. Mas se "a classificação dos fenômenos metapsíquicos depende, naturalmente, do ponto de vista em que nos colocamos, como nota "Flournoy" (Dr. Lobo Vilela, Revista de Metapsicologia, nº. 4, ano 1951, pg. 362), o nosso posicionamento, além de doutrinário, é espiriticamente didático.

Allan Kardec emprega sempre a denominação Fenômeno Espírita, defendendo e explicando a hipótese espírita. Em O Livro dos Médiuns, o insigne Mestre, nos dá a explicação teórica dos fenômenos espíritas. Ele não se refere a Fenômeno Psíquico. Isto é, Kardec não emprega esta denominação. Para classificar o Fenômeno Espírita, Kardec o divide quanto aos seus efeitos. Assim, O Fenômeno Espírita, segundo Kardec, pode ser de

efeitos físicos e de efeitos intelectuais. A denominação Fenômeno Espírita é genérica. Efeitos físicos e efeitos inteligentes são espécies (O Livro dos Médiuns, 5a. ed. FEB, 1904, pg. 36). O Fenômeno Espírita de Efeitos Físicos são todos aqueles decorrentes de efeitos sensíveis, como os ruídos, o movimento e o deslocamento de corpos sólidos (o movimento circular das mesas conhecido sob o nome de "mesas girantes") e as pancadas. O Fenômeno Espírita de Efeitos Inteligentes são todos aqueles que provam "qualquer ato livre e voluntário, exprimindo intenção, ou respondendo a um pensamento" (ob. cit. pg. 69). Mas, é importante observarmos, que Kardec estudou e aprofundou o seu trabalho com destaque para o Fenômeno Espírita da Mediunidade ou, se quiserem, o Fenômeno Espírita Mediúnico, que pode ser de efeitos físicos ou de efeitos inteligentes, espontâneos ou provocados. O próprio título de sua obra O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores, e o conteúdo dela relativamente ao ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e escolhos que se encontram na prática do Espiritismo (aqui cabe observar que Espiritismo é expressão usada em lugar de Mediunismo), situa o seu interesse, pelo menos o mais imediato.

Mas não temos dúvidas que o trabalho de Kardec e o interesse dos Espíritos codificadores necessariamente tinha que ser voltado para o Fenômeno Espírita da Mediunidade. E também não foi outra preocupação de tantos outros cientistas que pesquisaram o Fenômeno Espírita. O Dr. Albert de Schrenck-Notzing escreveu uma obra com o título *Les Phénomènes Physiques de la Médiumité*, edição Payot, Paris, 1925, com prefácio do professor Charles Richet, que se soma a tantos e tantos outros trabalhos, tomando numerosa e rica a bibliografia espírita acerca dos Fenômenos Espíritos da Mediunidade.

Não obstante, não podemos deixar de considerar, segundo o próprio Codificador, que o Espiritismo compreendendo, além da parte Filosófica, relativa às manifestações inteligentes, compreende uma parte Experimental, e que ela é relativa às manifestações em geral. É esta parte Experimental no que diz respeito aos Fenômenos Espíritos Anímicos ou da Emancipação da Alma reclama dos espíritos estudiosos dos nossos dias um interesse maior objetivando uma metodologia de pesquisa e uma sistematização de estudo, com base na alma encarnada, para explicação dos fenômenos psicológicos. E, sobretudo, para que o Espiritismo reconquiste as áreas invadidas pela Metapsíquica, Metagnomia, Metapsicologia, Parapsicologia, Psicotrônica, Metapsicofísica, Biopsíquica, Parafísica, e outras e, como ciência espíritológica, dê clarezas à Psicologia, fazendo dela uma verdadeira Espiritologia.

## O ESPÍRITO

*"L'ÂME, l'être immatériel et individuel qui réside en nous et qui survit au corps"* (Le Livre des Esprits, par Allan Kardec, Paris, E. Dentu, Librairie, 1857, pg. 2), traduzindo, "a alma é o ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo" e que nós, espíritos, denominamos Espírito.

Aliás, para ficar mais claro, devemos dizer que foram os próprios Espíritos que assim se declaram: *"L'être mystérieux qui répondait ainsi, interrogé sur sa nature, déclara qu'il était esprit ou génie, se donna un nom, et fournit divers renseignements sur son compte"* (ob. cit. pg. 6) (O ser misterioso que respondia, interrogado sobre sua natureza, declarou que era Espírito ou Gênio, deu seu nome e forneceu ainda diversas informações a seu respeito.)

O ser misterioso foi interrogado acerca de sua natureza, porque era desconhecida a natureza da causa dos fenômenos, das manifestações, que, então, se produziam.

Assim, se identificou, para nós, espíritos, a causa e por que não dizermos o agente dos fenômenos psíquicos, e *"comme ayant appartenu, pour quelques-uns du moins, aux hommes qui ont vécu sur la terre"* (ob. cit. pg. 9) (se apresentam como havendo pertencido, alguns deles pelo menos, a homens que viveram anteriormente na Terra).

No entretanto, como o propósito maior deste nosso trabalho é despertar o interesse dos estudiosos e pesquisadores espíritos com relação aos fenômenos espíritos anímicos ou de emancipação da alma, a questão da existência dos Espíritos se torna secundária, pois ela não constitui o ponto de partida. "Sendo os Espíritos as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida, está na existência da alma". (O Livro dos Médiuns, Allan Kardec, FEB, 5ª. ed., 1904, pg. 22).

## A ALMA

A Alma para nós espíritos, e segundo os espíritos codificadores, é um "Espírito encarnado" (Resposta à questão 81 de Le Livre des Esprits, par Allan Kardec, Paris, E. Dentu, Librairie, pg. 53).

Parece-nos que hoje não se discute a existência da Alma e que o estudo dos caracteres antagônicos da Alma e do corpo, resolve a questão da distinção entre um e outro.

Mas não é pacífica a idéia que filósofos e cientistas desde tempos atrás até hoje conceberam e concebem.

"Alma, para os espiritualistas, é uma substância imaterial, distinta do corpo e capaz de existir por si só; para os materialistas, é uma simples função do organismo, do qual faz parte integrante e sem o qual não pode subsistir" (Noções de Psicologia, de Iago Pimentel, Melhoramentos, S. Paulo, 1953, pg. 7).

Para os materialistas, a Alma é efeito; para os espiritualistas, a Alma é causa.

Wilhelm Wundt, filósofo, psicólogo e fisiologista alemão (1832-1920), não concorda com o conceito substancialista da Alma. Ele propõe um conceito atualista: "a Alma é a diversidade de acontecimentos enlaçados entre si" (La Psicologia Contemporânea, de J. Vicente Viqueira, Barcelona, Editorial Labor S/A, 1937, 2ª. ed. pg. 34).

Para o fenomenismo a Alma é uma série de fenômenos, como sejam emoções, idéias, etc..

"O que se chama Alma, diz Littré (Maximiliano Paulo Emilio Littré, filólogo e filósofo francês, discípulo de Auguste Comte, 1801-1881, o entre parêntese é nosso) é na realidade o conjunto das funções do cérebro e da medula espinal". É o materialismo negando o substancialismo.

Como se vê não é fácil para os não espíritas definirem ou conceituarem a Alma. É vasta a imaginação. A existência da Alma para eles é necessariamente uma admissão, sem a qual os fatos da vida psíquica se tornam inexplicáveis.

Está aqui, é óbvio, uma outra razão para que o Espiritismo, desenvolvendo o seu estudo e a sua pesquisa, posicione o seu ponto de vista acerca dos fenômenos psicológicos, sejam os chamados orgânicos - extensos e quantitativos, ou psíquicos - inextensos e qualitativos. E esse posicionamento demonstrará que esses fenômenos, embora de natureza aparentemente diversas e irreduzíveis, provêm de uma mesma "substância": a Alma ou Espírito encarnado, considerado o corpo etéreo ou perispiritual de que se reveste.

## O FENÔMENO PSÍQUICO

O emaranhado vocabularístico da fenomenologia psíquica e a complexidade da classificação de sua nomenclatura constituem um sério problema.

No campo das pesquisas psicológicas são enormes as divergências em torno das hipóteses formuladas. Nunca se formulou uma hipótese satisfatória.

Os estudantes do Hipnotismo estão, como sempre estiveram desde os dias de Mesmer, divididos. A teoria das emanções fluídicas de Mesmer, por ele chamada de "magnetismo animal" é contraditada por uns e aceita por outros.

A teoria elétrica de Bove e Dods - pulmões positivos e sangue negativo - teve seus adeptos (A Lei dos Fenômenos Psíquicos, por Thonson Jay Hudson, traduzida por D. Santos, São Paulo, Livraria Liberdade, 1926, pg. 5).

A explicação fisiológica de Braid, de certas classes de fenômenos, "satisfaz aqueles que acreditam que no homem não existe coisa alguma que não possa ser pesada na balança ou dissecada com o escalpelo".

A Escola de Salpêtrière sustentou que o hipnotismo era uma moléstia do sistema nervoso, e que seus fenômenos eram explicáveis pelos princípios fisiológicos.

A Escola de Nancy sustentou que a sugestão era o fator ultra potente na produção de todos os fenômenos hipnóticos.

Braid, a Escola de Salpêtrière e a Escola de Nancy, contrariando antigos hipnotistas, negam a possibilidade de se produzirem "os altos fenômenos de hipnotismo, conhecidos como clarividência, transmissão de pensamento ou leitura mental" (ob. cit. pg. 5).

No entretanto, o Fenômeno Psíquico (do gr. phainómenon, aparição; e psychikós, alma), considerando-o como genérico, é qualquer manifestação de ordem psíquica, ou fenômenos da Psiquê ou da Alma.

Assim, simplificando diremos que a fenomenologia psíquica é dividida em **FENÔMENOS NORMAIS** e **FENÔMENOS ANORMAIS**. A primeira classe, que são habituais, entra nos quadros da Psicologia e muitas vezes nos da Psiquiatria. A segunda classe, de fenômenos inabituais, toma diversos nomes, como "o de Investigação Psíquica, Metapsíquica, Metapsicologia, Parapsíquica, Sexto Sentido, Percepção Extrasensorial, Metagnomia, Paranormal, ou Extra-normal e outros aplicáveis unicamente a determinados ramos, como Telepatia, Psicometria, Clarividência, Psicografia, etc." (Dicionário Esotérico, por Zaniah, Buenos Aires, Editorial Kier, 1962, pg. 103).

## A PSICOLOGIA

A Psicologia, ou, por primeiro, a Pneumatologia, segundo Leibniz (Nouveaux Essais, 1704, IV, cap. XXI), que se definia como a parte da Filosofia que estuda a alma, tinha por objeto, desde os tempos da civilização grega até o século passado, a existência da alma, sua essência e natureza, e posteriormente o estudo da percepção, da memória, das paixões, etc.

Sob a influência de outras ciências, como a Física, a Biologia, e outras, os psicólogos passaram a



estudar os fenômenos de consciência, deixando de se preocupar com a Alma, que, "não tendo existência física, não podia ser estudada em termos científicos." (Psicologia Geral, de Afro do Amaral Fontoura, Rio de Janeiro, Gr. Aurora, 1966, 12ª. ed. pg. 25).

Mas não parou aí o objetivo da Psicologia. Ele evoluiu do Estudo da Alma para o Estudo da consciência, como acima nos referimos, e do Estudo da Consciência para o Estudo do Comportamento e deste para o Estudo da Conduta, considerando-se nesta o conjunto de fenômenos mentais como causa da conduta.

Dáí, muitos hoje definirem a Psicologia como a ciência que estuda a conduta.

E enorme o numero de definições, e a idéia da Alma difere de um psicólogo para outro dada a divergência entre eles quanto à natureza da Alma.

Harald HOFFDING filósofo dinamarquês, nascido em Copenhague, em 1863, na sua obra PSYCHOLOGIE (ed., 1900, pg. 1), diz que a Psicologia não está obrigada a explicar o que é a Alma, porque a Física não está obrigada a começar explicando o que é a matéria.

Os filósofos do passado objetivaram no estudo da psicologia os fatos internos do homem.

Sócrates considerava que é preciso que nós nos conheçamos a nós mesmos para chegarmos à sabedoria, que se identifica com o conhecimento de Deus. Ele distinguia, partindo desse princípio, o mundo interno do mundo externo.

Aristóteles no seu tratado sobre a Alma, na qual divide a Filosofia em quatro partes: lógica, ética, física e metafísica, não incluiu a Psicologia porque, para ele, esta fazia parte de todas as disciplinas filosóficas. Por sua vez, Renato DESCARTES, filósofo e matemático francês (1596 - 1650), entendia que a Psicologia era uma parte distinta da filosofia.

Hobbes (Thomaz), filósofo inglês (1588 - 1679), partidário do materialismo, e Baruch Espinosa, filósofo holandês (1630 - 1677) apoiam-se no princípio da concomitância dos processos orgânicos e psíquicos. E, dessa forma, é invocada a lei de associação para reduzir a complexidade da vida espiritual aos seus elementos componentes. O associacionismo, como doutrina psicológica, explica, então, os fenômenos psíquicos por meio da associação, rejeitando a doutrina da faculdade.

Os positivistas do século XIV, por sua vez, consideram a Psicologia como uma ciência experimental, independente da Filosofia e sem relações especiais com a Metafísica, a Lógica e a Moral. Não se pode negar que a Psicologia Experimental, como ciência autônoma, é uma conquista dos tempos modernos, dado o impulso que a psico-física ou psico-fisiologia, a psico-cronometria e outras lhe trouxeram.

Como decorrência das muitas maneiras pelas quais os fenômenos psíquicos têm sido estudados, surgiram muitas outras disciplinas psicológicas, dando maior amplitude ao problema psicológico. Apenas para referir citamos a psico-dinâmica, que estuda os efeitos dinâmicos dos fenômenos psíquicos; a psico-física, que, segundo Fechner, é o ramo da psicologia que estuda experimentalmente as relações entre os fenômenos psíquicos e os fenômenos fisiológicos (o que hoje é denominado de Psicologia Experimental); a psico-gênese, que estuda a origem e o desenvolvimentos da psiquê (termo usado como sinônimo de Alma ou Espírito) no indivíduo ou na espécie (esta dita psico-gênese filética); a psicografia, que, conforme Ampère, é a parte da Psicologia que descreve os fenômenos da consciência, sem explicá-los. E assim, seguem-se outros ramos, como a psicologia coletiva ou social; psicologia comparada; psicologia etnográfica; psicologia pedagógica; psicologia segmental; psicologia zoológica; psicometria; psico cronometria; psico estática; psico patologia; psico análise (doutrina de Freud, aceita especialmente pelos neurologistas) e mais outros.

Resumindo, a Psicologia estuda a Alma em suas manifestações ou fenômenos e em sua natureza essencial. Assim, no primeiro caso, temos a Psicologia Experimental e, no segundo, a Psicologia Racional. Para os materialistas, a Psicologia é um ramo das ciências naturais e, para os espiritualistas, um ramo das ciências do Espírito.

É claro que compreendemos que esse volume de correntes e escolas psicológicas são decorrentes das variadas intensidades dos facho luminosos que atingem este ou aquele filósofo ou psicólogo.

Mas compreendemos, também, que não alcançando a Psicologia uma definição mais uniforme e uma conceituação mais unitária, bem pouco ela pode nos dizer acerca da Alma, entendida esta como Espírito reencarnado, e a respeito de suas manifestações ou fenômenos e mesmo em sua natureza essencial, não considerando as suas vidas anteriores e experiências pregressas, que repercutem no seu avatar presente, e desconhecendo a existência do seu perispírito ou corpo fluídico, de que é revestido, e que se faz "intermediário de todas as sensações que o Espírito recebe, e por meio do qual transmite a vontade externamente e atua sobre os órgãos" (O Livro dos Médiuns, por Allan Kardec. Rio de Janeiro, FEB, 5ª ed. 1904, pg. 60) "e a que se não dá muita atenção nos fenômenos fisiológicos e patológicos" (ob. e pg. cit.) e que constitui "uma causa incessante de ação" (ob. e pg. cit.).

A Psicologia, se bem examinarmos, poderemos propor que seja parte da Espiritologia. O que me parece não podemos pensar é em uma Psicologia Espírita, por entendermos que descabe o vocábulo espírita como adjetivação. E bem considerando, também nos parece ser impossível fazermos da Psicologia, tão segmentada e conflitante, uma verdadeira Espiritologia, fundada numa doutrina, que é o Espiritismo, oriundo

de um processo sintético do conhecimento, com uma concepção nova e de natureza global para o estudo dos problemas humanos, como bem se refere o nosso nunca esquecido companheiro de tantas jornadas espíritas Herculano Pires, "in" Parapsicologia e suas perspectivas, obra de cuja primeira edição tivemos a honra de ser "padrinho".

## OS PROCESSOS CIENTÍFICOS OU DISCIPLINAS CIENTÍFICAS QUE INVESTIGAM OS FENÔMENOS PARANORMAIS

Dissemos atrás que, simplificando, a fenomenologia psíquica é dividida em **FENÔMENOS NORMAIS**, os que entram nos quadros da Psicologia e muitas vezes nos da Psiquiatria, e **FENÔMENOS ANORMAIS**, que são objetos de investigação por inúmeros processos ou disciplinas científicas.

Esclareçamos agora que **FENÔMENOS ANORMAIS** não quer dizer que sejam "aqueles que possam ser contrários às leis naturais; mas aqueles que se nos apresentam de uma maneira inusitada e inexplicável" (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia, de João Teixeira de Paula, São Paulo, Editora Bels S.A., 1976, 3ª ed. pg. 166).

Digamos, também, que **ANORMAL** "é o mesmo que Abnormal, Hiperfísico, Hipernormal, Hiperpsíquico, Metanormal, Metapsicofísico, Metapsicológico, Metapsíquico, Parafísico, Paranormal, Parapsicológico, e seguem-se muitas outras denominações.

No II Congresso Internacional de Pesquisas Psíquicas, realizado em Varsóvia, em 1923, em homenagem a J. Ochorowicz, foi aprovado que a expressão CIÊNCIAS PSÍQUICAS devia aplicar-se aos fenômenos que em França se conheciam por METAPSÍQUICOS e na Alemanha por PARAPSICOFÍSICOS. As ciências psíquicas avolumaram-se como surgimento da METAGNOMIA, METAPSIKOLOGIA, PARAPSICOLOGIA, PSICOTRÔNICA, METAPSICOFÍSICA, BIOPSÍQUICA, PARAFÍSICA e outras. Ora, como as ciências psíquicas se conceituaram com base nos fundamentos sustentados por Eugène OSTY, médico e investigador metapsíquico (1874 - 1938) e na decisão do pré citado Congresso, objetivando o conjunto dos fenômenos extranormais, que são tributários do espírito humano, conquanto pareça irem eles além das possibilidades fisiológicas do cérebro, excluíram os fenômenos espíritos. E dessa forma os fenômenos espíritos ficaram no espaço (isto sem qualquer alusão ao fato de os fenômenos espíritos serem compreendidos no meio científico geral como fenômenos das almas dos mortos e por isso mesmo não aceitos).

Mas o nosso saudoso João Teixeira de Paula estridou contra essa exclusão. "Aí repousa a nossa discordância, porque, ao nos referirmos a Ciências Psíquicas, incluímos nela não só o conceito de Osty e o do Congresso, mas também o dos fenômenos espíritos" (ob. cit. pg. 21).

O Dr. Hernani Guimarães Andrade, também um querido amigo que muito admiramos, se fez também lamurioso: "lamentavelmente, é tendência da Metapsíquica negar a manifestação dos espíritos, atribuindo ao médium as faculdades necessárias e suficientes para desencadear todos os fenômenos" (A Teoria Corpuscular do Espírito, por Hernani Guimarães de Andrade, São Paulo, 1958, 1ª. ed.).

No entanto, nós, como os caríssimos confrades que nos ouvem, bem podem ter percebido, não partilhamos dos lamentos, porque, também, não partilhamos da idéia desses grandes e respeitáveis companheiros de que o Fenômeno Espírita seja parte integrante do Fenômeno Psíquico. Para nós, como nos referimos, o Fenômeno Espírita é gênero e não espécie, ele é global e não segmento, e é com base nesta posição que entendemos que nós espíritas temos que articular a Espiritologia, a ciência do Espírito.

Não podemos nos distender mais neste capítulo. Assim, aqueles que quiserem conhecer a Metapsíquica, de Charles Richet, a Metagnomia de Emile Boirac, a Metapsicologia, proposta com restrições pelo Congresso Internacional de Pesquisas Psíquicas realizado em Varsóvia em 1923, a Metapneumática, de Mirville, a Parapsicologia, de J. B. Rhine, a Psicobiofísica, a que tanto se liga Hernani Guimarães Andrade, e outras, respeitosamente sugiro que lancem mão das respectivas bibliografias.

## A ESPIRITOLOGIA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS todos sabem que se compôs definitivamente com a sua reimpressão em 1860. Ele contém quatro livros ou quatro partes:

- ❑ LIVRO PRIMEIRO - AS CAUSA PRIMÁRIAS
- ❑ LIVRO SEGUNDO - MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS
- ❑ LIVRO TERCEIRO - AS LEIS MORAIS
- ❑ LIVRO QUARTO - ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Pois bem, o LIVRO SEGUNDO contém, para nós, a doutrina da ESPIRITOLOGIA ou melhor a ESPIRITOLOGIA RACIONAL OU TEÓRICA. E em O LIVRO DOS MÉDIUNS, que trata do Espiritismo

Experimental, nós encontramos as teorias de todos os gêneros de manifestações que podem embasar a **ESPIRITOLOGIA EXPERIMENTAL**.

Portanto, para nós, a Espiritologia é a ciência do Espírito que tem por objeto o estudo do Fenômeno Espírita. Ela se divide em Espiritologia Racional ou Teórica e em Espiritologia Experimental ou Prática. A primeira se ocupa do Espírito como ser ou individualidade. A segunda se desdobra na investigação dos fenômenos espíritas anímicos ou da emancipação da alma e dos fenômenos espíritas da mediunidade ou mediúnicos.

A classificação dos fenômenos espíritológicos, que abrangem os anímicos, os mediúnicos, os físicos extra-somáticos, os físicos-somáticos, os mentais, os personísticos e os telepáticos, a sua definição e a sua conceituação, constituirão, sem dúvida, um excelente programa de trabalho.

Como todas as demais ciências a Espiritologia também se relaciona com outras ciências ou disciplinas científicas, dentre as quais a Biologia, a Fisiologia, a Física, a Química e outras como oportunamente veremos.

Quanto ao Perispírito, que tem cerca de 70 outras denominações, entre elas as de Aerossoma, Corpo Flúídico, Corpo Ódico, Corpo Pneumático, Duplo Flúídico, Ka, Psicossoma, e que presumem se desdobrar num corpo bioplásmico, que alguns chamam de "modelo organizador biológico", temos que aprofundar o seu estudo para avaliá-lo como "o molde fundamental da existência para o homem" (Roteiro, Francisco Cândido Xavier, Rio de Janeiro, FEB, 1952, Cap. VI, pg. 29).

E quanto ao vocábulo **ESPIRITOLOGIA** formado de *espírito* mais *logia*, significa Ciência, tratado de Espiritismo (Dicionário Enciclopédico Ilustrado - Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia, de João Teixeira de Paula, S. Paulo, Editora Bels, 1976, 3ª. ed. pg. 85).

AZEVEDO SILVA, na sua obra **FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DO ESPIRITISMO**, editada em 1941, publica a tese que apresentou ao "1º. Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas", que funcionou de 15 a 24 de novembro de 1939, no salão da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Nesta sua tese, ele nos reservou valiosa contribuição acerca da classificação das ciências. Nós vamos, com a máxima vênica, reproduzi-la:

\*Assim, estudando a natureza e relação das ciências, dividiu-as Spencer (Classification des Sciences, par Herbert Spencer, Paris, Ancienne Librairie Germer Baillaire Et Cie., 1893, pg. 6) em duas categorias - ciências que têm por objeto as relações abstratas, pelas quais os fenômenos se apresentam, e ciências concretas, que têm por objeto os próprios fenômenos.

Desse critério resultou esta classificação:

- CIÊNCIAS ABSTRATAS    **Lógica**  
  **Matemática**
- CIÊNCIAS ABSTRATO-CONCRETAS    **Mecânica**  
  **Física**  
  **Química**
- CIÊNCIAS CONCRETAS    **Astronomia**  
  **Psicologia**  
  **Sociologia**

Não nos parece lógica esta classificação do notável pensador e filósofo inglês, pois Mecânica não é ciência-tronco, é uma derivação da Matemática; não deve, pois, figurar na relação. Psicologia e Sociologia, igualmente, não são duas, uma é derivada da outra: - Sociologia da Psicologia.

Ciência-mater seria, pois esta última, de vez que não pode haver sociedade sem que haja o comércio das almas.

Nesta classificação Spencer procurou retificar a de Augusto Comte, que assim as desdobrou:

- MATEMÁTICA
- FÍSICA
- QUÍMICA
- ASTRONOMIA
- BIOLOGIA
- SOCIOLOGIA
- MORAL

Esta classificação carece realmente de ser retificada, não só porque o mestre do Positivismo se esqueceu de sua própria ciência - a Lógica, como porque Sociologia e Moral, tal como Psicologia e Sociologia, diferenciadas por Spencer, também não são duas, mas uma só ciência, pois que a Sociologia descansa na Moral, como base do Direito.

humano sente ampliar os seus caminhos. "Fazei que eu mude o que pode ser mudado. Que eu aceite o que não pode ser mudado. E que eu saiba diferenciar entre as duas coisas".

A lei é de amor e solidariedade. Foi com Herculano Pires que aprendi que o sofrimento é desnecessário e a razão, o conhecimento e a educação espírita libertarão o homem do seu sofrimento.



A elaboração dos trabalhos científicos, que abrangem os campos da medicina, da física, da química, da biologia, da psicologia e da sociologia, é uma tarefa árdua e exige a aplicação de métodos científicos e a utilização de técnicas apropriadas para a obtenção de resultados confiáveis. Este trabalho tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas científicas de natureza experimental, com ênfase na análise de dados quantitativos e qualitativos. O texto aborda os aspectos teóricos e práticos da metodologia científica, desde a escolha do tema até a apresentação dos resultados finais. São discutidos os princípios da validade interna e externa, a importância da replicabilidade e os desafios enfrentados pelos pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento. O trabalho também trata da importância da ética na pesquisa científica e da necessidade de transparência e honestidade na divulgação dos resultados.



Este trabalho tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas científicas de natureza experimental, com ênfase na análise de dados quantitativos e qualitativos. O texto aborda os aspectos teóricos e práticos da metodologia científica, desde a escolha do tema até a apresentação dos resultados finais. São discutidos os princípios da validade interna e externa, a importância da replicabilidade e os desafios enfrentados pelos pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento. O trabalho também trata da importância da ética na pesquisa científica e da necessidade de transparência e honestidade na divulgação dos resultados.

- MATEMÁTICA
- FÍSICA
- QUÍMICA
- ASTRONOMIA
- BIOLÓGICA
- SOCIOLOGIA
- PSICOLÓGICA

Esta dissertação trata sobre os aspectos metodológicos da pesquisa científica, abordando os princípios da validade interna e externa, a importância da replicabilidade e os desafios enfrentados pelos pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento. O trabalho também trata da importância da ética na pesquisa científica e da necessidade de transparência e honestidade na divulgação dos resultados.

## INVESTIGAÇÕES ANÍMICAS E MEDIÚNICAS

Rubens PolICASTRO MEIRA

Ensina-nos Allan Kardec: O Espiritismo será científico ou não subsistirá. Demonstra-nos mais quando em A Gênese, Cap. I - § . 55, evidencia que, "O Espiritismo, marchando sobre o progresso, não será jamais excedido, porque, se novas descobertas se demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará".

Caminhando mais, chama-nos atenção, alertando-nos para o futuro, que vemos materializando-se em nossos dias, quando diz, em A Gênese: "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação".

Para encetar, investigações anímicas e mediúnicas, é necessário primordialmente conhecer-se as bases da doutrina, a fim de que tais investigações possam trazer reconhecimento, saber.

Lembramos que existe fundamental diferença entre conhecer, saber, e crer.

É dessa forma que surge em nossas casas espíritas, a necessidade de estudos das obras de Kardec.

É imprescindível e necessário o conhecimento dos princípios básicos da doutrina dos espíritos. Sem este conhecimento, à priori, o investigador, o trabalhador, o companheiro, médium, o dirigente não se encontrará com aptidões para levar adiante sua investigação, sua tarefa, seu trabalho.

E é bom que se diga, alto e a bom som, que tais princípios, estão inseridos no livro básico da Doutrina: O Livro dos Espíritos.

É bom que se diga, alto e a bom som, que uma grande maioria de companheiros, lêem tudo, estudam tudo, menos Kardec.

Quais são esses princípios básicos?

Seus efeitos unicamente didáticos poderemos ordená-los como segue:

- |                                  |  |
|----------------------------------|--|
| DEUS                             | <input type="checkbox"/> L. Esp. Parte primeira, Cap. I                              |
|                                  | <input type="checkbox"/> A Gênese - Cap. II e XIII                                   |
| ESPÍRITO                         | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Cap. II   |
|                                  | <input type="checkbox"/> L. Médiuns - Cap. XXXII                                     |
| IMORTALIDADE                     | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Pág. 183 - Item 3 - Conclusões                    |
| EVOLUÇÃO                         | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Cap. I - III - IV - XVII                          |
| REENCARNAÇÃO                     | <input type="checkbox"/> L. Esp. Cap. IV   |
|                                  | <input type="checkbox"/> A Gênese - Cap. XII - XXI                                   |
| PERISPÍRITO                      | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Q. 135 a 187                                      |
|                                  | <input type="checkbox"/> L. dos Médiuns - Cap. da Ação dos Espíritos sobre a Matéria |
|                                  | <input type="checkbox"/> A Gênese - Cap. XIV   |
| LIVRE ARBÍTRIO                   | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Q. 843 a 872                                      |
| CAUSA E EFEITO                   | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Q. 192a - 921 - 999 - 1002 - 1009                 |
| PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Cap. III  |
| A VIDA NO PLANO ESPIRITUAL       | <input type="checkbox"/> L. Esp. - Cap. VI - Da Vida Espírita                        |

Com o conhecimento, a compreensão dos princípios básicos da doutrina dos espíritos saberemos então que no instante da morte, a alma volta a ser espírito, voltando ao mundo espírita, (L. Esp., Q. 149) conservando sua individualidade, pois jamais a perde (L. Esp. Q. 150).

Iremos nos conscientizar que o mundo dos espíritos, conservará seu corpo espiritual, perispírito, e que guardará sempre as aparências de sua última encarnação (L. Esp. Q. 150a).

A investigação dos fenômenos anímicos e mediúnicos, prende-se assim, ao conhecimento dos princípios que regem as leis a ele atinentes. Não se pode pesquisar, não se pode investigar sem conhecer.

Dessa forma, o melhor local, o melhor laboratório de pesquisa, de investigações é o centro espírita.

Comprovamos a sobrevivência do espírito todos os dias em nossas reuniões práticas, sérias, sem misticismos, objetiva pois que comprovando-nos a imortalidade, vem dar maior consistência à fé, racionalizando-a, conduzindo o ser à certeza (fé), não simplesmente à crença (crer).

É assim que devemos encarar o espiritismo, da mesma forma que Kardec quando nos sintetiza no final do preâmbulo do livro "O que é o Espiritismo": "Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelece entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações".

Nosso enfoque então a que como ciência, tendo em vista que encerra um conjunto de conhecimentos com base nas leis naturais, e que propicia uma observação dos fenômenos inerentes ao homem. Tal observação é que consiste nas relações, as manifestações dos espíritos, seja encarnado, seja desencarnado. Como filosofia, porque com as relações estabelecidas, demonstra um sistema de investigação que conduz a um novo pensamento sobre a natureza e origem, a causa e os efeitos das particularidades da vida em si. Com esse novo pensamento, conduzido pela observação, em vista dos conhecimentos adquiridos, o ser passa a pautar sua vivência no mundo, em novos parâmetros, o que conduz a um novo aspecto moral.

Qual a forma de se processar uma investigação anímica e/ou mediúnica seja na Casa Espírita ou não?

Toda investigação da pesquisa demanda um método.

Para tanto é necessário segui-lo e analisá-lo.

Vejamos:

1. Localizar e descobrir o fenômeno.
2. Observar e conhecer o fenômeno na sua manifestação.
3. Provar e comprovar que o fenômeno existe.
4. Estudar, conhecer e formular as CAUSAS e o MECANISMO desses fenômenos.

Conduzindo-nos no caminho da síntese metodológica apresentada, chegaremos ao final da estrada. Para isso é necessário e principalmente no que tange aos fenômenos, sejam mediúnicos, sejam anímicos, o conhecimento do elemento chave da questão: o PERISPÍRITO.

Para estudá-lo é importante atermo-nos às obras de Kardec, pois que encontramos em nossa literatura, ensinamento, propostas e teorias que se contrapõem aos ditames oferecidos pelos espíritos a Kardec. Encontramos centenas de contradições doutrinárias, e, mesmo científicas, apresentadas e sendo estudadas, digeridas, como se fossem preceitos doutrinários. Algumas, sub-repticiamente, tentando demonstrar que Kardec está superado, ultrapassado, necessitando de revisões, de reformulações.

Assim, ao estudar e analisar o perispírito, raiz de todo o fenômeno ANÍMICO e MEDIÚNICO é importante que distribua-se o estudo em três itens:

1. Natureza e origem do perispírito.
2. Propriedades do perispírito.
3. Funções do perispírito.

No item NATUREZA E ORIGEM DO PERISPÍRITO, chegaremos a conclusões de que:

a) o Perispírito, como matéria, é inerte, não pensa. Assim, as sensações, as percepções, a inteligência não são atributos do perispírito, mas sim dos espíritos.

b) o espírito, em qualquer grau que se encontra NUNCA ESTÁ DESLIGADO OU SEPARADO DO PERISPÍRITO;

c) O perispírito é o envoltório semi-material do espírito;

d) nos encarnados serve de intermediário entre o espírito e a matéria;

e) Procede e é uma condensação do fluido cósmico universal em torno de um foco de inteligência.

No item PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO, teremos então:

- a) Pela sua natureza fluidica ele é expansível e flexível;
- b) Possui a propriedade da irradiação. Forma, em torno do corpo físico uma atmosfera que o pensamento e a vontade, podem dilatar para mais e para menos;
- c) Absorve, como uma esponja os fluidos do ambiente;
- d) É o princípio de todas as manifestações, espíritas e anímicas;
- e) É o intermediário pelo qual se processa a transferência dos fluidos da energia nos processos de cura e de passes espíritas.

Quanto as FUNÇÕES DO PERISPÍRITO, teremos então:

- a) Organismos que personaliza, individualiza e identifica o Espírito;
- b) É o órgão sensitivo do Espírito.

Estudando o perispírito e suas leis, suas relações de interação entre o Espírito e a matéria, poder-se-á iniciar a pesquisa, a investigação nos moldes, no critério assinalado, na metodologia já citada.



# METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO DAS CURAS POR ENTIDADES ESPIRITUAIS

Dr. Abrahão Rotberg

A cura de doenças orgânicas e funcionais por ação de entidades espirituais é francamente admitida pelo espiritismo Kardequiano, dominante nos países latinos, e pela corrente "espiritualista" dos países anglo-saxões. O médico espírita admite, portanto, a **possibilidade** da intervenção do mundo espiritual nos mecanismos de cura, ainda que apenas por coerência com a doutrina que abraçou. A simples existência de "médiuns curadores" na obra de Allan Kardec será suficiente para assegurar ao médico espírita que a "cura espiritual" existe.

Contudo, transformar essa **possibilidade** em **probabilidade** ou certeza, de maneira a documentar cientificamente o que era apenas uma aceitação doutrinária passiva, é problema completamente diferente. Será necessário, como em todas as outras ciências, instituir uma metodologia de trabalho que possa produzir provas satisfatórias desse tipo de atividade espiritual.

O que segue é uma tentativa de metodologia que sirva para tal finalidade, sob forma de "exigências" que poderiam ser feitas por pesquisadores especializados na investigação médico-científica.

## **Exigência número 1: diagnóstico correto e fundamentado**

O diagnóstico correto e preciso da doença a tratar é fundamental para o estudo da mediunidade curadora. É preferível que obedeça à classificação de doenças da Organização Mundial de Saúde. Diagnósticos falhos ou incompletos não permitem apreciar a evolução do processo. Deverão ser a conclusão de uma "observação clínica" bem feita, nos moldes clássicos adotados pelas escolas médicas e hospitais, a qual incluirá, todos os dados de evolução e localização do processo e os resultados de todos os exames laboratoriais e instrumentais e instrumentos adequados para o caso.

Doenças caracterizadas apenas por sintomatologia subjetiva...dores, câimbras, náuseas, etc., só poderão ser admitidas ao estudo quando haja certeza absoluta de ausência de simulação.

## **Exigência número 2: exclusão de doenças espontaneamente involutivas**

Doenças que podem envolver espontaneamente, por mecanismos desconhecidos, ou que envolvem normalmente pela instalação de processos imunitários, caracterizando a fase final de um "ciclo", são impróprias para a demonstração da atividade espiritual curadora. Contudo, a involução rápida de doenças cuja regressão natural costuma processar-se muito lentamente, poderá, em certos casos, ter valor demonstrativo.

Como por exemplo, o herpes zoster, espontaneamente involutivo por mecanismos imunológicos, não é aceitável para a observação. Porém a neurite zoster crônica, que sobrevive às manifestações cutâneas e que se tenha manifestado rebelde a todos os tratamentos médicos tentados, poderá ser admitida ao estudo, desde que afastados os fatores ligados à simulação e à sugestão.

## **Exigência número 3: exclusão de doenças psicossomáticas e/ou influenciáveis por psicoterapia**

Não são aceitáveis para o estudo de doenças cuja patogenia psicossomática seja conhecida. Esta exigência elimina todas as doenças em que a psicoterapia ou a simples sugestões costumam produzir resultados terapêuticos satisfatórios. A fama do médium, a fé do paciente e o ambiente em que se realizam os trabalhos são formas muito ativas de psicoterapia que inutilizam a comprovação da atividade mediúnica.

Em situações especiais poderão ser admitidos pacientes que já tenham sido submetidos a outros tipos de psicoterapia sem resultados aparentes.

## **Exigência número 4: ausência de terapêutica paralela**

Se o paciente receber terapêutica ortodoxa considerada útil para seu caso, paralelamente à ação mediúnica, a comprovação do valor desta última estará obviamente prejudicada. O prejuízo se estende a qualquer tipo de tratamento útil aplicado pouco antes ou pouco depois da atividade mediúnica.

É claro, por exemplo, que não terá valor algum a afirmação de cura ou melhoria acentuada de doente portador de neoplasia tratada por entidade espiritual, se esse doente também tiver sido submetido à radioterapia e/ou à quimioterapia pouco antes, durante ou mesmo após esse tratamento até a avaliação a "longo prazo". Doentes que recebem tratamento espiritual e que concomitantemente, ou logo a seguir, obedeçam a instruções



complementares: repouso, exercícios, dietas, medicações várias... não permitem conclusões válidas quando estes complementos, por si só, costumam ter efeitos curativos diretos.

Esta é uma das maiores dificuldades práticas no estudo da mediunidade curadora. A não ser em condições de hospitalização cuidadosamente vigiada é quase impossível eliminar a hipótese de que o paciente, consciente ou inconscientemente, esteja também recebendo qualquer tipo de terapêutica útil paralela. As grandes indústrias farmacêuticas que testam seus produtos em doentes e em grupos controles que só recebem "placebos", têm que recorrer a medidas quase policiais para que qualquer medicação estranha paralela não venha a prejudicar observações clínicas de que dependam elevados investimentos. Medidas semelhantes serão certamente adotadas pelos pesquisadores que tenham em vista demonstrar a atividade curadora de entidades espirituais.

#### **Exigência número 5: exclusão da possível atividade curadora direta do próprio médium**

Para confirmação da atividade curadora de entidade espiritual é, evidentemente, imprescindível excluir-se qualquer ação terapêutica, consciente ou inconsciente, que possa ser atribuída ao próprio médium.

Para melhor consideração desta "exigência", será necessário apreciar separadamente os três tipos mais comuns de terapia conhecidos nos meios espíritas:

##### **a - Mediunidade passista**

Pressupõe-se aqui que o espírito transmita para o doente irradiações curadoras através das mãos do médium. Como a medicina oficial não admite a possibilidade de cura ou melhoria por tais "passes" ou "imposição de mãos", o médium passista pode ser aceito para a investigação. Contudo, se a cura ou melhoria se produzirem efetivamente, ainda assim não ficará provada a atividade de entidade espiritual, já que os resultados favoráveis poderiam ser atribuídos a radiações do próprio médium.

É fato que se os pesquisadores concluírem dessa forma, terão dado passo importante na direção da medicina espiritual, mas continuarão restrito ao chamado "corpo bioplásmico" do médium, nada os obrigando a admitir a ação de entidades espirituais desencarnadas.

##### **b - Mediunidade receitista**

Esse tipo de atividade mediúnica dificilmente se presta para o exame científico. Em primeiro lugar, é necessário que o médium não tenha a menor possibilidade de estar a par do diagnóstico da doença a tratar. Garantindo esse "anonimato", é preciso ainda que a prescrição seja bem clara, corretamente dosada e **especificamente dirigida** para a doença em foco.

Essa exigência elimina do estudo as numerosas medicações alopáticas e homeopáticas das indicações polivalentes que poderiam ser prescritas com relativa facilidade por pessoas de cultura mediana, hoje perfeitamente familiarizadas com as bulas e com as matérias amplamente divulgadas referente à medicina popular.

Deve notar-se que o suposto médico espiritual não examina o doente, geralmente mal dá atenção a suas queixas, não pede exames de laboratório, radiográficos, eletrocardiográficos ou outros. Contudo parte prontamente para a prescrição, como se estivesse "vendo" a doença e não precisasse de tais recursos para fazer o diagnóstico e a terapêutica. Assim sendo, pareceria mais útil que esse diagnóstico fosse logo revelado pelo espírito, dispensando-se mesmo sua prescrição. Para melhor apreciação científica dos fatos seria portanto preferível que a "mediunidade receitista" fosse substituída pela "mediunidade diagnóstica", desde que tomadas as indispensáveis precauções para evitar-se possível transferência telepática do paciente ou pesquisadores para o médium.

##### **c - Mediunidade cirúrgica**

As pessoas que dizem receber influências de espíritos de cirurgiões desencarnados só poderão ser admitidas à pesquisa se elas mesmas forem leigas em cirurgia. Cirurgiões profissionais estão evidentemente excluídos.

Esta exclusão pode sofrer exceções. Um urologista, por exemplo, poderá ser admitido em caso de cirurgia nervosa, assim como um neurocirurgião em casos de cirurgia gastro-intestinal. Em ambos os exemplos, esses cirurgiões podem ser considerados "leigos" em áreas fora de sua especialização.

É verdade que espíritos-cirurgiões terão mais facilidade de ação quando "incorporados" em médiuns com experiência cirúrgica, mas não é menos verdadeiro que o valor demonstrativo da psicografia literária ou musical estará muito prejudicado se os médiuns forem, respectivamente, literatos ou músicos consumados.

Das observações sobre mediunidade cirúrgica devem ser excluídas as manifestações superficiais de pequeno porte, tais como cistos, nevos, papilomas, verrugas, pequenos lipomas, etc., já que sua excisão ou destruição estão ao alcance de médicos de qualquer especialidade e também de estudantes de medicina, enfermeiros, práticos de enfermagem e até mesmo, bem ou mal, em geral mal, de leigos e "curiosos" de todo tipo. É praticamente nulo o valor de tais observações.

Outra exceção admissível no estudo é a de pessoas, leigas ou não, que, por picadas de agulhas ou incisões superficiais na pele, afirmam estar operando em órgãos profundos. Como no caso do médium-passista,

a medicina oficial não aceita a possibilidade de cura ou melhoria por tais procedimentos : a pessoa poderá, pois, ser aceita para observação. A avaliação dos resultados terapêuticos falará a favor ou contra a mediunidade cirúrgica do observado.

#### **Exigência número 6: avaliação correta dos resultados**

Avaliação dos resultados do tratamento deverá ser feita a curto, médio e longo prazos e se valerá de todos os dados clínicos, laboratoriais e instrumentais adequados para o caso em estudo.

Como referido na "exigência número 1", curas ou melhorias de manifestações puramente subjetivas só serão aceitas quando comprovadas a inexistência de simulação ou de efeito psicoterápico.

#### **Exigência número 7: pesquisa por médicos especialistas**

Nenhuma das "exigências" acima poderá ser corretamente instituída, apreciada e julgada a não ser por médicos ou, mais precisamente, por médicos especialistas competentes. Assim como médicos não são indicados para estudar ou opinar sobre assuntos jurídicos, nem juristas convidados para dar parecer sobre fundações de edifícios ou construção de pontes, engenheiros, juristas, militares, jornalistas e outros, por mais competentes que sejam em suas áreas de trabalho, não podem apreciar e julgar dados e atos médicos para os quais não estão profissionalmente preparados.

A exigência de "médicos especialistas" é exemplificada pelo fato de que um dermatologista não está habilitado para observar e opinar sobre casos de ortopedia, assim como um ortopedista não poderá avaliar corretamente casos de cirurgia cardio-vascular.

A inobservância desta exigência tem resultado em conclusões de "curas maravilhosas" por parte de assistentes despreparados, as quais não resistem, muito freqüentemente, a uma simples crítica de estudante de medicina.

Assistentes não-médicos poderão ser admitidos, não lhes cabendo porém, modificar as "exigências" nem formalizar conclusões. Médiuns videntes, psicógrafos ou psicofônicos de confiança também poderão ser admitidos, nas mesmas condições, e talvez venham mesmo a esclarecer alguns problemas intercorrentes.

#### **Exigência número 8: ambiente reservado e tranqüilo**

Todos os trabalhos deverão realizar-se em locais reservados e tranqüilos, em salas adequadas de ambulatórios, hospitais e, quando necessário e possível, em sedes de organizações e centros espíritas. Considerando-se que trabalhos espirituais se beneficiam de preparação do ambiente, serão indicados preces, vibrações e talvez música suave de fundo.

#### **Exigência número 9: documentação científica e comunicação ética**

Quando julgados necessários para a boa documentação dos trabalhos e resultados, serão convocados fotógrafos, cinegrafistas e técnicos de som. É importante que estes profissionais sejam alertados para o fato de que estão cooperando em trabalho sério e que nenhum material deverá ser cedido a órgãos leigos de divulgação. É sabido que estes rapidamente influenciam numerosas pessoas necessitadas de cura ou simplesmente atraídas pelo "mistério", as quais passam a tumultuar os trabalhos e a desorientar médiuns com promessas pecuniárias.

A comunicação dos resultados observados, positivos ou negativos, convenientemente documentados, deverá ser feita a sociedades médico-espírita e publicada em periódicos idôneos de espiritismo ou parapsicologia ou de medicina, se a aceitarem.

### **O MÉTODO DO FUTURO E AS CURAS E PSEUDO-CURAS DO PRESENTE**

Como referido na introdução, as "exigências" expostas constituem apenas tentativa de metodizar os procedimentos necessários para afirmar, com boa margem de segurança, a existência da mediunidade curadora. Essas "exigências" poderão parecer excessivas e muito rigorosas para alguns; para outros, pelo contrário, serão ainda insuficientes para tal afirmação. Serão bem-vindas quaisquer críticas que permitam aperfeiçoar o método e comprovar a mediunidade curadora, da mesma maneira que se comprovaram, no passado, as mediunidades de efeitos físicos e intelectuais.

Caberia indagar, antes mesmo da proposição final e da aplicação prática do método, se existem informações publicadas e fidedignas que satisfaçam, pelo menos razoavelmente, às exigências propostas e que permitam desde já admitir a cura por entidades espirituais ou por técnicas espiritistas.

#### **A resposta pode se considerada positiva no terreno da psiquiatria.**

Trata-se, geralmente, de doentes bem diagnosticados, não curáveis espontaneamente, resistentes a todos os processos psico, fisio, e quimioterápicos tentados, observados em ambiente hospitalar adequado por médicos especialistas que têm comprovado a melhoria franca ou mesmo a cura, relativamente freqüente, por

processos espiritistas. Chama-se a atenção para esse termo "processos", pois que não se trata aqui propriamente de "cura por entidades espirituais". Estas são, no caso, as "causadoras" da psicopatia, os chamados "obsessores". As curas devem ser creditadas, portanto, aos doutrinadores encarnados, auxiliados por médiuns videntes, passistas e receiptistas. Ressalvado essa consideração, mais de aspecto semântico, não é hoje possível duvidar-se da existência de psicopatias causadas por espíritos e curáveis por processos de natureza espiritista, como atesta abundante literatura nacional e mundial.

#### **As dúvidas são freqüentíssimas no campo da medicina orgânica e funcional.**

Neste caso o terreno está minado por diagnósticos incorretos ou francamente ridículos, se é que chegaram a ser feitos, por conclusões terapêuticas subjetivas ou objetivas apressadas; por curas reais e duradouras, mas cujos beneficiados omitiram que se valeram dos médicos e cirurgiões da "terra", nesse entretempo. Não faltam os fantasistas de boa fé, que, em sua simplicidade, vêm "curas espirituais", por toda a parte; nem, no extremo oposto, os fraudadores ou mistificadores de vários calibres de fama local, nacional ou internacional.

Nesse terreno repleto de credulidade, de mistificação e de sensacionalismo, a locomoção é muito difícil. Há que encontrar médiuns curadores bastante pacientes para suportar as "exigências" deste ou qualquer outro método; e bastante humildes e resistentes às tentações da fama e do dinheiro.

Enquanto o caminho não for encontrado a "mediunidade de cura" continuará sendo apenas uma autorizada e respeitável "crença". Serão bem-vindas, para eventual publicação, informações dignas de fé colhidas na literatura, que possam transformar essa crença em fatos aceitáveis pela medicina moderna.

### **RESUMO**

A cura de doenças orgânicas e funcionais por entidades espirituais é aceita pela doutrina espírita mas sua comprovação científica é ainda precária. O autor sugere método de trabalho para essa comprovação, baseada em série de "exigências":

- 1 - Diagnóstico preciso e bem documentado;
- 2 - Exclusão de doenças espontaneamente involutivas;
- 3 - Exclusão de doenças psicossomáticas e/ou influenciáveis por psicoterapia;
- 4 - Exclusão de qualquer terapia ortodoxa paralela;
- 5 - Exclusão de qualquer possibilidade de ação pessoal do médium;
- 6 - Avaliação correta dos resultados a curto, médio e longo prazo;
- 7 - Avaliação de todas as exigências por médicos especialistas competentes;
- 8 - Ambientes de trabalhos tranquilos;
- 9 - Documentação científica e comunicação ética.

É muito difícil esse tipo de pesquisa num campo em que proliferam abundantemente a credulidade, a fantasia, a fraude e o sensacionalismo, mas algo deve ser tentado para que a mediunidade curadora possa receber a caracterização científica de que já desfrutam as mediunidades de efeitos físicos e inteligentes, bem como os fenômenos espíritos na psiquiatria.



O autor solicita, para eventual publicação, críticas ao projeto de método proposto e referências da literatura a doentes já curados dentro das exigências desse método.



## CONTRIBUIÇÃO DO ESPIRITISMO PARA AS QUESTÕES DE SAÚDE MENTAL

*Dr. Wilson Ferreira de Mello*

O objetivo do painel é reunir experiências clínicas, ambulatoriais e hospitalares que levem à formulação de uma possível terapêutica espírita - complementar ou independente, alternativa aos processos tradicionais, com relação aos problemas da Saúde Mental.

**1** - Atendendo ao objetivo do painel, deixamos de lado a importância que o Espiritismo apresenta no campo da educação, preparando as criaturas para a vivência sadia e equilibrada e também na área da Higiene Mental, com contribuição bastante avançada no setor da Psicologia.

**2** - Interessa-nos então o problema da doença mental, estudado com profundo interesse pelo Espiritismo e que apresenta características científicas no quadro da patogenia e do diagnóstico, com conseqüências de ordem terapêutica, passível de experimentação clínica. Às doenças nervosas e mentais sem causa orgânica, damos o nome genérico de Obsessão, que dividimos em auto e hetero-obsessão.

**3** - Na auto-obsessão o paciente apresenta estado mental doentio, idéias fixas em alguma coisa, manias, cacoetes, atitudes estranhas, recalques, complexos diversos, delírios e alucinações. Aqui, o paciente é o responsável por toda a sintomatologia e as causas residem nas dificuldades da vida, na educação mal conduzida, nas influências do meio ambiente, nos estados de desnutrição, nas toxicoses e sobretudo, nas causas anteriores, de vidas passadas, gravadas no arquétipo do paciente que se acha lesado ou dessintonizado.

**4** - Na hetero-obsessão há ação persistente que um espírito mau exerce sobre a criatura. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até completa perturbação das faculdades mentais.

Está intimamente ligada à imperfeição moral, que facilita a ação de um espírito mau, em geral sequioso de vingança e cheio de ódio, devido a ação delituosa que sobre ele exerceu o paciente, no pretérito. Na hetero-obsessão há escravização do pensamento por parte do obsessor. Ele não se apossa do corpo do obsedado. Atua sutilmente sobre a sua vontade, usando técnica semelhante à dos hipnotizadores. Apesar de não ter, de início, causa orgânica, a obsessão crônica pode ocasionar sérios distúrbios na área física, inclusive lesões irreparáveis.

A sintomatologia apresentada pelos obsedados é a mesma descrita nos tratados de Psiquiatria e abrange grande parte das entidades nosológicas da classificação psiquiátrica. O espírito obsessor usa os elementos contidos na mente do obsedado e os desencadeia com o fito de determinar comportamento anômalo e ostensivo. Clinicamente é difícil o diagnóstico diferencial entre auto e hetero-obsessão, que pode ser auxiliado por faculdades mediúnicas do médico ou quem atenda o paciente ou por consulta aos mentores do plano espiritual, através de médiuns experimentados. A hetero-obsessão, segundo o grau de constrangimento e a natureza dos efeitos que produz, pode ser dividida em obsessão simples, fascinação e subjugação.

**5** - Tratamento das auto-obsessões: Todo arsenal terapêutico é dirigido diretamente ao paciente. Além das medidas de ordem clínica, visando o equilíbrio orgânico são empregados, segundo as características reacionais e sintomatológicas do paciente: quimioterapia, eletrochoques (raramente), psicoterapia, psicanálise profunda, hipnose médica, fluidoterapia, prece, terapia ocupacional, ludoterapia, musicoterapia, reeducação e outros métodos paramédicos ou paralelos.

**6** - Tratamento das hetero-obsessões: Ao lado de toda a terapia usada nas auto-obsessões, empregar a desobsessão, que é a doutrinação da entidade ou entidades obsessoras. Aqui, sobretudo, entra a colaboração do Espiritismo, com o emprego de novo método terapêutico, que é a desobsessão. Este processo exige a formação de grupos especializados, com médiuns bem desenvolvidos e moralizados e dirigentes capacitados. Uma equipe de desobsessão, além do doutrinador culto e moralizado, necessita de médiuns psicofônicos, videntes e assistentes e a cobertura de assistentes doadores de fluídos. Tem grande importância, neste tipo de tratamento, a orientação dos mentores espirituais, sob cuja direção atuam os que se dedicam à desobsessão.

**7** - O estudo das obsessões se faz cada vez mais necessário tanto no meio espírita como no meio médico. No meio espírita, há aceitação das novas idéias e no meio médico, ainda restrito a poucos profissionais que atuam neste setor, para que haja maior divulgação das modernas idéias no campo da doença mental. O problema é muito mais delicado e complexo do que se pensa. Entregue quase totalmente a pessoas leigas à área médica, que são os espíritas, estes devem se aprofundar mais no seu conhecimento, para que não haja

distorções que prejudiquem os pacientes que procuram o Espiritismo, quase sempre em desespero de causa.

O médico deve sempre ser procurado, para cuidar os distúrbios orgânicos ou de ordem emocional, que atingem os pacientes durante todo o processo obsessivo. O que não deve o médico é se opor frontalmente contra a nova interpretação das doenças mentais e à terapêutica espiritual que vem sendo empregada. Lembremos a frase lapidar do Dr. Inácio Ferreira: *"O maior erro da Medicina oficial terrena é julgar que o túmulo é a última etapa dos seus esforços"*. E não nos esqueçamos, com Emmanuel, que *"as chagas da alma se manifestam através do envoltório humano. O corpo doente reflete o panorama interior do Espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico"*.

**8 -** O número de experiências clínicas, no tratamento das obsessões é grande, mas se apresentam com todas as dificuldades das entidades nosológicas complexas, a exigirem equipes de tratamento longamente treinadas, que tenham profundo amor pelos pacientes e dedicação à sua tarefa.



## A SAÚDE ESPÍRITA NO FINAL DO SÉCULO XX

José Fernandes

Notícias divulgando os mais variados regimes alimentares surgem, de quando em vez ressaltando as vantagens dessa ou daquela forma de alimentação, como o fator de saúde para o ser humano. Por exemplo: vegetariana, macrobiótica e outras.

Diante disso surgem-nos perguntas.

- E nós, espíritas, como devemos buscar a saúde?
- Será que precisamos buscar noutras fontes religiosas a orientação necessária para obter saúde?
- Devemos dar ou não muita importância à alimentação do corpo para obter saúde?

Quer-nos parecer que o primeiro passo, para obtenção de respostas, deverá ser dado na direção das Obras Básicas.

Que diz o Evangelho? Lá encontramos o esclarecimento no tocante à relação existente entre o corpo e a alma (espírito encarnado), evidenciando que importa cuidar de ambas por serem necessários um ao outro.

Recomenda, ainda o Evangelho, nos cuidados do corpo atender-nos às necessidades que a própria Natureza indica. Então, fica demonstrado que o Espírita deve cuidar de seu corpo inclusive no tocante à alimentação por ser uma necessidade indicada pela Natureza.

E a respeito de alimentação, que diz O Livro dos Espíritos?

A pergunta 723 está assim feita:

-*"A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à Lei da Natureza?"*

Resposta:

*"Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças, e suas saúdes para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme reclame a sua organização".*

Na parte final da resposta, situa-se a essência da recomendação: **Tem que se alimentar conforme reclame a sua organização.**

É de todos conhecido que a carne bovina, como proteína animal é das mais completas. Mas há proteínas completas no peixe, ovos e leite. E existem proteínas vegetais que podem substituir, com vantagens, as proteínas de origem animal.

Naturalmente que na Codificação não seria cabível falar em proteínas, por ser um termo relativamente novo.

Temos que considerar, também, que o progresso se faça inclusive no tocante às necessidades do corpo, admitindo-se que no correr do tempo essas necessidades possam ir-se modificando e sempre para melhor.

Em termos atuais, Emmanuel nos diz, através de mediunidade de Francisco Cândido Xavier: *"As proteínas, os hidratos de carbono e as gorduras constituem as matérias primas para a produção de calorías necessárias à conservação do corpo e não deverão ser ingeridas de modo a prejudicar-se o metabolismo".*

Haverá discordância entre a afirmativa de Emmanuel e a Codificação?

Nenhuma.

O que há é uma atualização de palavras em consequência dos novos conhecimentos adquiridos pela Humanidade.

Emmanuel diz que precisamos de proteínas mas não diz que precisamos de usar carne na nossa alimentação. Isto porque, neste final do século vinte o ser humano sabe que pode encontrar proteínas, com vantagens em outras fontes que não sejam as carnes dos animais.

A Codificação ao referir-se à carne não podia prever que este termo, no vocabulário no final do século XX seria empregado especificamente para denominar a carne bovina. Da mesma maneira que não podia prever que o bovino dos nossos dias viesse a ser tratado com antibióticos e hormônios que terminam chegando de modo prejudicial, ao ser humano, pela alimentação.

E embora não tivesse previsto a descoberta das proteínas de origem vegetal, a Codificação deixa claro que a Doutrina se ajustaria às futuras descobertas que o progresso fizesse.

Hoje o ser humano sabe que a carne dos animais não é a alimentação ideal, embora alguns organismos

ainda precisem dela.

Mesmo sabendo que a carne dos animais não é o alimento ideal neste final de século, não se pretende que todos aqueles que ainda usam essa alimentação deixem-na de um dia para o outro.

A respeito disso, há uma afirmativa bem oportuna dos nossos Mentores Espirituais: *"Não é deixando de comer carne que a pessoa se espiritualiza mas espiritualizando-se é que a vai deixando"*.

Temos ainda que admitir, em caráter de exceção a existência de pessoas que já adquiriram considerável espiritualização embora os seus corpos físicos ainda possam reclamar à carne na alimentação.

Tratando-se de hábito adquirido ao longo do tempo e que se vem transmitindo de uma para outra encarnação, envolvendo possivelmente séculos, não se pretende que todas as pessoas em tais condições, deixem imediatamente de se alimentar da carne dos animais. Mas aquelas que puderem ir diminuindo a quantidade já estarão fazendo algo de considerável nesse pretendido progresso no tocante à alimentação.

Se formos diminuindo a quantidade de carne de animais da nossa alimentação poderemos, talvez, ainda nesta encarnação deixá-la de todo. Mas, mesmo sem deixar de todo, o processo continuará na encarnação seguinte, já grandemente facilitado, pelas providências iniciadas nesta.

E até mesmo na vida espiritual, depois do nosso desencarne, essa providência de agora poderá ser-nos útil, segundo sugere-nos Humberto de Campos, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Diz ele assim: *"Comece a renovação dos seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam, muito longe dos nossos antepassados, os tamoiós e os calapós, que se devoravam, uns aos outros"*.

Diante dessas considerações, surge a pergunta: Mas afinal, qual é a melhor alimentação para o espírita?

Quer-nos parecer que a resposta varia de pessoa para pessoa. Há que se admitir que muito de nós estamos em diferentes degraus na escala evolutiva, física e espiritualmente, isto porque o ser humano terrestre ainda não atingiu a etapa final de sua evolução.

Porisso, aquilo que é bom para um pode não ser para outro. E como saber?

Procurando sentir o próprio corpo. Nele estará a resposta. Se a pessoa tiver saúde com esta ou aquela alimentação é porque ela está adequada para as suas necessidades orgânicas. Mas ... o que é saúde?

Segundo conceito já afirmado, saúde é: *"Não apenas a ausência da doença mas um bem estar físico, mental e social"*.

Se o ser humano sente o bem estar do corpo, da mente e satisfeito está no meio ambiente onde vive, então ele está com saúde, segundo aquele conceito.

Para nós, espíritas, talvez o conceito de saúde pudesse ser considerado um bem estar espiritual, até mesmo na doença do corpo físico.

Dessa hipótese, pode surgir a seguinte pergunta:

-Então para se obter saúde não se deve procurar um médico?

O espiritismo tem o mais profundo respeito pela Medicina Acadêmica. E quando uma pessoa chega ao Centro Espírita procurando alívio para suas dores físicas, a nossa primeira pergunta deve ser se já foi ao médico.

O remédio passado pelo médico tomado na dose exata e no momento recomendado pode ajudar a salvar uma vida.

Mas temos que considerar que o médico e os remédios ajudam na cura das doenças mas a saúde é cada um que tem de buscar, com seus próprios esforços e discernimentos, embora algumas vezes com a ajuda do médico.

Para o espírita, o bem estar espiritual é mais importante que o bem estar físico e o social, porque estando bem espiritualmente o ser humano suporta melhor as dificuldades que lhe possam advir do corpo físico e do meio ambiente em que esteja vivendo.

Emmanuel ajudando-nos na obtenção da saúde assim diz: *"Temos de reconhecer a imprescibilidade da saúde moral, antes de atacarmos o enigma doloroso das enfermidades físicas do homem"*.

*"A saúde humana nunca será o produto de comprimidos, anestésicos, soros, de alimentação artificialíssima. O homem terá de voltar os olhos para a terapêutica natural, que reside em si mesmo, na sua personalidade e no seu ambiente"*.

Diante dessa afirmativa de Emmanuel, a respeito da saúde moral, ocorre-nos uma indagação:

- Não seria por ter a saúde moral em toda sua plenitude que o do Mestre nunca se tenha tido notícia de doenças, desde o nascimento até a crucificação?

Pelo que diz Emmanuel, pode se admitir que, procurando a saúde moral, o ser humano, pelas aquisições que faz, encontra o discernimento que lhe possibilita a saúde do corpo.

E até mesmo quando a saúde do corpo não é possível obter, o ser humano saudavelmente desenvolvido no terreno moral suporta com tranqüilidade e em paz todas as dificuldades que se lhe apresentem.

Ele passa a saber o que lhe faz bem à saúde do corpo e adquire forças para evitar aquilo que não lhe convém.

Assim podemos afirmar:

- O Espírita deve cuidar do corpo e da alma;
- A alimentação é importante fator de saúde para o corpo;
- A saúde moral é de todas a mais importante;
- O Espírita pode encontrar na Doutrina a orientação necessária para conseguir sua saúde, não havendo necessidade de recorrer a outras fontes religiosas.

Finalmente: *"Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrasse estar em erro a cerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará".*





# EXPERIÊNCIAS CONCRETAS SOBRE A FORÇA DO PENSAMENTO

Caio Atanácios Petro Salama

Antes de apresentar as experiências concretas sobre a Força do Pensamento, foram feitas as seguintes considerações:

1 - embora a grande maioria das pessoas tenha interesse nos fenômenos espíritos, são bem poucas as que se aprofundam na pesquisa dos mesmos;

2 - o Espírito, em geral, não tem grande poder de concentração, exceções feitas nos poucos minutos de prece ou de vibração;

3 - o Espírito apresenta dificuldade em coordenar as forças mentais em outras situações que não são as citadas no item acima;

4 - tendência em concentrações genéricas (amor, paz, etc) em detrimento a concentração mais definida, sem abstrações;

5 - dificuldade da pessoa em se concentrar durante 30 minutos em um enfoque definido que os demais componentes do grupo.

A finalidade das experiências a seguir relatadas é a utilização das forças pensamentos para atingir determinados objetivos, sem cair no campo do ocultismo.

É importante salientar que as 12 experiências foram feitas todas com 7 pessoas (5 homens e 2 mulheres), com 6 pessoas numa sala e 1 noutra, em ambientes totalmente incomunicável.

## PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, coisas boas, mensagens de amor e de bem estar geral.

**b** - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 1ª. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva, doutrinando o próprio pensamento, para receber tudo de bom que o grupo lhe endereçasse.

**d** - Resultado: no início sentiu-se envolvida por uma sensação agradável e com o passar dos minutos essa sensação foi gradativamente aumentando, até o ponto culminante, quando sentiu-se como que flutuando no ambiente.

## SEGUNDA EXPERIÊNCIA

**a** - 6 pessoas emitindo com toda intensidade possível de seus pensamentos, coisas boas, mensagens de amor e de bem estar geral.

**b** - A receptora não sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 2ª. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva às vibrações enviadas pelo grupo, porém não poderia conduzir seus pensamentos nem ao lado positivo nem ao lado negativo; teria que ficar neutra, para captar o que fosse enviado, sem sua influência em nada.

**d** - Resultado: Sentiu sensações agradáveis, numa intensidade mediana e praticamente constante durante todo o período da experiência.

## TERCEIRA EXPERIÊNCIA

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, coisas boas, mensagens de amor e bem estar geral.

**b** - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 3ª. experiência, ela estava programada a ficar totalmente neutra, não sendo receptiva às vibrações recebidas, procurando controlar o pensamento, desviando-se a enfoques já pré-determinados, e emitindo mensagens a si própria, afirmando que não seria influenciada em hipótese alguma pelos pensamentos positivos que aquele grupo de pessoas estava transmitindo.

**d** - Resultado: a receptora manteve seu estado físico, psíquico e emocional estável, não sentindo nenhuma influência ou circunstância anormal, que merecesse se registrada.

#### **QUARTA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, vibrações negativas, visando que a receptora sentisse mau estar orgânico, dor de cabeça, estado psíquico depressivo e outras variáveis negativas.

**b** - A receptora foi informada de que iria receber um tipo de mensagem, mas na realidade o grupo enviaria exatamente o oposto.

**c** - Nesta 4a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva às ótimas vibrações que o grupo lhe enviaria, porém, na realidade o grupo iria enviar más vibrações, como desejo que ela sentisse mau estar, dor de cabeça, estado geral depressivo e outras variáveis negativas.

**d** - Resultado: desde o início foi sentindo-se bem, apenas causando-lhe espanto, algumas incidências negativas, que não lhe prejudicavam o estado geral, porém, não a deixavam atingir estágio maiores de felicidade.

#### **QUINTA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas emitindo com toda intensidade possível de seus pensamentos, coisas boas, mensagens de amor e de bem estar geral.

**b** - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 5a. experiência, a receptora apesar de ter conhecimento dos bons pensamentos e vibrações de que seria alvo, cria um estado psíquico depressivo, através de informações negativistas com pessimismo predominante, achando que as boas vibrações não seriam suficiente para melhorar o seu atual estado.

**d** - Resultado: nessa experiência, muito suavemente interferia no seu estado um estágio de bem estar, porém, predominavam suas vibrações negativas, causando-lhe um cansaço físico e depressão.

#### **SEXTA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas não emitindo nenhum pensamento ou vibração em relação à receptora, procurando manter-se dentro da maior naturalidade possível.

**b** - A receptora foi informada erroneamente que receberia emissões vibratórias e de pensamento, positivas.

**c** - Nesta 6a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva, doutrinando o próprio pensamento, para receber tudo de positivo que o grupo lhe endereçava.

**d** - Resultado: Envolta por agradável estado psíquico e emocional, sentiu um grande fluxo de paz, alegria e bem estar.

#### **SÉTIMA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, vibrações negativas, visando que a receptora sentisse mau estar orgânico, dor de cabeça, estado psíquico depressivo e outras variáveis.

**b** - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 7a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva, coordenando seu pensamento, para receber todas as vibrações negativas que o grupo lhe endereçava.

**d** - Resultado: após o término do teste, teve-se que aguardar quase duas horas, para que a senhora se recobrasse de uma fortíssima dor de cabeça e de um mau estar, que chegou a provocar-lhe tonturas e ânsias de vômito.

#### **OITAVA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, vibrações negativas, visando que a receptora sentisse mau estar orgânico, dor de cabeça, estado psíquico depressivo e outras variáveis negativas.

**b** - A receptora não sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

**c** - Nesta 8a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva às vibrações enviadas pelo grupo, porém não poderia conduzir seus pensamentos nem ao lado positivo nem ao lado negativo, teria que ficar neutra, para captar o que fosse enviado, sem sua influência em nada.

**d** - Resultado: sentiu dor de cabeça e um pequeno mau estar e ao final da experiência de imediato detectou a característica de vibrações que o grupo lhe enviara.

#### **NONA EXPERIÊNCIA**

**a** - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, vibrações negativas, visando que a receptora sentisse mau estar orgânico, dor de cabeça, estado psíquico depressivo e outras variáveis negativas.

**b** - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

c - Nesta 9a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente neutra, não sendo receptiva às vibrações recebidas, procurando controlar o pensamento, desviando-o a enfoques já pré-determinados, e emitindo mensagens a si própria, que não seria influenciado em hipótese alguma pelos pensamentos positivos que aquele grupo de pessoas estava transmitindo.

d - Resultado: a receptora manteve seu físico, psíquico e emocional estável, não sentindo nenhuma influência ou circunstância anormal, que merecesse ser registrada, apesar de ter registrado por sua sensibilidade, as ondas de pensamentos negativos que eram enviadas.

#### **DÉCIMA EXPERIÊNCIA**

a - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, coisas boas, mensagens de amor e de bem estar geral.

b - A receptora foi informada de que teria receber um tipo de mensagem, mas na realidade o grupo enviaria exatamente o oposto.

c - Nesta 10a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva às vibrações negativas que o grupo lhe enviaria, porém, na realidade o grupo iria enviar boas vibrações, mensagens de amor e de bem estar geral à companheira.

d - Resultado: desde os primeiros minutos da experiência, foi sentindo um razoável mau estar, mas causava-lhe espanto, o fato de que às vezes, haviam ondas positivas que minimizavam aquele estado.

#### **DÉCIMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA**

a - 6 pessoas emitindo com toda a intensidade possível de seus pensamentos, vibrações negativas, visando que a receptora sentisse mau estar orgânico, dor de cabeça, estado psíquico depressivo e outras variáveis negativas.

b - A receptora sabia o tipo de mensagem que seria transmitida.

c - Nesta 11a. experiência, a receptora apesar de ter conhecimento dos maus pensamentos e vibrações negativas de que seria alvo, cria um estado psíquico positivo através de informações positivas com otimismo predominante, supondo que as más vibrações não seriam suficiente para prejudicar o seu estado atual.

d - Resultado: algumas vezes durante aqueles minutos, sentiu algo que a incomodava, mas quando isso ocorria, fixava o seu pensamento em alegria, bem estar, e por isso por nenhum momento fraquejou, não sendo atingida pelos fluidos negativos, mantendo seu estado geral de satisfação e bem estar.

#### **DÉCIMA SEGUNDA EXPERIÊNCIA**

a - 6 pessoas não emitindo nenhum pensamento ou vibrações em relação à receptora, procurando manterem-se dentro da maior naturalidade possível.

b - A receptora foi informada erroneamente que receberia emissões vibratórias e de pensamentos negativos.

c - Nesta 12a. experiência, ela estava programada a ficar totalmente receptiva, doutrinando o próprio pensamento, para receber todas as vibrações negativas que o grupo lhe endereçaria.

d - Resultado: foi gradativamente sentindo-se em estado geral positivo, culminando quase ao final da experiência, com seu corpo todo tremendo e tendo calafrios.

Em síntese, é importante saber que todos nós somos fontes emissoras, porém sem saber utilizar as nossas forças pensamentos, que podem ser treinadas adequadamente e utilizadas em nova vida diária, não abrindo mão em hipótese alguma da codificação Kardequiana, fazendo com que os espíritos, além da parte doutrinária, que já se pressupõe, seja verificado no seu cotidiano, possam ser constantemente, sem programação prévia, fontes emissoras de bons fluidos e vibração, emanando em todas as horas e circunstâncias, bons pensamentos e cargas energéticas positivas aos seus semelhantes, independente dos seus momentos de preces e vibrações.



# MORAL OU RELIGIÃO

Natalino D'Oliveira

## Parte I - Moral

---

### Introdução

- 1 - Definições
- 2 - Natureza da moral
- 3 - Tipos de moral
- 4 - As leis morais
- 5 - Jesus e as Leis morais
- 6 - Consciência moral
- 7 - A Religião como base da moral
- 8 - Conclusão

## Parte II - Religião

---

- 1 - O que é Religião
- 2 - Origem da Religião
- 3 - Modalidade da Religião
- 4 - A revelação espírita
- 5 - Espiritismo e culto
- 6 - A doutrina é o fundamento da moral
- 7 - Espiritismo e Cristianismo
- 8 - O Espiritismo instituirá a verdadeira Religião
- 9 - Espiritismo é Religião
- 10 - Moral ou Religião (Conclusão)

# INTRODUÇÃO

## Moral ou Religião?

Qual das duas deve prevalecer no comportamento daquele que procura se descobrir, no justo anseio de se aprimorar espiritualmente? E qual das duas deve prevalecer num corpo doutrinário que sirva de diretriz a esse aprimoramento?

A resposta está condicionada aos conceitos que se tem desses termos, visto que toda resposta conclusiva decorre da premissa estabelecida e esta, sem dúvida, parte da idéia que se faz do objeto estudado.

Procuramos colocar as coisas de forma bem clara, ou didática tanto quanto possível, permitindo que todos percebam e sintam que a nossa afirmativa decorre de uma premissa depois de devidamente analisada à luz dos fatos e dos testemunhos dos pesquisadores.

Dentro do conceito que vamos estudar o assunto, podemos afirmar que Religião e Moral são dois termos vinculados, isto é, um está ligado ao outro, não se admitindo, portanto, que a Religião sobreviva sem a Moral ou esta sem aquela. A Moral não substitui a Religião, mas depende dela. Vamos analisar em que se fundamenta esta afirmativa. Para isto partimos das definições etimológicas e lógicas.

## PARTE I - MORAL

### 1 - Definição

O termo **Moral** deriva do latim *mos, moris* e significa "costume".

Geralmente é confundido com **Ética** - do grego "ethos", ação, devido ao sentido semelhante que ambos possuem na origem.

A Moral trata, dentro da filosofia, dos deveres morais do homem, dos seus costumes, bem como das suas diferentes formas de comportamento dentro do grupo. Ela reúne "normas associadas a idéias sobre formas lícitas e ilícitas de comportamento aceitas e sancionadas por uma determinada sociedade". A Ética é parte da Moral e é um produto da reflexão filosófica sobre os costumes, tendo um sentido especulativo. Representa um estudo dos fundamentos da Moral. Moral e Ética se completam no "estudo da ação humana enquanto livre e pessoal. Sua finalidade é traçar normas à vontade na sua inclinação para o bem".

A Moral é definida como a "ciência das leis ideais da atividade livre do homem", ou ainda a "ciência que trata do emprego que o homem deve fazer de sua liberdade, para conseguir seu fim último". Podemos dizer que a Moral é "ciência do bem e do mal", a "ciência dos deveres e das virtudes", a "ciência do destino humano".

O Espiritismo define a Moral como a "regra de bem se conduzir, quer dizer, para a distinção entre o bem e o mal e funda-se na lei de Deus".

### 2 - Natureza da Moral

Com relação a sua natureza precisamos distinguir aqui o sentido em que a Moral é estudada, ou que tipo de manifestação é atribuído a ela.

Existem as chamadas "ciências morais" concernentes às diversas manifestações da atividade humana, individual e coletiva e estudam os fatos morais ou as leis empíricas da conduta humana. No seu estudo é empregado o método misto *experimental* ou indutivo e *racional* ou dedutivo, com o objetivo de formular as leis da atividade moral.

Embora a Moral seja denominada de ciência moral, ela não constitui propriamente uma ciência e conseqüentemente não existe uma moral científica. Se fosse uma ciência, seria uma ciência da natureza e perderia o seu caráter normativo. Por outro lado, já existe uma ciência que trata do comportamento humano, que é a Psicologia e a Psicologia Social engloba todas as manifestações do comportamento humano. Entraria, evidentemente, em conflito na determinação do objeto. Desta forma, quando se fala em ciência moral, não quer dizer que ela seja uma ciência, mas simplesmente um "sistema de conclusões certas fundadas sobre princípios universais".

Outro sentido tem quando a denominamos de ciência moral ou ciência normativa porque não trata de fatos empíricos mas implica, como diz R. Jolivet, em noções de bem e de mal, de dever, de responsabilidade, de mérito, de sanção, de direito, de justiça, de *juízos de valor*, de *sentimentos*, como a satisfação do dever cumprido, o pesar e o remorso pelo dever violado, a obrigação de reparar, etc., que formam o conteúdo da consciência moral, e constituem o *fato moral*.

"O *fato moral* se distingue de todos os outros fatos, porque comporta a enunciação do que *deve ser*,

enquanto os outros fatos significam simplesmente *o que é*”.

“O fato moral é universal e caracteriza a espécie humana. Em toda parte, e sempre, os homens admitiram a existência de valores morais, distintos dos valores materiais, e se reconheceram submetidos a leis morais, distintas das leis físicas, e dirigidas a um ideal moral. Renunciar a estas noções seria renunciar à humanidade e descer ao nível dos animais irracionais.” (R. Jolivet - Curso de Filosofia, pág. 362).

Não obstante ser a Moral uma ciência essencialmente prática, tendo por matéria os atos, as vontades, as intenções, a ação, enfim, seu caráter é especulativo, tratando-se mais de um problema racional e filosófico, que visa à formulação de princípios universais, referentes à atividade prática, razão pela qual ela se define como *ciência normativa*. Ciência, enquanto procede por princípios universais e *normativa*, enquanto estes princípios governam a ação.

Para a formulação de princípios universais é preciso conhecer profundamente a natureza humana. E, não há dúvida que nesse estudo há necessidade de se conhecer a realidade do homem, sua essência, sua origem, sua natureza, seu destino, e para este conhecimento é indispensável a Metafísica.

Do comentário de Kardec às questões de 614 a 617-a, de **O Livro dos Espíritos**, destacamos o seguinte trecho:

“Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.”

### 3 - Tipos de moral

Embora a palavra *moral* venha de *mores* (costumes), ela não se restringe ao estudo dos costumes, numa definição sociológica proposta por Durkheim. Ela é mais abrangente. Os costumes mudam. Os comportamentos dos homens mudam. A moral propriamente dita não muda, porque se baseia em princípios imutáveis.

Tendo em vista a conotação social que a etimologia da palavra sugere, restringindo o seu significado, estabelecemos dois tipos de moral, conforme propõe Henry Bergson, citado por Herculano Pires, em oportuno comentário à questão 637, de **O Livro dos Espíritos**:

- a) Moral fechada - que decorre da coação social e
- b) Moral aberta - que é individual e não se sujeita a convenções.

A primeira é relativa, porque é convencional, sendo portanto, variável entre os povos. A segunda é individual e absoluta, porque é ditada pela inspiração universal do bem, pela lei de Deus gravada nas consciências.

O que muda é a *moral relativa e social*, porque ela é *fechada* e está ligada aos costumes. A moral absoluta, que é aberta, não está sujeita a convenções, *não muda*. É a mesma em qualquer época.

A moral evangélica, porque é absoluta nos princípios é aberta na aspiração e compreensão de cada um. Ela representa na promoção espiritual uma luz no caminho.

### 4 - As leis morais

As leis morais são consideradas no **Livro dos Espíritos** como naturais e divinas e compreendem as leis sobre a *adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade*, e, por fim, *a da justiça, amor e caridade*.

Todas essas leis são morais e naturais e suscitam um elenco de questões abrangendo toda a situação da vida humana, desde o nascimento até a morte física do ser. São naturais porque estão na natureza, fazendo parte do instinto e das tendências humanas, visto que estão escritas na consciência e todas visam o progresso, destacando-se a última como a mais importante, ou seja, a lei de justiça, amor e caridade.

Não podemos analisar aqui, com profundidade, como seria desejável, todas essas leis, mas podemos afirmar, desde que aceitemos essas leis como naturais e divinas, que elas são ontológicas nas suas origens, transcendendo ao aspecto social. E são os próprios Espíritos que nos induzem a pensar assim, conforme resposta dada nas questões 614 e 617 de **O Livro dos Espíritos**, onde afirmam que a “lei natural é a lei de Deus e a única verdadeira para a felicidade do homem”, pois é ela que indica “o que deve fazer e o que não deve fazer”, sendo o homem infeliz “quando dela se afasta”. “Todas as leis da Natureza são leis divinas, porque Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as leis da alma”.

Na questão 625, os Espíritos mostram a confusão que os homens fizeram das leis divinas com as leis humanas, criando princípios falsos, numa tentativa de aproximação destas àquelas.

No estudo das leis morais notamos que os Espíritos e Kardec vinculam as leis a Deus, do qual emanam

regendo o espírito e a matéria no seu relacionamento com ele e com o mundo. Essas leis são consideradas eternas, imutáveis e estão escritas na natureza e na consciência de cada um. Por isto elas são transcendentais, imanes e ontológicas.

Deus transcende à Natureza, embora esteja imanente nela. O espírito nasce pela lei e com a lei, visto que é portador da natureza divina, mas só se identifica com ela com a evolução da consciência. E todas as formas de normas que regulamentam o comportamento expressam simplesmente um estágio evolutivo da consciência. É muito comum, em virtude da limitação dessa consciência, criar normas, de acordo com sua compreensão, para as suas insipientes manifestações mentais, espirituais, biológicas e sociais, numa tentativa de disciplinar muitos fenômenos que ele não entende.

Da resposta à questão 626, destacamos o seguinte:

"Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las desde os séculos mais distantes. Por seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos ou alterados, pela ignorância e a superstição".

## 5 - Jesus e as leis morais

Kardec perguntou aos espíritos qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo. Os Espíritos responderam: "Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo ofereceu como mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei porque ele estava animado do Espírito divino e foi o ser mais puro que apareceu na Terra".

Na questão 627, pergunta-se qual a utilidade do ensinamento dado pelos Espíritos, o que nos têm eles a ensinar, uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, ao que os Espíritos responderam:

"O ensino de Jesus era freqüentemente alegórico e em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois, explicar e desenvolver essas leis, tão poucos são os que compreendem e ainda menos os que as praticam. Nossa mensagem é a de despertar os olhos e os ouvidos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que afetam exteriormente a virtude e a religião para ocultar as suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão. Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus animado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém venha a interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade."

Jesus é o nosso modelo, nosso guia, porque ele foi o portador da sabedoria, da verdade e sintetiza na prática todas as virtudes. Ele propõe: "Sede perfeitos como perfeito é vosso Pai." E é claro que para que possamos atingir essa perfeição, como homem e como espírito, precisamos cultivar aquelas virtudes que dela nos aproximam, como: a justiça, o amor, a caridade, a fé, a esperança, a benevolência, a misericórdia, a humildade, a mansidão, enfim aqueles deveres todos que nos integram em Deus e permitam nos relacionar bem com o mundo e com os homens aproveitando ao máximo as experiências da vida tendo em vista à perfeição moral do espírito. Cultivar essas virtudes e afastar os vícios do corpo, da mente e do espírito, como os maus hábitos, as drogas, a maledicência, o orgulho, a vaidade, a ambição, a gula, a intemperança e a indisciplina e todos os condicionamentos que tornam o espírito infeliz. E toda a Doutrina é uma proposta de melhoria do homem em todos os sentidos. Tudo o que se faz tem por objetivo o aprimoramento moral.

Dizem os Espíritos, na resposta à questão 918:

"O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que queria que os outros lhe fizessem".

## 6 - Consciência moral

Para entendermos o que é consciência moral, precisamos primeiramente saber o que é consciência. Qualquer manual ou tratado de Filosofia ou Psicologia nos dá sua definição. Para evitar prolixidade, dizemos apenas: "A consciência psicológica é o poder que possui o espírito de se perceber a si mesmo. É a intuição que um ser tem das modificações que nele se processam".

Léon Denis diz o seguinte:

"A consciência é, como diria W. James, o centro da personalidade, centro permanente, indestrutível,

que persiste e se mantém através de todas as transformações do indivíduo. A consciência é não somente a faculdade de perceber, mas também o sentimento que temos de viver, agir, pensar, querer. É una e indivisível."

Ela apresenta, em sua unidade, vários aspectos ou planos físicos, confundindo-se com aquilo que a Ciência chama de *sensorium*, ou seja, a faculdade de concentrar as sensações externas, coordená-las, defini-las, perceber-lhes as causas e determinar-lhes os efeitos.

"Pouco a pouco - diz Léon Denis - pelo próprio fato da evolução, essas sensações vão-se multiplicando e apurando, e a consciência intelectual acorda. Daí em diante não terá limites seus desenvolvimentos, pois que poderá abraçar todas as manifestações da vida infinita. Então desabrocharão o sentimento e o juízo e a alma compreender-se-á a si mesma; tornar-se-á, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Na multiplicidade e variedade de suas operações mentais terá sempre consciência do que pensa e quer." (Léon Denis - O Problema do Ser, do Destino e da Dor - terceira parte - Cap. IX).

Agora, podemos entender melhor o que é consciência moral. E ainda nos valemos da explicação de Léon Denis que continua:

"O 'eu' afirma-se, desenvolve-se e a personalidade completa-se pela manifestação da consciência moral ou espiritual. A faculdade de perceber os efeitos do mundo sensível exercer-se-á por modos mais elevados; converter-se-á na possibilidade de sentir as vibrações do mundo moral, de discriminar suas causas e leis. É com os sentidos internos que o ser humano percebe os fatos e as verdades de ordem transcendental. Os sentidos físicos enganam, apenas distinguem a aparência das coisas e nada seriam sem o "sensorium" que agrupa, centraliza suas percepções e as transmite à alma; esta registra tudo e tira o efeito útil. Abaixo, porém, deste *sensorium* superficial, há outro mais fundo, que distingue as regras e as coisas do mundo metafísico. É nesse sentido profundo, desconhecido, inutilizado para a maior parte dos homens, que certos experimentadores designam pelo nome de consciência subliminal".

Tomas Enríquez fez um estudo sobre o assunto afirmando com muita propriedade que a consciência moral não pode ser identificada com consciência biológica, instintiva, psicológica e autônoma. Embora esses tipos de consciência sejam úteis à promoção humana são decorrentes das tendências canalizadas por costumes, hábitos e ações que criam regularidade e continuidade. E qualquer definição de consciência moral relacionada com esses tipos de consciência é falsa, porque se atém à periferia dos fenômenos.

"Consciência moral" é um fenômeno, diz ele, *teônimo*. A palavra "teônimo" vem do grego "theos" = Deus e "nomos" = lei. Lei Divina. É um fenômeno de Lei Divina e simultaneamente de nós. É um fenômeno que consiste no apelo interior de Deus e na resposta íntima, pessoal do homem".

"A Deus se encontra através da consciência moral. É por ela que chegamos a ser o que somos: homens responsáveis, autônomos, num contínuo *vir-a-ser-mais*. Os atos morais nos tomam homens. A consciência moral é o fundamento de todo desenvolvimento autêntico, uma vez que a moral atinge e abrange todas as dimensões humanas em relação a Deus, aos outros e ao mundo".

"A consciência moral" é o núcleo mais profundo da pessoa; ela nos proporciona a possibilidade de sermos "homens", ser relacional e responsável. É a expressão *máxima* do ser humano. Ela constrói o homem em toda sua profundidade e torna-o capaz de responder o "sim" ao chamado de Deus abrangendo a totalidade da pessoa".

"A "consciência moral" é a norma próxima, o juízo decisivo do agir em qualquer dos seus comportamentos conscientes: Social, religioso, econômico, familiar... Ela é o fenômeno *teônimo* que se nos guia para uma humanização perfeita, para a auto-personalização responsável à promoção integral". (Tomas Enríquez - *Ser mais*, Cap. 5).

Sócrates - filósofo grego - disse: "Conhece-te a ti mesmo". É uma forma pela qual podemos conhecer o nosso comportamento diante das leis, se estamos ou não as observando. A consciência mais profunda é a consciência moral. É a autocrítica que leva a desenvolvê-la, a despertá-la. A consciência moral não se identifica inteiramente com as normas estabelecidas e que regulamentam as manifestações de alguns fenômenos psicológicos, biológicos e sociais, considerados normais. Ela está ligada a tudo isto evidentemente, mas é mais crítica, é mais profunda e mais abrangente, não permitindo a racionalização dos erros diante das normas aprovadas pela sociedade. Há muitas coisas que ocorrem contrárias às leis de Deus, às leis naturais e que no entanto, são aprovadas pela sociedade. Por outro lado, há coisas ou fatos também que ocorrem e que não há normas estabelecidas para efeito de julgamento, mas que o espírito sabe, pela lei que está na sua consciência, que não estão certos, os quais têm reflexo imediato, pela desarmonia provocada no corpo e na mente. Diante disto, podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que Deus é o fundamento das leis morais e da consciência moral. Sem Deus, a moral não tem conteúdo.

## 7 - A Religião como base da moral

Não é alguém, não é uma instituição, não é a sociedade, não é o Estado que desempenha o papel da religião ou da consciência, porque são constituídos de homens que inspiram as normas e, mesmo porque,



essas normas não abrangem todos os atos humanos. Por outro lado, onde iriam haurir os conhecimentos mais profundos para fazer as normas. Como poderiam dizer a cada homem, a cada criatura, o que é bem e o que mal. O Estado é parte da sociedade e apenas reflete as opiniões desta. A consciência de cada homem é o guia e não há normas criadas capazes de impedir o erro quando a consciência moral deixa de ser o guia. Não podemos permitir que cada um faça o que quer, sem observar as normas éticas e morais a pretexto de seguir a sua consciência. Em virtude de haver muitos tipos de consciência, é preciso muita cautela ao aceitar a consciência como guia seguro da conduta individual e da coletividade. Não afastamos a hipótese de ela ser o guia, mas precisa ser educada pela religião que aborda com profundidade as leis, os preceitos que devem ser seguidos. Há necessidade de se refletir sobre isto, porque todos sabem que há vários tipos de consciência. Se não alicerçarmos a Moral em Deus e na Religião, teremos tantos comportamentos quantos sejam os tipos de consciência. Falar em moral, sem falar em religião que tenha princípios ou uma concepção de vida, não significa nada, não leva a nada, não tem compromisso com nada, perdura enquanto perduram alguns interesses que justificam essa moral. É muito discutível quem define a consciência como a *própria voz da razão*, pois todos sabemos que a razão procede de diversas maneiras, sempre de acordo com o grau de instrução, de formação, enfim de preparação de cada um.

## 8 - Conclusão

O uso constante torna-se *costume*. A moral surge do costume, do consenso do povo, que acaba sendo regulamentado pelo governo. No início a moral, os costumes, se confundiam com a religião. Nos livros sagrados havia regras de conduta individual e coletiva. Nesse sentido, mais tarde, a moral se *laicizou*, isto é, tornou-se leiga, independente da religião. O indivíduo é moral quando segue a moralidade dos costumes sem estar ligado a qualquer religião. Mas é preciso entender que a moral dos costumes, embora seja uma cristalização dos séculos, representa uma conquista da civilização, fundamentada em vários tipos de cultura, dos quais não se pode afastar a concepção ética da causa e dos efeitos. Muitas coisas consideradas sagradas se tomaram vulgares. A profanação, todavia, não elimina as suas raízes profundas. Vestir-se pode ser um costume corriqueiro e comum e aparentemente não ter nenhuma conotação moral. Mas se alguém andar nu, ainda que seja em caráter experimental, será preso por ferir os costumes, os princípios sociais ou morais, depois de testada sua sanidade mental. E não faltará quem o chame de "sem-vergonha" ou "debochado". Por que? O índio anda nu e ninguém diz nada. Por quê? Por que numa comunidade o nudismo é aceito e em outra é criticado e não se permite?

As leis jurídicas e sociais nascem da lei moral e esta dos costumes os quais são o condicionados e cristalizados pelo uso. E o uso nasce de um princípio ou lei natural. O seguinte texto de Kardec esclarece bem esta questão:

"Com o desenvolvimento das idéias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciência, crenças, cultos, legislação, meio de ação. O movimento para frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou imprestável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma". (Allan Kardec).

Embora o sentimento religioso encontre na coletividade um auxílio que o estimula e sustenta, a religião não é produto nem criação dum pretensa consciência coletiva. Assim também é a moral que, não obstante ser laicizada, independente *socialmente* da religião, com o sentido de costume, ela tem suas raízes profundas nas leis naturais e divinas.

"*Lei moral* é aquela que não deriva de nenhuma autoridade constituída, de um poder público, que não foi inventada por nenhum homem. Cícero disse: "Há uma lei conforme a Natureza, comum a todos os homens, racional, eterna, que nos prescreve a virtude e nos proíbe a injustiça. Esta lei não é das que se podem transgredir ou iludir, ou que podem ser modificadas; nem o povo nem os magistrados têm o poder de isentar das obrigações que ela impõem. Não é uma em Roma, outra em Atenas, nem diferente da que será amanhã; universal, inflexível, sempre a mesma, abraça todas as nações e todos os séculos". A lei moral é absoluta, obrigatória e universal. É o imperativo categórico de Kant. Mas, como o mesmo Kant tão bem exprimiu, a lei moral é "objetivamente necessária e subjetivamente contingente", isto é, cada indivíduo em particular tem o poder de segui-la ou não". (Amaral Fontoura - Introdução à Sociologia, Vol. I, Cap. 14).

## RELIGIÃO

## 1 - O que é Religião

**A) Definição etimológica**

Os autores indicam três possíveis etimologias para a palavra "religião".

a) *Re-iegere* - Segundo Cícero, "religião" viria do verbo latino *re-iegere* que significa "reler", "repetir" com cuidado. Assim, "religião" significa "meditação", a "consideração" atenciosa para com as coisas que dizem respeito a Deus.

b) *Religare* - Segundo Lactâncio, a palavra "religião" procede do verbo *religare* que quer dizer "ligar", "prender", "unir". Desta maneira, "religião" significa o vínculo moral que liga o homem a Deus ou "religação da criatura ao criador".

c) *Re-elegere* - Por fim, segundo Santo Agostinho, "religião" deriva do verbo *re-elegere* que significa "reeleger", "reescolher", por isso, "religião" lembraria o bem supremo que deve ser eleito novamente, quando dele nos encontramos distanciados.

As três etimologias são válidas e realmente indicam aspectos da religião, ajudando-nos a compreender melhor o seu conceito real". (Felipe N. Moschini, Otto Costa e Víctor Mussumeci).

Com efeito, se analisarmos cada uma das definições acima notaremos a sua importância e nenhuma delas permite qualquer conotação contrária ao fortalecimento do sentimento religioso e da crença no Ser superior.

Com o objetivo de negar a origem divina da religião alguns preferem a definição de Cícero que dava ao termo "religião" um sentido prático. Cícero chamava de religiosos aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino, relendo atentamente as práticas. Mas se o sentido de religião é o de reler as normas e meditar sobre elas, está claro que essa atitude é uma forma de cultivar, de percorrer um caminho para Deus. A definição de moral que transcrevemos no final da conclusão da primeira parte demonstra a visão cósmica que ele tinha do problema moral e religioso, que transcende o aspecto social e vulgar.

A definição de Lactâncio que tem um sentido de ligar, de prender, de unir, interpretando-se como um laço estabelece a moral como o vínculo verdadeiro que religa o homem a Deus.

A definição de Santo Agostinho tem o mesmo sentido, visto que quem "reelege", quem "reescolhe" o bem supremo, está com o desejo de mudar de vida, buscando os verdadeiros valores da vida, os valores espirituais. E este é o sentido e o objetivo da Religião.

**B) Definição lógica**

"Religião é o conjunto de pensamentos, sentimentos, atitudes espirituais que estabelecem a relação entre o ser humano e forças superiores, como Deus. Uma religião se caracteriza por uma filosofia e um corpo de princípios morais, que dela derivam, e que devem ser seguidos pelos fiéis". (Enciclopédia de Psicologia Contemporânea).

"Religião é o conjunto de relações teóricas e práticas entre o homem e uma potência superior, de quem aquele sente depender e a quem tributa ato de culto, quer seja individual, quer seja coletivo". (Enciclopédia Britânica Barsa).

"Religião é o sentimento de reverência e invocação, nascido da crença na possibilidade de existir no Universo uma Potência ou potências invisíveis, aptas para conhecerem espiritual e fisicamente". (Epes Sargent).

"A Religião é o encontro de Deus e do homem". (Júlio Maria).

"A Religião, na sua acepção nata e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças". (Allan Kardec).

## 2 - Origem da Religião

Há várias teorias a respeito da origem da religião, entre elas as principais são: teoria animista, teoria da magia, teoria sociológica, teoria psicológica, etc. Não vamos fazer nenhum comentário sobre elas para não tornar o nosso trabalho muito extenso, mas não podemos deixar de expor alguns aspectos tendo por base o culto ou as técnicas práticas que suscitam dúvidas quanto à sua verdadeira origem. Os aspectos são os seguintes: origem política, origem humana e origem divina.

a) *origem política* - a doutrina da origem da Religião "reduz a própria Religião a um *estratagema político*". Política e Religião, todavia, são independentes, teórica e praticamente. Os objetivos de cada uma são diferentes no seu conteúdo programático de estudo e de ação. Representados, porém, por instituições, é comum o surgimento de pactos sociais, visando beneficiar, de forma mais ampla e intensa, à comunidade. Esse pacto sempre houve, desde os primórdios da humanidade, de forma tal em que prevalecia o interesse

pessoal e de grupo que, ao invés de beneficiar a comunidade prejudicava. A doutrina da origem política talvez, em virtude disto, foi sustentada pela primeira vez por Crítias, um dos trinta tiranos de Atenas. Segundo Crítias "os antigos legisladores fingiram a divindade como uma espécie de inspetor das ações humanas, quer das boas, quer das más, a fim de que ninguém praticasse a ofensa ou a traição para com o seu próximo, de medo de uma vingança dos deuses". Esse estratagema tornou-se necessário pelo fato de que "as leis realmente dissuadiam os homens de praticar violências claras, mas eles as cometiam às escondidas". Alguém, então inventou o temor dos deuses para impedir a violência também às escondidas. Isto é comum nos povos primitivos. A revelação de Moisés está assessorada por uma legislação cheia de práticas e de temores para impedir a idolatria e a violência. Mas não é por isto que devemos aceitar a origem política da religião.

b) *origem humana* - "a doutrina da origem humana da Religião é aquela que a considera como uma *formação humana*". Desta forma a Religião não tem o valor que lhe atribuí, isto é, um valor transcendental. Deste ponto de vista, a consideração da Religião se orientou para dois tipos de explicação. O primeiro considerou a religião como uma forma de satisfação da necessidade de conhecimento. O segundo considerou a religião como sugerida ao homem pela situação em que ele se acha no mundo, isto é, substancialmente, por suas necessidades práticas. Em torno dessa teoria muitos filósofos se dividem. Uns argumentam e defendem a satisfação da necessidade de conhecimento; outros sustentam a origem da religião como uma necessidade prática.

Não afastamos nesta teoria as duas necessidades do homem: a do conhecimento e a da prática. Mas não aceitamos que a origem da Religião esteja totalmente nessa necessidade. Vamos entender melhor isto quando abordarmos as modalidades e a evolução da Religião, onde deixamos bem claro o problema da religião natural e da religião revelada. A teoria da origem humana da religião não invalida a teoria da origem divina, porque a necessidade de conhecimento e de prática que o homem tem, representa o sintoma da origem divina. Ninguém busca Deus se não o tem dentro de si; ninguém busca a perfeição se não tem a semente da perfectibilidade.

c) *origem divina* - "a doutrina da origem da Religião expressa o reconhecimento do valor absoluto ou infinito da própria religião". É óbvio que todas as religiões têm a pretensão de ter origem divina, visto que todas elas estabelecem como fundamento próprio uma revelação originária que garanta sua verdade ou considera as crenças e as instituições com que se identifica como continuamente confirmadas por testemunhos espirituais, que nas religiões de origem dogmática chamam de *sobrenaturais*. Portanto, do ponto de vista da filosofia, o reconhecimento da origem divina ou do valor absoluto da Religião se realiza por meio da tese de que a Religião é uma *revelação*. Pode-se dizer que esta tese nada mais é que a expressão filosófica do valor absoluto que a Religião reconhece a si mesma. Este ponto de vista foi explicado com toda clareza por Hegel: "No conceito da verdadeira Religião, dizia ele, isto é, daquela em que está contido o Espírito absoluto, está contido essencialmente que ela seja revelada, isto é, revelada por Deus". (Dicionário de Filosofia).

Toda religião fundamentada na revelação tem a participação do homem, que organiza o seu corpo doutrinário e a prática do culto. É preciso distinguir nelas o conteúdo de verdade, a interpretação que se lhe dá e a prática ou o culto que o homem lhe adiciona. Kardec nos ensinou isto quando comentou a lei mosaica, no primeiro capítulo de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: "Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus promulgada sobre o monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável: a outra é a apropriada aos costumes e ao caráter do povo, e se modifica com o tempo".

Entre os povos primitivos a lei civil é misturada com a religião. Daí a impressão que deu a muitos de ser a Religião de origem política.

A propósito lembramos o ensino dos Espíritos na resposta 625 de **O Livro dos Espíritos**:

"Se alguns dos que pretenderam instruir os homens na lei de Deus algumas vezes os desviaram para falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos demasiados terrenos e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que era apenas leis humanas, instituídas para servir às paixões e dominar os homens".

### 3 - Modalidades de Religião e sua evolução

Podemos entender a Religião de duas formas: *natural e revelada*, ou seja: humana e divina. Com esta abordagem pretendemos explicar melhor o problema da origem. É importante para entendermos posteriormente quando falarmos dos fundamentos do Espiritismo.

A religião natural é a que se baseia nas inspirações do coração e da razão. Ela nasce da necessidade que o homem tem de buscar uma explicação para tudo aquilo que o rodeia, principalmente para os fenômenos do mundo, da criação e do fenômeno da morte e do após-morte. Com relação às religiões primitivas, do passado e do presente, tiveram por causa um conjunto de processos sugeridos e indicados pela própria natureza do homem, o qual procura a religião, quase por um instinto inato. "Começaram a se desenvolver depois de uma revelação de ordem natural, feita por Deus no início da humanidade, conforme a opinião de

muitos etnólogos e sociólogos. No decorrer das épocas históricas tal revelação ou inspiração sofreu uma deteriorização, pela qual a idéia monoteísta da divindade, característica no homem primitivo, se fragmentou e se diluiu nas diversas formas de politeísmo. Eis que então surgiram as religiões propriamente chamadas de reveladas, quando determinado personagem histórico vidente ou profeta, se apresenta com uma mensagem recebida do alto, para ser transmitida aos homens". (Angelo Agazzi, Curso de Educação Moral e Cívica).

A religião revelada é a que provém da intervenção da Divindade em determinadas épocas, como marco histórico, com o objetivo de orientar comunidades e povos, quanto à vida, presente e futura, e aos preceitos morais através dos quais se chega a uma melhor qualidade de vida.

São muitas as religiões reveladas, mas algumas são fundamentais, como o Budismo, o Judaísmo e o Cristianismo. Buda, Moisés, Jesus foram espíritos missionários e portadores da revelação, porque eles trouxeram, em épocas oportunas, elementos novos que, como fermentos, modificaram costumes. A mudança é lenta, porque o raciocínio do homem é lento. Os primitivos, pouco afeitos à reflexão, têm a tendência de cristalizar e consagrar conceitos, adicionando-lhes práticas estranhas. A carência de raciocínio leva a criatura comumente à imaginação e conseqüentemente à superstição e ao fanatismo. As normas do culto dessas religiões foram estabelecidas pelos seguidores e não pelos reveladores. Não vamos entrar aqui no mérito de cada uma, ou seja, de cada religião mencionada. Kardec já fez esse trabalho quando estudou o conteúdo da revelação. Se o conteúdo da revelação é um fato verdadeiro, a religião é verdadeira; se o conteúdo é falso, é falsa a religião ou revelação. No Espiritismo encontramos um critério de avaliação de todas as revelações pelo estudo do seu conteúdo e de sua sintonia com as leis da natureza. Verdade é que ninguém pode negar o seu caráter de religião revelada e a contribuição de cada uma na diretriz da religião natural que nasce dos impulsos e dos anseios da alma humana.

A religião natural, seja individual ou coletiva, busca o consenso através da experiência comum. Não é estacionária embora permaneça por longo tempo numa fase. Dos primitivos aos civilizados a religião natural evoluiu de conformidade com a evolução do pensamento. E não há dúvida que existe revelação também na religião natural, conforme já dissemos, e nem podia ser de outra forma, porque o objetivo da busca sendo o mesmo, há sempre intermediário que dele aproxima o sujeito, de forma mais coerente e ordenada. A interação ocorre quando o homem acerta os processos da busca. "Buscai e achareis", disse Jesus.

Partindo desse princípio, é fácil entender que as diferentes formas de religião exterior, desde o primitivo até o mais civilizado, expressem uma idéia e um sentimento a respeito do Ser superior e que mudam conforme o aprimoramento da idéia e do sentimento. São formas transitórias na vida de cada ser. São milenárias em alguns povos de tradição estável, identificando-se com os costumes. Quando a religião exterior se cristaliza em costumes e cultura social, não é fácil a sua mudança. O espírito passa por elas como passa pelos corpos físicos que habita. Mas o tempo se encarrega de alterar os conceitos e os costumes.

Para os defensores da teoria da origem humana e política da religião, não admitindo qualquer revelação, informamos que o Cristianismo, superior nas idéias, nasceu no meio inferior, onde não foi aceito, sendo terrivelmente combatido e perseguido. O mesmo aconteceu com o Budismo, que não foi perseguido como o Cristianismo, foi aceito mas não foi entendido no início. Duas filosofias de fundo religioso que mudaram a forma de pensar, os hábitos e os costumes da sociedade. Isto prova que a Religião não nasceu do domínio político, nem de imposições sociais, nem da magia, embora tudo isso tenha influído no seu desenvolvimento. É preciso entender o homem no seu contexto histórico e no seu estágio mental.

#### 4 - A revelação espírita

"O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus". (Allan Kardec, **A Gênese**, Cap. I, item 10).

"O que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem". (Idem, item 13).

"Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem". (Idem).

"A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva". (Idem, item 45).

"A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto de um ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários". (Allan Kardec, **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. I, item 6).

"Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações". (Allan Kardec, **A Gênese**, Cap. I, item 20).

Como se vê, Kardec considera o Judaísmo e o Cristianismo como duas grandes revelações. O Espiritismo é a terceira. Se o Espiritismo é uma revelação divina, verdadeira e natural, ele é a religião verdadeira, como religiões são o Judaísmo e o Cristianismo. Ele veio completar o ensino do Cristianismo no sentido de "explicar e desenvolver, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de germen, faltando-lhe só a chave para se aprender o sentido das palavras". (Idem, item 28).

"O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À idéia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte". (Idem, item 30).

"Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida". (Idem, item 14).

"O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências". (Idem, item 18).

"O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente". (Idem, item 16).

O Espiritismo é religião pelo fato de ser uma revelação divina e providencial e é ciência pelo fato de ter tido a participação do homem na sua elaboração. É divina pela revelação e humana pela elaboração. A característica humana não surgiu de uma manifestação religiosa empírica, mas da pesquisa científica.

## 5 - Espiritismo e culto

Para todas as religiões, Kardec estabelece dois princípios:

1º) Deus, alma, imortalidade, penas e recompensas futuras;

2º) Culto particular de cada uma.

O Espiritismo aceita o primeiro e não aceita o segundo.

O primeiro constitui as verdades fundamentais de todas as religiões e o segundo, referente ao culto, o Espiritismo não aceita, porque se trata de práticas de formas estabelecidas, opiniões decorrentes do entendimento dos princípios fundamentais.

"Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus". (Allan Kardec, **A Gênese**, Cap. I, item 24).

No volume 11 da Revista Espírita, Kardec é bastante claro. Suas palavras não dão margem a qualquer sofisma. Ele não rotulou o Espiritismo de religião, simplesmente porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável do culto, o que o Espiritismo não tem, principalmente da forma como as religiões apresentam. "Ele não apresenta nenhuma característica de uma religião, na acepção usual do vocábulo"; "não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral".

"Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cotejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública".

Seu critério foi simplesmente no sentido de evitar que o público identificasse o Espiritismo com a religião na acepção vulgar e usual de culto, o que julgamos uma atitude espetacular, visto que assim procedendo ou conceituando, induziu os interessados aos estudos da filosofia, o que é muito mais importante. Se isto ocorresse com os adeptos de todas as religiões, as pessoas seriam mais esclarecidas e mais autênticas. Mas o que elas não aprendem em suas religiões vêm aprender no Espiritismo porque esta doutrina esclarece e propõe a moral como o culto interior e sua prática, tendo por divisa o amor a Deus e ao próximo sem qualquer espalhafato do culto exterior.

"O Espiritismo é uma doutrina filosófica e espiritualista. Por isso toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto não ter culto, nem rito, nem templo e, entre seus adeptos, nenhum recebeu o título de sacerdote ou de grão-sacerdote. Estas qualificações são pura invenção da crítica". (Allan Kardec, **Obras Póstumas**, pág. 212, Ed. LAKE).

Kardec esclarece que o Espiritismo não pode ser confundido com uma religião comum, principalmente na parte do culto, que, se isto ocorresse, seria interpretado como uma religião a mais, cairia na rotina de todas as demais, tornando-se uma seita. Mas como não tem sacerdote, igreja, culto exterior, rito, e está baseado nas leis da natureza, desempenha o papel de verdadeira religião, porque atua na alma, esclarecendo a

inteligência e iluminando o coração. É religião de essência. Não condena religião nenhuma, mas na medida em que se identifica com elas na essência, serve de laço entre a ciência e a religião.

À página 359 da **Revista Espírita**, do ano 1868, Kardec cita vinte princípios fundamentais do Espiritismo e declara:

"Eis o credo, a religião do Espiritismo, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritos numa santa comunhão de pensamentos, esperando que se ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal".

Todas as grandes religiões reveladas apresentam os seguintes elementos constitutivos: crença na existência de um Ser superior, corpo de doutrina, preceitos morais, prece ou culto.

O Espiritismo apresenta todos esses elementos. O único elemento questionado é o culto. Kardec não aceita o culto, e isto ele repete várias vezes, da forma como as religiões aceitam, para não identificar o Espiritismo como uma religião comum, vulgar, como o povo está acostumado a ver e entender. Decorrente da compreensão dos elementos constitutivos, principalmente dos elementos fundamentais, há ritos extravagantes, moderados, simplificados e espiritualizados. Ritualismo e culto exterior o Espiritismo não tem.

O culto é uma homenagem a Deus, ou um ato de adoração. E para quem crê na existência do Ser superior, basta uma atitude de admiração, de contemplação ou uma prece de louvor, de agradecimento para se relacionar com Deus e conseqüentemente prestar-lhe culto. Podemos dizer: um culto simplificado ou espiritualizado. A prece e a fé são elementos positivos na promoção espiritual do homem, seja qual for a ordem de idéias que siga.

Negar a crença no Ser superior é negar todos os elementos constitutivos da religião e não se pode crer em Deus sem ter dele uma concepção e uma forma de manifestar essa concepção. Deus é o fundamento. A forma de se relacionar com ele é o problema de cada um. Negar, pois, a religião é negar o relacionamento da criatura com o Criador.

Desta forma, toda e qualquer manifestação em função da crença é culto, dentro do conceito que estabelecemos. Ainda que seja um simples minuto de silêncio, na abertura de qualquer trabalho doutrinário, para nós é culto, porque representa homenagem a Deus ou às forças superiores espirituais, mesmo que a intenção seja de um simples preparo.

Entre as criatura, pouco afeitas ao raciocínio, que vivem mais de emoção do que da razão, é comum notar-se, além do desvirtuamento das técnicas do culto, os desvios ou até aberrações do sentimento e do comportamento. A idolatria, a superstição, a magia negra e o fanatismo são as provas desse desvio. Todos conhecem as conseqüências desastrosas e ridículas dessas manifestações religiosas. Verdade é, que não podemos definir ou conceituar a religião pelas práticas do culto, que são variáveis entre os povos e obedecem sempre ao grau de compreensão de Deus e de suas leis. A prática decorre do conceito e o conceito decorre da compreensão das verdades absolutas da Religião. Assim, a prática espírita sem culto exterior é a mais pura porque decorre de uma compreensão mais ampla daquelas verdades. Quando notamos uma distorção da prática espírita à semelhança de um culto externo, certamente, esses que assim procedem, quando não estão obsediados, demonstram carência de conhecimento doutrinário. À medida que o adepto compreende, o culto é mais simples e refinado.

Não podemos afastar a prece ou a fé, simplesmente pelo fato de haver por parte dos adeptos ou seguidores desvirtuamento na sua manifestação, o que é comum e natural entre aqueles que ainda não conhecem os recursos da filosofia que cimentam os caminhos da Religião.

## 6 - A doutrina é o fundamento da moral

A moral não é a doutrina, mas faz parte dela. Daí não ser possível denominar o Espiritismo de moral. O Espiritismo como corpo de doutrina é a religião e a moral é um capítulo da religião. A moral explicada pela religião conduz a criatura, pela vivência a Deus.

Para aqueles que não se contentam com os nossos argumentos pedimos que reflitam sobre o texto abaixo:

"A instrução espírita não compreende somente o ensino moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos. Abrange a teoria dos fenômenos, a pesquisa das causas, e como conseqüência a constatação do que é possível e do que não o é, ou seja: a observação de tudo quanto possa fazer que a ciência se desenvolva". (Allan Kardec, **O Livro dos Médiuns**, Cap. XXIX, item 328).

Identificar o Espiritismo como moral para que o mesmo não tenha conotação religiosa é impossível pelos seguintes fatos:

a) Ficar somente com a moral espírita é ficar com a moral do Cristo, ou moral cristã que, segundo Kardec, é a mesma. A moral cristã é uma moral religiosa. É a melhor, mas deve estar sustentada pelo conhecimento do Cristianismo à luz do Espiritismo.

b) Aceitar somente a parte moral, em detrimento do corpo doutrinário, a moral cristã não terá o

esclarecimento e o fundamento que a Doutrina lhe dá, não tendo o adepto a visão que tem porque lhe faltaria o fundamento que consolida o conhecimento e a fé raciocinada. Como o ensino dado pelos espíritos não se restringe somente à moral, o adepto ficará sem base, caso opte só pela moral, sendo mais fácil o desvirtuamento do sentimento religioso. O conhecimento geral do corpo doutrinário não permite o desvio do sentimento; ao contrário o sedimenta e orienta na prática.

"Como moral, o Espiritismo é essencialmente cristão, porque a doutrina que ensina nada mais é do que o desenvolvimento e a prática daquela do Cristo, a mais pura dentre todas, cuja superioridade ninguém contesta, prova evidente de que é a expressão da lei de Deus". (A. Kardec - **Iniciação Espírita**, pág. 27).

A moral espírita, portanto, pelo que se depreende do texto é a mesma ensinada pelo Cristo. Mas o Cristo não ensinou só moral. O Cristianismo tem princípios fundamentais nos quais a moral está alicerçada. Quais são esses princípios? São aqueles que Kardec identifica como os fundamentos de todas as religiões.

Ora, se o Espiritismo aceita e estuda com mais profundidade os princípios fundamentais de todas as religiões e não ensina outra moral senão aquela que o Cristo ensinou, logo ele se completa como doutrina e, portanto, como religião. Não só aceita como propõe a prática pura da moral cristã para a melhoria espiritual do homem.

Tanto no Cristianismo como no Espiritismo, há um conjunto de princípios aos quais a moral está vinculada. E quem aceita a moral espírita como norma de conduta, está aceitando a moral cristã e conseqüentemente os seus princípios. O Espiritismo está, portanto, identificado com o Cristianismo nos princípios e na moral.

Quem aceita o Espiritismo desvinculado dos seus princípios e da moral, aceita-o simplesmente como metodologia. Neste caso, o interessado não passa de um experimentador que pesquisa, sem engajar-se, sem compromisso. E Kardec questiona esta postura, se deve ou não ser considerado espírita.

Os Espíritos consideram Jesus o tipo de perfeição moral que a humanidade pode aspirar na Terra e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei. Ora, Jesus foi o fundador do Cristianismo. Cristianismo é uma religião e não só cuida de aspectos morais, ou das leis morais, mas fala de Deus, da imortalidade e da ressurreição. Negar o Cristianismo é negar o Evangelho e a Bíblia dos quais constam as leis morais. E quem nega isto nega Jesus. E como o Espiritismo é uma seqüência lógica e histórica do Cristianismo, não pode deixar de ter sua conotação religiosa. Afastar esta conotação é proclamar um Espiritismo diferente dos livros da codificação, um Espiritismo desvinculado de Kardec, baseado exclusivamente nas pesquisas dos fenômenos, como ocorreu com os precursores que se preocuparam somente com os fenômenos, desvinculando totalmente a fenomenologia de qualquer conotação moral, conforme se depreende do estudo de Conan Doyle no seu livro: **História do Espiritismo**.

Herculano Pires, comentando a resposta de São Luís, dada na questão 628, de **O Livro dos Espíritos**, nos chama a atenção para a mensagem do Espírito da Verdade colocada por Kardec no prefácio do **Evangelho Segundo o Espiritismo**, onde se vê que, desde os primeiros momentos os Espíritos anunciaram que a finalidade da doutrina era o restabelecimento do Cristianismo.

## 7 - Espiritismo e Cristianismo

Espiritismo é uma denominação que Kardec deu a um conjunto de idéias e princípios sobre a origem, natureza e destino do homem, bem como seu relacionamento com Deus e o mundo. Embora tenha base em pesquisas científicas feitas por Kardec e seus contemporâneos e seguidores sobre a sobrevivência e a comunicabilidade, trata-se de uma filosofia espiritualista.

A maioria dos Espíritos que assinaram as instruções de **O Livro dos Espíritos**, principal livro da codificação, foi, na Terra, teólogo, com exceção de Franklin. Por que filósofos e teólogos e não cientistas? Isto ocorreu, porque os espíritos mais credenciados para falar sobre Deus, a alma, origem e destino, foram eles, porque eles estudaram e viveram melhor esses problemas. Ninguém pode negar a bagagem doutrinária de Sto. Agostinho e a piedade cristã de São Luís. Tanto no **Livro dos Espíritos** como no **Livro dos Médiuns**, as questões mais delicadas foram respondidas por São Luís. No livro básico e no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, encontramos preciosos comentários de Sto. Agostinho, notadamente sobre as virtudes cristãs. O texto a seguir esclarece as razões de sua atuação:

"A Ciência terrena é bem pouco ao pé da Ciência celeste. Somente os Espíritos superiores possuem esta última. Sem terem nomes conhecidos de vós, podem eles saber muito mais, sobre todas as coisas, do que os vossos sábios. A Ciência não é suficiente para tornar os Espíritos superiores e ficáreis muito espantados com o lugar que certos sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, pois, não saber nada mais do que quando estava na Terra, se não progrediu como Espírito". (Allan Kardec - **O Livro dos Médiuns**, Cap. XXVI, item 293, Ed. LAKE).

"Cumpria que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezolito séculos, para mostrar

toda a sua força, visto que, mau grado a todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa". (Allan Kardec - **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. XXIII, item 15).

Chamamos a atenção dos iniciantes nos estudos espíritas que Kardec não tinha necessidade de rotular o Espiritismo de religião, visto que, para ele, o Espiritismo é o Cristianismo, e sendo o Cristianismo uma religião, o Espiritismo é a religião cristã. Reflitam sobre o texto citado. Ele fala do Cristianismo e não do catolicismo. De que forma o Cristianismo depois de passar dezoito séculos, numa prova demorada e cruel, demonstra sua pujança? Pelo que se vê o Espiritismo é uma projeção do Cristianismo ressurgido. Não há dúvidas: o Espiritismo é a religião cristã renovada. Vejam a última frase do texto citado: "apesar de todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro, e jamais esteve em causa". Quem cometeu o mal contra o Cristianismo? Só quem não conhece a história não sabe. É preciso dizer? Não vamos agora buscar as provas da história. Deixamos esse trabalho a cada um. Crimes e abusos foram cometidos em nome do Cristianismo, ao longo da história. Ainda hoje, católicos e protestantes brigam e se matam, na Irlanda do Norte, em nome do Cristianismo. O monopólio da verdade hoje demonstra a tendência dos espíritos que conturbaram a religião no passado. Mas, voltemos ao assunto, onde o Cristianismo saiu *puro*, depois de dezoito séculos? Não vamos fazer a nossa imaginação excursionar pelos campos da filosofia e dos movimentos religiosos do século passado. Está claro que Kardec está falando do Espiritismo. Espiritismo é o Cristianismo que ressurge com toda força e puro, incólume, deixando de ser crença para ser verdade fundamentada em leis naturais. Sendo o Cristianismo a religião do Cristo, que será instituída, baseado nas leis naturais e sendo o Espiritismo o que fundamenta o Cristianismo nas leis naturais, pelos fatos que estuda e que permitiu que ele surgisse puro, então o Espiritismo é esse Cristianismo, em outras palavras é o *Cristianismo Espírita*. Pedimos desculpas aos companheiros de ideal espírita, por lançarmos este neologismo que, até agora, não apareceu em livro nenhum da nossa literatura. É um termo novo que nos foi intuído e que provocará muita polêmica, mas é o único que expressa a realidade dos textos da obra kardequiana.

Os textos abaixo confirmam a identidade do Espiritismo com o Cristianismo:

"Se o Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa". (Allan Kardec - **O que é o Espiritismo**, pág. 99 Ed. FEB).

"Espíritas! amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram". (Allan Kardec - **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. VI, item 5 - O Espírito da Verdade).

"O Espiritismo veio completar, nesse ponto, (referindo-se à vida futura) como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostraram maduros bastante para compreenderem a verdade". (Idem, Cap. II, item 3).

"O Espiritismo vem hoje, época em que o homem está maduro para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo propositadamente não fez senão tocar, ou não disse senão sob a forma alegórica". (Allan Kardec - **O Que é o Espiritismo**, pág. 100 - Ed. FEB).

"Aproxima-se a hora em que terás que declarar abertamente o que é o Espiritismo e mostrar a todos onde está a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. A hora em que, à face do Céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana". (Allan Kardec - **Obras Póstumas**, pág. 256).

Todas as verdades se encontram no Cristianismo. Os erros que nele estão são dos homens. O Espiritismo veio completar e explicar o que o Cristo não podia dizer naquela época. O Espiritismo é a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo e que representa a única tradição cristã verdadeira. Tudo está nos textos, claramente exposto. O espírita não inventou nada, apenas se limita a seguir Kardec. Nos textos citados nota-se a identificação do Espiritismo com o Cristianismo e de forma tal que o Espiritismo se apresenta como o Cristianismo ressurgido, confirmando a nossa tese de que o Espiritismo é a redescoberta do Cristianismo. Quem propala que o Cristianismo está superado não conhece Kardec ou, se conhece, é somente pela fotografia. Ficar só no terreno da contestação sem provas não quer dizer nada. Por que não contestar os textos de Kardec? Citamos mais um texto:

"Meus amigos, agradei a Deus, que vos permitiu gozar a luz do Espiritismo. Não porque somente os que a possuem possam salvar-se, mas porque, ajudando-vos a melhor compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos torna melhores cristãos. Fazei-vos, que vos vendo, se possa dizer que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma e a mesma coisa, porque todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam". (Allan Kardec - **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. XV, item 10).

No **Evangelho Segundo o Espiritismo** ele é claro: "reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações". E no **Livro dos Médiuns**: "Os verdadeiros espíritas são os espíritas cristãos". No **Livro dos Espíritos**: "O Espiritismo não encerra uma moral diferente daquela de Jesus". "É forte porque se apóia nas próprias bases da religião". Repete esta frase no **Livro dos Médiuns** e enfatiza: "A bandeira que arvoramos bem alto é a do Espiritismo Cristão e humanitário,



em torno da qual somos felizes de ver, desde já, tantos homens se juntarem em todos os pontos da Terra, porque compreendem que está nela a âncora da salvação, a salvaguarda da ordem pública, o signo de uma nova era para a humanidade". E convida todas as sociedades a participarem desta grande obra. (Allan Kardec - **O Livro dos Médiuns**, Cap. XXIX, item 349).

"As sociedades religiosas promovem meditações sobre as Escrituras. As sociedades Espíritas devem fazer a mesma coisa e conseguirão grande proveito para o seu adiantamento ao promoverem conferências em que seja lido e comentado tudo o que possa ter relação com o Espiritismo, a favor ou contra". (Allan Kardec - **O Livro dos Médiuns**, Cap. XXIX, item 346).

É vã a tentativa, por parte de alguns, de desvincular a influência de Jesus e do seu Evangelho dos estudos e das interpretações espíritas, porquanto o Espiritismo tem profundos vínculos com o Cristianismo, a menos que se invente outro Espiritismo ou que o tenha, como já dissemos, como simples método na pesquisa das leis, mas sem qualquer conotação com as obras de Kardec, mas não seria uma atitude recomendável, visto que a palavra Espiritismo é um neologismo de Kardec e consta de seus livros.

Além de se preocupar com os pontos fundamentais da Religião, o Espiritismo propõe a moral cristã como a melhor para a salvação do homem. Ninguém pode negar a sua identificação com a Religião e mais profundamente com o Cristianismo, fundado por Jesus, o qual é considerado como modelo e guia de nossa conduta. Observamos que o assunto religioso é dominante na codificação. Qualquer livro que examinarmos encontraremos a predominância da preocupação religiosa. Basta lembrar a frase: "Fora da Caridade não há salvação" - lema fundamental do aspecto religioso. E Kardec esclarece: "O Espiritismo não podia provar melhor a sua origem, do que oferecendo-a por regra, porque ela é o reflexo do mais puro Cristianismo".

Como uma doutrina pode se preocupar com a salvação do homem sem ser religião? Só o orgulho pode disfarçar essa realidade. Se o Espiritismo está identificado, como diz Kardec, com todas as religiões na parte essencial, basta para se caracterizar como religião, pois o culto, diz ele, é questão particular de cada um, isto é, cada religião adota o culto que quiser, de conformidade com a interpretação que se dê àquela realidade que identifica a todas.

## 8 - O Espiritismo instituirá a verdadeira religião

"O Espiritismo foi chamado a desempenhar um papel imenso na Terra. Reformará a legislação tantas vezes contrários às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, (...); instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus". (Allan Kardec - **Obras Póstumas**, pág. 248/249 - LAKE).

Vamos ver se interpretamos bem o texto:

- 1ª) O Espiritismo reformará a legislação;
- 2ª) O Espiritismo retificará os erros da História;
- 3ª) O Espiritismo restaurará a religião do Cristo;
- 4ª) O Espiritismo instituirá a verdadeira religião;
- 5ª) O Espiritismo instituirá a religião natural;
- 6ª) O Espiritismo instituirá a religião que parte do coração e vai direto a Deus.
- 7ª) O Espiritismo instituirá a verdadeira religião, cuja "fé inabalável pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade". (Idem, págs. 199 e 213).

"...Não haverá mais religião mas *uma* será necessária, porém verdadeira, grande, bela e digna do Criador...Os primeiros fundamentos já foram lançados...Quanto a ti, Rivall, é esta a tua missão". (Idem, pág. 227).

Com o nome ou sem o nome de Espiritismo, verdade é que será instituída a religião do Cristo, fundamentada nas leis naturais. Na verdade, Kardec, na sua humildade, não quis rotular com o nome de religião esse conjunto de princípios naturais e que expressam a verdade do espírito que está no bojo do Cristianismo, que é a religião do Cristo que o Espiritismo está restaurando em espírito e verdade e instituirá na Terra. Não há necessidade de outra religião, porque o Cristianismo é essa religião que o Espiritismo sustenta e desfralda, porque os princípios são os mesmos, a moral é a mesma. O Espiritismo, baseado nos fatos da existência de Deus, na imortalidade da alma e na comunicabilidade dos Espíritos, com argumentos poderosos, revive a filosofia religiosa do Cristianismo, dando "um sólido apoio à moral do Cristo". Em **Obras Póstumas**, os Espíritos superiores nos conclamam a proclamar o Espiritismo como a "única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana". Então, Cristianismo e Espiritismo são a mesma coisa. "A Doutrina é, diz Kardec, imperecível, porque repousa nas leis da Natureza e porque, melhor do que qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens". (Idem, pág. 346).

Se o Espiritismo incorpora as teses cristãs, doutrinárias e morais, e é considerado o espírito consolador que cumpre as promessas do Cristo e como uma doutrina melhor do que qualquer outra, já com os alicerces colocados para o futuro de uma religião que se fará necessária, então ele assume, com outra vestimenta, uma

vestimenta nova, sem dogma e sem qualquer cerimônia, a forma de religião, a religião natural; a religião verdadeira, a religião que parte do coração e vai direto a Deus. E isto está evidenciada nas suas características cristãs.

## 9 - Espiritismo é Religião

O Espiritismo tem todos os elementos dos quais uma religião é constituída. Vejamos:

- a) Crença num Ser superior - Deus e imortalidade da alma;
- b) Corpo doutrinário;
- c) Preceitos morais;
- d) Culto ou prece.

Melhor do que qualquer outra religião, o Espiritismo estuda a existência de Deus e a imortalidade da alma, como também as penas e recompensas futuras. É inegável seu corpo de doutrina que leva a maioria dos adeptos a zelar pela sua pureza, não permitindo qualquer mudança dos seus conceitos, na teoria e na prática. Todos sabem quais são os seus fundamentos; não precisamos mencionar. Essa doutrina engloba os preceitos morais. E os preceitos morais são os mesmos ensinados pelo Cristo, conforme repete várias vezes Kardec nos livros da codificação. A prece utilizada pelos espíritas e recomendada por Kardec durante os trabalhos doutrinários, acompanhada de silêncio e concentração não deixa de ser um culto refinado. De forma que, não falta nada, absolutamente nada, para caracterizar o Espiritismo como religião verdadeira, da forma como conceituou Kardec. Vamos ver no decorrer desta exposição.

Perguntaram a Kardec se o Espiritismo é uma religião, ao que ele respondeu: "Sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas da natureza". (A. Kardec - **Revista Espírita**, Ano 1868, Volume 11, pág. 357).

"Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*. Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças". (Idem, pág. 356).

Diante dessa afirmação de Kardec, perguntamos: o Espiritismo religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças? Religa ou não religa? Se ele reúne e religa, então ele é uma religião, na sua acepção nata e verdadeira. Na verdade, ninguém pode negar a existência de uma comunidade espírita. O Centro Espírita é uma comunidade. As instituições espíritas são comunidades. As pessoas que formam essas comunidades têm os mesmos sentimentos, os mesmos princípios, as mesmas crenças. Elas estão unidas com o mesmo objetivo, que é o estudo e a prática da doutrina, visando o aprimoramento moral. Mas para que aprimorar a moral? É para ser feliz plenamente. Mas essa felicidade não se consegue sem integração em Deus. Se considerarmos a prece como um culto, não falta nada ao Espiritismo, porque ele se apresenta com todos os elementos que caracterizam uma religião, na acepção nata e verdadeira, como definiu Kardec. E disse ele ainda: "As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa. Pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por *assembléias religiosas*. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada idéia". (Ib., pág. 357).

O Espiritismo não apresenta nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, mas apresenta todas as características de uma religião, na sua acepção nata e verdadeira.

"Qual é, pois, o laço que deve existir entre os Espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou, por outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, desde que sabemos que os mortos sempre fazem parte da humanidade". (Ibidem).

"A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade".

Ora, se para Kardec religião quer dizer laço e considera os princípios da doutrina como a religião do Espiritismo, o Credo do Espiritismo, a religião que concilia todos os cultos e acha que esse laço deve unir todos os Espíritas numa santa comunhão de pensamentos, ligando todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal, fica claro, então, que o Espiritismo é religião. "O laço, diz ele, estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações". Ora, o Espiritismo é essencialmente, moral, une corações, identifica pensamentos e aspirações. Logo, o Espiritismo é religião.

No item IX da Conclusão de **O Livro dos Espíritos**, Sto. Agostinho, no seu comentário, afirma o

seguinte: "O Espiritismo é o laço que os unirá um dia porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro".

## 10 - Moral ou Religião - Conclusão

Em Espiritismo, como em qualquer religião, não existe a incerteza da conjunção alternativa "ou", ou seja: *moral* ou *religião*, mas a conjunção aditiva "e", com o sentido de adicionar, de acrescentar, porque, na verdade, não há religião sem moral e não há moral verdadeira, como valor prioritário do homem se não estiver ligada a um conjunto de princípios básicos que constituem a religião.

Explicar Deus, a imortalidade da alma, a comunicabilidade dos espíritos, as penas e recompensas futuras, bem como a origem, natureza e destino do homem e do mundo, como fazem as religiões e o Espiritismo, não tem nada a ver com a moral. Daí o fato de afirmarmos que a moral é uma parte da doutrina e é esta que esclarece aquela.

Só pratica a moral quem tem uma doutrina segura, sólida, que justifica racionalmente e com fatos, como faz o Espiritismo. Toda a pessoa de comportamento moral é uma pessoa de princípios. São os princípios que projetam o comportamento e não este que projeta os princípios.

## BIBLIOGRAFIA

1. ABBAGNANO, Nicola - **Dicionário de Filosofia** - Editora Mestre Jou - 1ª. edição, 1970 - Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi - São Paulo.
2. AGAZZI, Angelo - **Curso de Educação Moral e Cívica** - São Paulo - 1970.
3. DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA - 1ª. edição - (4ª. impressão), 1969, Editora Globo, Rio de Janeiro, Porto Alegre.
4. ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA (Barsa) - Edição 1972, Vol. 11.
5. ENCICLOPÉDIA DE PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA - 5º Vol., Livraria Editora Iracema Ltda., 1980, São Paulo.
6. ENRÍQUEZ, Tomás - **Ser Mais** (Estudos Sociais I), Edições Loyola, 1973, São Paulo.
7. FERREIRA, Aurélio B. Holanda - **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 11ª. edição, 1972, Comp. Editora Nacional.
8. FONTOURA, Amaral - **Introdução à Sociologia**, Vols. I e II, Caps. 13, 14 e 30, 5ª. Edição, Editora Globo, 1970, Porto Alegre; **Educação Moral e Cívica** - 5ª. Edição, Gráfica Editora Aurora Ltda., 1972, Rio de Janeiro-GB.
9. GARCIA, Edília Coelho - **Educação Moral e Cívica na Escola Média** - 5ª. Edição, Lisa Livros Irradiantes S/A, 1972.
10. JOLIVET, Régis - **Curso de Filosofia** - Trad. de Eduardo Prado de Mendonça, 2ª. Edição, 1955, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro.
11. KARDEC, Allan - **O Livro dos Espíritos** - 42ª. Edição, LAKE - Livraria Allan Kardec Editora, 1982, São Paulo; **A Gênese**, 16ª. Edição, FEB, Rio de Janeiro-GB, 1973; **O Livro dos Médiuns**, 1ª. Edição, LAKE, 1979, SP; **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, 78ª. Edição FEB, Rio de Janeiro - RJ, 1979; **O Céu e o Inferno**, 3ª. Edição, LAKE, 1979, SP; **Obras Póstumas**, 2ª. Edição da LAKE, 1979; **Iniciação Espírita**, 9ª. Edição, Edicel, 1984; **Revista Espírita**, Vol. 11, Ano 1868, Edicel; **O Que é o Espiritismo**, 13ª. Edição FEB, Rio de Janeiro.
12. LELLO UNIVERSAL - Dicionário, Vol. 4.
13. LÉON, Denis - **O problema do Ser, do Destino e da Dor**- 9ª. Edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, 1975.
14. MICHALANY, Douglas (e Ciro de Moura Ramos) - **Educação Moral, Cívica e Política** - 1ª. Edição, 1970, Gráfica Editora Michalany S/A, SP.
15. MOSCHINI, Felipe (e Otto Costa, Victor Mussumeci) - **Educação Moral e Cívica**, Editora do Brasil S/A.
16. SANTOS, Mário Ferreira - **O Homem Perante o Infinito** - (Teologia), 1ª. edição, 1956, Livraria e Editora Logos Ltda.
17. SANTOS, Theobaldo Miranda - **Manual de Filosofia** - 10ª. Edição, Comp. Editora nacional, 1958.
18. SARGENT, Epes - **Bases Científicas do Espiritismo** - Traduzida da 6ª. Edição inglesa pelo Marechal F. R. Ewerton Quadros, 1962, Rio de Janeiro - GB.
19. VITA, Luís Washington - **Compêndio de Filosofia** - 2ª. Edição, Edições Melhoramentos - SP.



## MORAL E RELIGIÃO

*Krishnamurti de Carvalho Dias*

Um cuidado preliminar é o de estabelecer cuidadosamente o valor das palavras envolvidas neste estudo. Moral e Religião são palavras controversas.

Devemos a Kardec o clareamento quanto à palavra religião, ajudando a entender a coisa religião em si; em várias oportunidades Kardec definiu a coisa religião como sendo a entidade formada pela reunião de três elementos: culto, templo e ministros. No culto estão incluídas todas as coisas típicas da religião.

O templo é o espaço físico adequado, apropriado para a prática desse culto religioso. E o clero são os ministros, pessoal selecionado para a celebração do culto e mediação dos fiéis com a divindade.

Religião é isso, pois, na definição kardequiana: em duas oportunidades ele situou bem que... "O Espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário teria seu culto, seus templos, seus ministros". Isso foi naquela polêmica em 1859 com Abade Chesnel, a primeira pessoa a chamar a doutrina de "uma nova religião". Kardec desmentiu-o, produzindo aquela contra-definição. A segunda oportunidade foi em um trabalho publicado postumamente, mas visivelmente conexo com essa polêmica - "Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo" - onde ele insiste em que a doutrina é filosófica, tem conseqüências religiosas mas não constitui, em absoluto, uma religião, visto não ter ritos, nem sacramentos, dogmas, liturgia, templos nem clero. A primeira declaração consta da Revista Espírita de maio de 1859 mas a polêmica prosseguiu no número de julho. E a segunda foi no livro "Obras Póstumas".

São dois momentos fortes, onde Kardec produz declarações explícitas, perfeitamente formuladas, onde deixa transparente seu pensamento contrário ao conceito levantado pelo Abade Chesnel, com total pioneirismo. Esse clérigo foi o primeiro a aventar essa hipótese, de a doutrina ser um fato religioso e Kardec de modo algum aceitou isso, rebateu prontamente o abade. Ambos os momentos nada tem de excepcionais, fortuitos, isolados, como muita gente pretende. Pelo contrário, são parte de uma cadeia de declarações, totalizando dezenas de páginas. Kardec tinha realmente uma posição forte e bem definida, contrária ao ponto de vista gratuitamente levantado pelo Abade e que encontrou eco no próprio seio do movimento. A iniciativa, porém, partiu de fora do movimento, foi gerada no seio da Igreja.

Culto, templos e ministros são, pois, para Kardec, os elementos que constituem uma religião, na ótica kardequiana, que era um pedagogo, naturalmente habilitado, portanto, para formular uma tal classificação.

Quanto a palavra em si, Kardec também situou-a com muita clareza, contrariando até o nível lexicográfico da época, que de modo geral registrava outro étimo e outro histórico.

Em seu famoso discurso de abertura (1º de novembro de 1868), publicado na Revista Espírita de dezembro desse ano, Kardec produziu a acepção "nata e verdadeira" da palavra: "com efeito, a palavra religião quer dizer laço". (pág. 356).

"Em sua acepção nata e verdadeira, uma religião é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças".

Duas coisas precisam ser destacadas aí: em primeiro lugar, é que essa era a legítima e original acepção da palavra, em Roma antiga. Kardec refere primeiro o sentido imediato, material, da palavra: é laço. Depois, acrescentou o seu sentido figurado, o que ela possuía acima do simples significado de nó ou braço que se dá em cordas. Era uma relação toda moral, um fato espiritual que unia "homens" formando uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças.

Isso contrariava muito o consenso então (1868) vigente; para falar a verdade, o vigente até mesmo hoje, mesmo entre confrades, que ainda se aferram àquele surrado conceito catequético, onde religião seria um laço que ligaria o homem à Deus. Não sei como pessoas esclarecidas ainda aceitem, num ato de vassalagem mental, de servo pensamento, mofino e estreito, essa impostura cultural, léxica, inventada pela Igreja.

Kardec recupera semântica: o laço que uma religião representava apenas unia, relacionava "homens", entre si; e não os homens "a Deus".

No ideário romano, o que fazia essa união entre o humano e o divino (não com Deus, um conceito ainda desconhecido, mas com os deuses) era o *cultus-us*, não a religião, que era apenas aquilo que Kardec bem descreveu: um laço puramente moral e social, formativo apenas de comunidades, associações civis, de pessoas relacionadas por suas disposições comuns: seus princípios, sentimentos, crenças.

A acepção é tão clara que pode-se aplicá-la hoje a qualquer comunidade que conhecemos: associações de moradores, entidades como os partidos verdes, as associações de defesa ambiental, entidades de ecologismo e de pacifismo, como aquela notável "greenpeaces", alvo de tantos atentados.

Nada havia nessa entidade, nesse conceito, tão claro, que a palavra religião designava em sua origem, que a relacionasse com o fim látrico, cultural: eram duas coisas bem separadas - o cultus-us propunha-se a buscar a comunhão com o deus, através do sacrifício, da propina, dos votos, nos templos e com a mediação do clero; enquanto que a religião visava apenas a congregar pessoas naturalmente afins, de idênticos sentimentos, princípios e crenças, para algum objetivo laico.

Kardec frisa que o laço de uma religião, qualquer que fosse o seu objetivo, era sempre de substância moral, pois visava a despertar nas pessoas uma solidariedade, através da comunidade de seus atos, seus costumes, seus hábitos eram os iguais e os afins que se reuniam, constituindo uma religio-nis, exatamente por sua similitude, sua unidade de vistas, de ideais. Era uma unidade que se formava espontaneamente pela atração dos iguais. E se mantinha pela habitualidade, portanto, por uma razão moral: mós-moris, mores era exatamente isso, costumes, hábitos, usos ordinários habitualizados.

Importante que Kardec socorre-se de Cícero: fala da religião da família, da religião da amizade, da religião do sangue. Que queria dizer? laços de família, laços de amizade, laços de sangue. São expressões usadas até hoje, sem se suspeitar que está-se falando exatamente daquilo que, em Roma, queria significar a palavra religião: laço social de substância moral. Isto é: uma relação que envolve pessoas, forma uma mini-sociedade e consiste não em imposições mas em uma concordância de pendores, de inclinações, de gostos, uma simpatia e atração recíproca.

Hoje, a própria Igreja repudia, por seus membros mais cultos e íntegros, como o Padre Fernando Bastos Dávila, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, aquela antiga etimologia inautência que falava de religar e forçava uma tradução inaceitável de "o laço que liga o homem a Deus", segundo um consenso hoje, o étimo é o mesmo que Cícero apontou, de religio-nis, e sua tradução é laço, no sentido imediato; no figurado, é aquilo mesmo que Kardec produziu: laço social, de substância moral, exclusivamente entre pessoas, formando entidades associativas, cooperativas, grêmios, etc.

Estava desmitificada a palavra religião. Referida como vocábulo que começou significando apenas o nó, o laço ou baraço, que se dá em cordas; passou a expressar o fato do gregarismo, da solidariedade, do associativo, e cooperativismo, da parentela, da consangüinidade, da afetividade, enfim, todas as situações ou condições em que o ser humano procura os outros seres humanos.

Foi somente depois de Constantino e seu famigerado edito, que a palavra religião e a coisa religião perderam esse caráter puramente laico que tinham e, confundindo-se com o culto, passaram a exprimir o oposto: o látrico, o místico, o ritual, o sobrenatural.

Deolindo Amorim, que conhecia profundamente o positivismo, era de parecer que Kardec só produziu aquele discurso e nele aquela achega por causa de um fato relevante: Littré, epígono (sucessor) de Comte, havia vulgarizado que o positivismo era a "religião da humanidade". Ora sendo o positivismo eteu e materialista, não podia ser no sentido conhecido da palavra que Littré o dizia. Em que sentido era então? Littré era autor de um dicionário (1866), era um lexicógrafo também, fizera aquela frase baseado exatamente no antigo e primitivo significado de religião. Ele pudera fazê-lo porque era independente, não sujeito à vassalagem generalizada perante a Igreja. Não vacilou em afrontar a incompreensão das pessoas, bitoladas pela imposição cultural do clero e dos catecismos.

Sabia que religião era originalmente apenas um laço que unia pessoas, um laço social de substância moral e por isso todo e qualquer ismo estaria naturalmente identificado com tal sentido da palavra. O positivismo era pois um laço social, uma religião, independente do fato de não ser espiritualista. Mas e o Espiritismo?

Kardec tinha, como se sabe, problemas internos na Sociedade de Paris. Uma posição hostil afrontava-o. Referiu-se a isso, amargamente, falando de "foco de intrigas". Desde o Abade Chesnel, com sua intervenção peçonhenta, muita gente havia introjetado a sugestão do clérigo, que não foi feita com outra intenção. Roustaing, por exemplo, montara o seu esquema de dissensão, exatamente em um pensamento parecido. Chamara seu livro de "revelação da revelação", de modo provocativo, como se fosse autor de uma super-revelação, uma pós-revelação, que desbancaria a revelação da doutrina espírita.

Isso obrigara Kardec a produzir aquele antológico primeiro capítulo do livro "A Gênese", onde repôs as coisas em seus devidos lugares.

Por tudo isso, quando subiu à tribuna da Sociedade de Paris, o discurso que proferiu trazia um alcance imenso para a cultura mundial. Apoiava Littré e enquadrava o Espiritismo como uma religião, naquele prístino sentido filosófico (o filosófico é por causa do filósofo), declaração que não poderia deixar de fazer pois a doutrina levava o morfema de ismo em a composição de seu nome. Ismos são naturalmente religiões no sentido filosófico, era inevitável ter de enfrentar essa verdade léxica. Se o Espiritismo era spirit + ismo, ismo dos Espíritos e dos espíritas, era um laço social de substância moral, a integrar todos os que aderiram à bandeira das idéias espíritas. Logo, era uma religião mas apenas naquele sentido filosófico, que é laico tanto

assim que o positivismo, ateu e materialista, ostentava-o.

Mas Kardec não era só um pedagogo, um lexicógrafo, um filólogo ou gramaticão alienado, que sonha com irrealidades e fósseis semânticos. Era um homem lúcido, realista, objetivo, era o bom senso encarnado. Intuiu que não adiantava mexer no que estava quieto: chamar de religião no sentido filosófico era abrir caminho a que a palavra fosse aplicada exatamente no sentido religioso, o que não tinha nada a ver com a doutrina.

O adjetivo "religioso" é incabível, é inaplicável a religiões no sentido filosófico da palavra, aos ismos laicos, por razões óbvias e acacias, que dispensam explicação.

Chamado de religião em tal sentido, o filosófico, o Espiritismo não poderia ser adjetivado de religioso nunca, pois não tinha a tipicidade das religiões, nem de cunho objetivo, forma, e nem os elementos de cunho subjetivo.

Seria estabelecer a confusão e oportunizar aquilo que Erasto, guia do movimento, havia alertado em sua "primeira epístola aos espíritas de Bordéus". Em uma mensagem que está na Revista de novembro de 1861, Erasto adverte que "inimigos da codificação", com "dissertações sabiamente combinadas" e com "tiradas piedosas", sempre "sob a máscara da religião", iriam assaltar os espíritas, crivá-los de botes e ciladas. Tentando mudar o caráter do movimento e até de codificação. Insistia que todas as mudanças fossem discutidas e negociadas, aceitas por todos, nunca impostas.

Se Kardec aceitasse a rotulação de religião, seria o fim do Espiritismo. Por isso, naquela mesma oportunidade, o discurso de 1º de novembro, ele nega que se pudesse lisamente chamar de religião e diz porque. Sentencia que "não se podia nem devia" usar aquela palavra como rótulo da doutrina. Fala que as reuniões espíritas não são religiosas, mas que podia-se dizer que eram feitas "religiosamente", num visível conotativo.

Tão claras explicações vivem ignoradas porque quase ninguém lê aquele discurso. Como também não se valoriza a imensa Revista Espírita, parte inseparável da codificação, base desta, aliás.

Tanto no sentido filosófico, de laço social, quanto no de culto látrico, que é o sentido usual, religião é sempre um fato moral, de substância moral. Mesmo no sentido sociológico, onde é um fato cultural não natural, a religião ainda assim é um fato moral pois o que são culturas senão agregado de mores, de usos, costumes, hábitos institucionalizados? Inegável pois o caráter intrinsecamente moral de qualquer religião.

Mas, se é fato que toda religião é sempre moral, a recíproca não é verdadeira: nem todo fato moral é religioso. Não procede a idéia de que haveria um sentido religioso no Espiritismo, só pela simples razão de este ser um fato moral, possuir uma dimensão moral.

Moral é um adjetivo que refere o que consiste em mores, o que é habitual, consueto, usual, costumeiro. Mas é substantivo também, de múltiplas acepções: na sua usadiça é código de conduta, norma de proceder, conjunto de prescrições morais, isto é, de usos e costumes, de agires. Uma autoridade, religiosa ou civil, impõe, prescreve, certas normas e ordenações, que visam regular o agir, o proceder, para limitar ou coibir. Isto é moral substantivamente.

Neste sentido, o espiritismo não pode ser facilmente enquadrado como uma moral; ele não é uma fonte de prescrições normativas, rigorista, como um código de Hamurabi, um código de Manu, um decálogo ou Corão. Pelo contrário, Kardec diz que o Espiritismo não impõe nada, que não tem moral própria, que adota a moral evangélica por considerá-la a mais avançada. Mas isso foi retórica apenas.

Quando se ocupa de examinar os fatos morais, quanto as suas conseqüências na vida futura, produz o livro "O Céu e Inferno", onde traça um "Código penal da vida futura", com base em método informático, estudo de casos, tomada de depoimentos e processamento dos elementos e dados nestes contidos. Procura com isso dar uma base factual aos princípios de mora das religiões, mostrando que assentam sobre razões cósmicas: nenhum tribunal defronta a alma culpada, após a morte, nem mesmo é só a pura aflição consciencial que o martiriza. Pelo contrário, as condições conscienciais desses faltosos, plasmam em seu redor microclimas de horror, projetando cenas fluidicas e materializando condições impressionantes.

Kardec devassa fatos que nem Dante ousou imaginar. São propriedades da mente, das leis vigentes no ambiente pós-morte, que criam em tais situações, onde os culpados estampam em seu perispírito as marcas de sua inferioridade, onde experimentam a visão incessante de suas faltas, tudo isso com a maior naturalidade, pois deve-se tal a princípios independentes da vontade humana: são coisas fáticas, pois.

Isso é uma investigação de cunho informático, aplicada ao mundo moral, de mores, de hábitos, pelas ações morais de uma vida inteira, que cada indivíduo experimenta aquelas situações. Kardec não era nenhum legislador, nenhum fundador de religião, nenhum disciplinador carismático de multidões, como um Moisés, um Maomé, um Menés, Minós, Manu, mas um investigador, um pesquisador, que tomava como material de estudo o caráter dos entrevistados desencarnados, seus agires e pensares, seu proceder, para então deduzir, da situação de cada um, o que era determinante de certos resultados, na erraticidade. A moral espírita é informática antes de a Informática ser.

Não procede, pois, puramente, dos evangelhos, como tanto se gosta de repetir. A moral espírita tem

fontes próprias. Ao dizer que adotava a dos evangelhos, Kardec não renunciava a produzir uma pilha própria de verificações morais. Até porque, para ser o Consolador, o Espiritismo tem de, necessariamente, dizer mais do que os evangelhos, dizem, inovar, dizer o que não foi dito por Jesus, pois veio para isto. Adstrito só ao que já foi revelado nos evangelhos, como cumpria sua missão?

Nenhuma contradição há entre o dizer que não se tem moral própria e que se adota a dos evangelhos, e o fato de ter pesquisado, investigado, de modo metódico, informático os fatos morais espíritas, isto é, dos espíritos.

A moral que o Espiritismo renunciava a ter é aquele significado substantivo, de código de prescrições rigoristas. Isso ele não fez: porque o faria, se como Consolador tinha a missão de redizer o que o Cristo dissera? a moral é do Cristo, limitava-se a repeti-la, em linhas gerais. O Evangelho é código moral irretocável, insubstituível.

Entretanto, na acepção adjetiva, quando moral é o que concerne a atos e costumes, inegável é o alcance da doutrina. Além de funcionar como um perfeito meio de comprovar e justificar a moral do Cristo, através dos fatos, de modo experimental, também é evidente que o Espiritismo, produz tantas transformações morais quanto qualquer descoberta científica.

A viagem de Magalhães, terminada por Elcano, comprovou a redondeza da Terra e desmentiu o Vaticano. Século depois, o telescópio de Galileu obrigou a Inquisição a limitar-se, sem repetir o que fizera trinta anos antes com Giordano Bruno. Os costumes modificaram-se. Outra viagem, duzentos anos mais tarde, desta vez a do Beagle, armou Darwin para uma teoria revolucionária, sensacional. A bíblia foi desmentida e a Igreja abalada. O cortejo de conseqüências disso, sobre os hábitos mundiais e os conhecimentos, foram imensos.

Pasteur gera uma cadeia de mudanças: ninguém mais bebe leite sem o ferver; não se toca em alimentos sem antes lavar as mãos nem deixamos de escovar os dentes após comer; surge a indústria de conservas, de enlatados e a vacinação é arma dos governos na erradicação de doenças.

São mudanças morais, onde os mores, os usos, os costumes, os hábitos são modificados, por forças de descobertas e invenções, teorias científicas e avanços tecnológicos, de modo totalmente diferente daquela acepção de moral como código de prescrições de conduta impostos por motivação mística, ético-religiosa.

O Espiritismo é um fator desses, determinante de alteração do perfil moral das gerações simplesmente pela pressão dos fatos. Basta ler o artigo de Kardec - "Conseqüências religiosas das manifestações espíritas", in Obras Póstumas - para entender o porque não se precisa imaginar nenhum "sentido religioso" para explicar o alcance da moral dos fatos espíritas.

O sentido religioso que se julga ver na doutrina, de fato nela não está: reside, isto sim, no fôro íntimo dos confrades religiosos ainda. Olhando-a pela ótica que lhes é peculiar, religiosa, julgam-na aquilo que Kardec tantas vezes repeliu - uma religião.

A prova de toque da legitimidade de qualquer idéia está nisto: projetamos aos seus último limites, as suas últimas conseqüências, a idéia de que a doutrina seria religiosa, de algum modo. O que teríamos? Isso representaria a consagração do Abade Chesnel, naturalmente vitoriado, pois teria sido o primeiro a enxergar aquilo que Rivail não viu.

Teria visto primeiro, mais e melhor do que o Codificador.

Que resultaria diminuído desse esquisito confronto.

Kardec era um pedagogo. Ninguém melhor do que ele, com seu currículo, para discernir se a doutrina era uma religião, uma ciência ou o quê. Se Chesnel é que tinha razão, isso reduz a nada a classificação de ciência filosófica que Rivail produziu. Teria se enganado? das duas, uma: ou sabia que era uma religião ou não sabia. Se não sabia, não passava de um incapaz, um inepto, inapto a perceber o que o clérigo lestandamente compreendera. Se sabia, mas não disse, preferindo negar o tempo todo, eis Kardec apresentado como um desonesto, capaz de mentir para não dar o braço a torcer.

Será crível que Kardec não pudesse reconhecer uma religião quando a visse? que não soubesse classificar uma ciência? que tivéssemos de esperar por Chesnel para produzir essa importante classificação?

Todas essas considerações são possíveis se mantemos a idéia gratuita, desnecessária de haver um sentido religioso onde a razão nos diz que não há. Tudo não passa de uma daquelas "miseráveis disputas por palavras", que os Espíritos preveniram que aconteceriam.

Na doutrina não há sentido religioso algum. O que há é um sentido espiritualista, naturalmente, pois esse é o caráter dela: doutrina filosófica espiritualista, que trata de questões do ramo: as causas primeiras, a alma, a vida futura, as questões últimas.

O homem comum, com seu atavismo religioso, não consegue separar moral de religião, religião de Deus, espiritualismo de religião e julga que pode fechar questões que são naturalmente abertas.

A questão de pensar isso ou aquilo da doutrina pertence ao fôro íntimo. Em sua literalidade, porém, a doutrina não é religiosa, mas uma ciência, uma filosofia, uma doutrina moral. Pertence ao número das coisas do progresso, como a estrada de ferro, o telégrafo, dizia Rivail. Que são capazes de mudar as ações humanas

e forjar a civilização, as mudanças.

As pessoas têm o direito de pensar. De opinar. Esses direitos são iguais: tanto para os que julgam ver um sentido religioso quanto para aqueles que preferem a objetividade dos fatos tais quais são.

No momento, a liberalidade de opinião entre nós está ameaçada. Os dirigentes religiosos parecem não saber que os direitos são iguais. Achem que só eles podem dizer o que pensam, mesmo ao arrepio do texto claro da doutrina. Será que podem mesmo?

Muitos pensam que a discussão da identidade da doutrina é coisa irrelevante, portanto despidiêda, inconseqüente. Mas não é assim. Há conseqüências relevantíssimas ligadas, dependentes do estabelecimento dessa identidade: se o Espiritismo se apresenta como uma ciência, como uma doutrina filosófica espiritualista de fundamentação científica, ele terá um peso, um alcance, uma receptividade e valor, perante a sociedade, muitíssimo diferente da que teria se, em definitivo, fosse identificado como uma religião.

E se ficar essa questão pendente, irresolvida, então se abrirá espaço para uma pergunta incômoda: se o Espiritismo não consegue autodefinir sua identidade, como pretende então equacionar e decidir os problemas do ser, do destino, da vida? Se é incapaz para saber de si como poderá merecer confiança para seu discurso sobre as demais coisas?

Na opção de identidade como ciência filosófica (ou como filosofia de fundamentação científica, dá no mesmo) o Espiritismo é sempre um fato bem definido, racional, factual, discutível, isto é, que pode ser discutido, questionado, debatido, goza de transparência. Ciências são estruturas de conhecimentos sobre fatos.

Já na opção de identidade como religião, ele se projetaria em terreno totalmente diverso, onde preponderam opiniões, crenças e juízos dogmáticos, que não precisam realmente serem factuais, racionais, pois envolvem a fé, obviamente independente dos processos da razão. A liberdade de crer é total: ninguém pode ser questionado por crer em algo que valoriza, reputa certo e acreditável, crível. Pode-se crer até no absurdo, no ilógico, que está valendo: religião é isso. Nem há de se discutir nada no terreno da fé.

Ora, não é essa a fundamentação do Espiritismo. Espíritas não crêem, realmente, eles conhecem, sabem, porque a doutrina é acessada numa relação toda pedagógica, de ensino e aprendizado. Não se faz aliciamento nem proselitismo para capturar pessoas como espíritas. Não se doutrinam crianças catequeticamente, para fazer delas futuros catecúmenos espíritas. Nada disso. Aprende-se Espiritismo como se aprende uma nova linha de conhecimentos, de tecnologias de saber, de pensar de proceder. É diferente.

Os elementos formativos, integrantes, da doutrina espírita, não são artigos de fé, não compõem um credo realmente, algo em que se deva crer. Nada disso: são conhecimentos adquiridos sobre fatos e roborados pela prova dos fatos, como em qualquer ciência. As pessoas é que confundem as coisas, emprestando à doutrina um sentido que ela não tem.

O nome que se fixou, de doutrina, também contribui para esse engano: doutrinas são estruturas de opinião, efetivamente. Pessoas dotas expedem doutrinas, um pensar seu, sobre qualquer coisa. Ora, não foi só doutrina o que os Espíritos disseram a Kardec. Eles revelaram fatos, ensinaram. Não se doutrina quando se ensina a um aluno que tais e tais são os conhecimentos disponíveis sobre certa ordem de fatos. Doutrina é uma palavra tendenciosa, às vezes. Não expressa perfeitamente o caráter da revelação espírita, que Kardec ressaltou como informático, naturalmente sem usar essa palavra, inexistente então.

Um espírita pode ser religioso por sua formação religiosa, independente de seu domínio dos conhecimentos espíritas. Não há como confundir as duas coisas: o caráter verdadeiro do Espiritismo, doutrina de Kardec, é o de uma ciência filosófica, não o de uma religião.





## MUDANÇAS ESTRUTURAIS DOS CENTROS E GRUPOS ESPÍRITAS DE KARDEC AOS NOSSOS DIAS

Antonio Cesar Perri de Carvalho

A 1ª de abril 1858, em sala alugada da Galeria Valois, em Paris, teve início o funcionamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Contando com o apoio do Sr. Dufaux e de um General, Allan Kardec fundava a Sociedade Espírita pioneira. A rigor, o primeiro Centro Espírita do mundo. A partir de 1ª de abril de 1860 a Sociedade se transferiria para a Passagem Sant'Ana, uma sede mais apropriada.

Ao comunicar na "Revista Espírita" (maio/1858) a fundação da Sociedade, comenta Kardec: "A extensão universal que tomam diariamente as crenças espíritas faziam desejar vivamente a criação de um centro de observação. (...) Esta lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas de sincero desejo de esclarecimento, contou, desde o início entre seus associados, com homens eminentes pelo seu saber e pela sua posição social. Estamos convictos de que ela está chamada a prestar incontáveis serviços à constatação da verdade. (...) Vindo a Paris, os estranhos que se interessam pela Doutrina Espírita terão um centro ao qual poderão dirigir-se e comunicar suas próprias observações".

O Codificador delinea os objetivos da SPEE: "O objetivo da Sociedade não é apenas dos princípios da ciência espírita. Ela vai mais longe: estuda também as conseqüências morais, pois é principalmente aí que está sua verdadeira utilidade. (...) A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São defesas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social".

O Regulamento da Sociedade Espírita pioneira está inserto em "O Livro dos Médiuns". Destacamos um trecho importante para nossa análise: "A Sociedade não admitirá senão as pessoas que simpatizem com seus trabalhos, as que já se achem iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animados do desejo de nela se instruírem".

Nos trechos acima transcritos, percebe-se a preocupação de Allan Kardec em manter um núcleo que seria a referência das atividades espíritas, desviando os interessados em procurarem sua residência. Aliás, inicialmente, as reuniões eram realizadas na sua própria residência. Todavia, ele próprio se preocupou com o tipo de relações que manteria com outras Sociedades. Eis o trecho de seu discurso, proferido na SPEE a 1ª de abril de 1862: "Cabe aqui uma observação importante sobre a natureza das relações entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou Sociedades fundadas sob seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. A Sociedade não tem sobre aquelas outra autoridade senão a de experimentar; (...) o laço que as une é puramente moral, baseado na simpatia e na similitude das idéias; (...) A única palavra de ordem é que a que deve ligar todos os homens: caridade e amor do próximo, palavra de ordem pacífica e que não levanta suspeitas".

Além de um esboço unificacionista, baseado "na similitude das idéias", o Codificador deixou evidente nos Regulamentos da SPEE a seriedade das reuniões, inclusive, não as realizando de forma pública, pois, haveria reuniões de estudos para novos interessados e reuniões para as pessoas "iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita".

Outro aspecto a ser evidenciado é a palavra de ordem de Kardec - "caridade e amor do próximo". Ainda na Revista Espírita (janeiro/ 1863), está publicada comunicação do espírito Sanson com uma conclamação (trecho): "...vos lembrar a palavra de ordem, a palavra caridade? Daí tudo quanto pode dar o coração, em palavras, em consolo, em cuidados. (...) sêde todo amor, todo caridade". Mais à frente no mesmo número da Revista, Kardec noticia que "estava aberta uma subscrição em favor dos operários de Rouen, pois, o inverno está aí!" No exemplar de abril/1863, ele comunica o encerramento das subscrições na SPEE.

À mesma época, em 1862, Kardec já esboçava um "Projeto de Comunidade Espírita", que seria a reunião de uma grande família, unida pelos laços da fraternidade e comunhão de crenças e de princípios.

Desta maneira, está claro que a pioneira SPEE se preocupava com estudos, difusão das idéias espíritas, coleta de observações, aproximação com outras Sociedades unidas pelo laço moral, e, também a atuação junto à comunidade.

Saltando dos dados sobre a Sociedade fundada por Kardec, para as primeiras Sociedades brasileiras, lembramos que embora já existissem várias em funcionamento, inclusive, contemporâneas a Allan Kardec, como o "Grupo Familiar de Espiritismo", na Bahia, torna-se importante nos determos em fatos que ocorriam

na Capital do país. Ali, já existiam o Grupo Confucius (1873), Sociedade Espírita Fraternidade (1880), Sociedade de Estudos Espíritas, Deus, Cristo e Caridade (1876), União Espírita do Brasil... Em 1884 era fundada a Federação Espírita Brasileira.

Ao tempo dos primeiros anos da FEB, existiam várias tendências entre os espíritas da Capital: "místicos" (que encaravam o Espiritismo como religião); "científicos" (só admitiam o aspecto científico); "espíritas" (aceitavam "O Livro dos Espíritos" como expressão da Doutrina Espírita), e, "kardecistas" (aceitavam todas as obras de Kardec). São informações e classificação de Canuto de Abreu (in Bezerra de Menezes, FEESP).

Naquela época surgia o vulto de Bezerra de Menezes. Em 1890 fundou a "Escola de Médiuns", na FEB. Qual não foi sua surpresa quando somente apareceram professores! Quando retornou à presidência da FEB declarou Bezerra: "Como vocês sabem, aquela velha Sociedade está sem presidente e desorientada. Em vez dos trabalhos metódicos sobre Espiritismo ou sobre o Evangelho, vive a discutir teses bizantinas e a alimentar o espírito de hegemonia".

A situação da época era difícil. A nosso ver, julgamos de capital importância a atuação de Bezerra de Menezes. Consolidou a FEB, deu força à "Assistência aos Necessitados" e fortaleceu as reuniões de estudo. cremos que seu trabalho passou a desenvolver uma grande influência no movimento espírita brasileiro.

Logo em seguida a esses fatos, no começo do século, surgiram lideranças como a de Eurípedes Barsanulfo. O trabalho levado a efeito por Eurípedes em Sacramento (MG) exerceu acentuada influência não só no Triângulo Mineiro, mas, no Estado de São Paulo e até mais à distância. Suas atividades eram marcadas pelo atendimento material e espiritual à comunidade local e regional. Ficou consagrado como o "apóstolo da caridade".

Simultaneamente, Cairbar Schutel levava a efeito trabalho quase que similar em Matão. De certa forma, era também um líder carismático. Chamado de "pai da pobreza", Cairbar desenvolveu também um trabalho notável no campo da divulgação do Espiritismo, ao fundar órgãos como "O Clarim" (1905) e a Revista Internacional de Espiritismo (1925).

Há, sem dúvida, muitos outros exemplos de lideranças pelo país a fora. No entanto, julgamos que estes exemplos marcantes sejam suficientes para o desenvolvimento de nosso raciocínio. Acreditamos que grande parte dos Centros Espíritas do país, pelas dificuldades de comunicação, escassez de livros e, inclusive, pelas limitações de leitura e cultura, não se inspiraram em obras de Allan Kardec, como "O Livro dos Médiuns" que contempla o assunto relativo a organização e funcionamento de reuniões e de Sociedades em vários itens. Provavelmente, a atuação de líderes brasileiros como Bezerra, Eurípedes Barsanulfo e Cairbar Schutel não apenas suscitaram interesse por estarem mais próximos da realidade da época, pois, atuaram direto com carenciados, como também serviram de inspiração para a fundação e para a orientação de inúmeras Sociedades.

Assim, a nosso ver, durante a primeira metade do atual século, a grande maioria das Sociedades se estruturaram por adoção de sistemáticas copiadas a partir de lideranças marcantes - encarnadas ou desencarnadas.

Embora na SPEE, Allan Kardec tenha executado atividades junto à comunidade, tais fatos não devem ter sido do conhecimento de grande parte dos nossos pioneiros, pois, são registros da "Revista Espírita", obra valorizada e divulgada mais recentemente entre nós. cremos que a característica evangélica e assistencialista de nossas Sociedades sejam resultantes da influência da obra de Bezerra de Menezes, de Eurípedes Barsanulfo, de Cairbar Schutel e de outros pioneiros contemporâneos a eles.

Esses traços evidente de nossas Sociedades Espíritas foram detectados inclusive por estrangeiros em visita ao nosso país. No ano de 1941, Gabriel Gobron anotou em "Le Fraterniste": "...à frente do mundo no tocante à organização espírita de assistência pública vem o Brasil. Não há Centros Espíritas que não tenham ou não cuidem de ter assistência aos necessitados... - O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação... - e o Brasil e seus espíritas são pobres!"

A Dra. Ann Tiller escreveu artigo sobre os cultos mediúnicos brasileiros e o publicou em revista especializada da Califórnia (EUA), no ano de 1979. A pesquisadora da Universidade St. Thomas (do Texas) se refere ao "kardecismo brasileiro", enfatizando que este dá importância às curas e os trabalhos assistenciais. Inclusive, se referiu à quantidade de Hospitais Psiquiátricos Espíritas.

As duas observações de estrangeiros corroboram nossa visão sobre as características mais evidentes das Sociedades Espíritas brasileiras.

Porém, além do aspecto religioso e assistencial preponderantes nas nossas Sociedades que, a nosso ver, justificamos suas principais origens, há o aspecto relacionado com o estudo doutrinário e a renovação das estruturas dos Centros .

Em parte, as condições sócio-econômicas-culturais de nosso país estão intimamente relacionadas com as limitações doutrinárias do nosso movimento na primeira metade de nosso século. Mesmo assim, já surgiram esforços bem visíveis. O próprio Gobron, acima citado, fez referência à Editora da FEB que na época nada devia às Editoras inglesas e francesas que publicavam livros espíritas. Cairbar Schutel, em pleno interior, montava outra Editora. Iniciava-se a publicação das obras de autores nacionais e, inclusive, as

psicográficas de Francisco Cândido Xavier.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo iniciava sua "Escola de Médiuns", inicialmente em São Paulo, e depois se expandindo pelo interior.

A verdade é que o movimento espírita passou a tomar novas feições com o aparecimento de novas editoras, com a divulgação das obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier e, em seguida ao "Pacto Áureo" com a incrementação da unificação dos espíritas.

Além dos fatores já enumerados, que exerceram influência direta sobre a organização e funcionamento das estruturas de nossas Sociedades, principalmente na década de 60, ficaram evidenciados outros, como: a divulgação de obras como a chamada "série André Luiz" e dentro desta destacamos "Desobsessão" (1964) e outras especificamente tratando do tema mediunidade; as "Deliberações do Simpósio Centro-Sulino" (1962); a diversificação de sistemáticas para o estudo e prática da mediunidade, como o surgimento do "Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM) em 1970 e sua aplicação e divulgação no Estado de São Paulo a partir de 1974; a divulgação de documentos-orientação pela USE, como a "Carta aos Centros Espíritas" (1975), "Esquemas de Atividades Doutrinárias de um Centro Espírita" (1978) e, pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, como: "A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades" (1977) e "Orientação ao Centro Espírita" (1980).

A nosso ver, foi principalmente na década de 70, com o amadurecimento e maior abrangência do movimento de unificação e com maior alcance das Editoras e da imprensa espírita, que ficaram mais marcantes alterações doutrinárias nas estruturas das casas espíritas.

Dentro das condições da época, principalmente, nas primeiras décadas de nosso século, a estruturação das Sociedades era muito empírica.

Como resultante de vários fatores que enumeramos houve maior divulgação da obra de Allan Kardec. Com isto, além daquelas mais disseminadas, passou-se a recorrer e analisar "O Livro dos Médiuns", "Obras Póstumas", e a "Revista Espírita", ou seja, aquelas que contém subsídios importantes para a orientação das reuniões, das Sociedades e até um embasamento para o movimento de unificação.

Com a atenção voltada à obra kardequiana, surgiram campanhas como "Comece pelo Começo" (da USE, 1985) e do "Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita" (FEB, 1984).

Concluindo, admitimos que as principais mudanças estruturais das Sociedades Espíritas estão ocorrendo nos três últimos lustros. Em conclusões de "O Livro dos Espíritos" Kardec previa três períodos para o movimento: curiosidade, raciocínio e filosofia, aplicação e conseqüências. Cremos que as Sociedades Espíritas amadureceram, em grande parte, entre o segundo e terceiro períodos.

## HISTÓRICO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS



O Livro dos Espíritos já teve um impacto muito grande para o movimento espírita em todo o mundo. Foi o primeiro livro de Kardec que se tornou tão popular quanto os outros. Através dele, as pessoas começaram a entender melhor a doutrina espírita e a aplicar os princípios em suas vidas. Isso levou ao surgimento de muitas Sociedades Espíritas em todo o mundo, incluindo a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi fundada em 1857 por Allan Kardec e seus discípulos. Seu objetivo era estudar e divulgar a doutrina espírita de forma científica e racional. A sociedade se tornou o centro de referência para os espíritas parisienses e influenciou profundamente o desenvolvimento do movimento espírita em todo o mundo.

Desde sua fundação, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas tem se dedicado à pesquisa e à divulgação da doutrina espírita. Ela publicou o Livro dos Espíritos e outros livros importantes, além de organizar cursos e reuniões para seus membros e para o público em geral. Sua influência é sentida em todas as partes do mundo, onde os princípios da doutrina espírita continuam a ser estudados e aplicados.

# A ESTRUTURA DOS CENTROS ESPÍRITAS DE KARDEC AOS NOSSOS DIAS

Eder Fávero  
Amílcar Del Chiaro Filho  
Roberto Palazzi

## INTRODUÇÃO

Quando se apontou o tema básico do Congresso "O ESPIRITISMO NO SÉCULO XX", surgiram, conseqüentemente, várias sugestões de assuntos importantes para a organização do evento, todos eles ajustados à temática principal, conforme se vê no programa oficial do Congresso. Mas, dentre eles, para nós, um em particular surgia como importante referencial de todo o desenvolvimento da prática Espírita, desde a época do Codificador ao nossos dias. Traria uma contribuição efetiva para os Dirigentes Espíritas, de maneira a apresentar uma visão histórica da evolução dos grupos Espíritas, da primeira instituição doutrinária do Espiritismo: a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, aos Centros Espíritas no Brasil desde o fim do século passado até o presente, incluindo-se o perfil psicológico e social dos seus freqüentadores. Desta maneira apontar-se-ia, de forma segura, a organização ideal da Casa Espírita do futuro, considerando suas peculiaridades cultural, econômica e social, de instituição de caráter doutrinário-comunitário, fundamentadas nas bases Kardequianas. A nossa análise, bem como o nosso trabalho despretensioso é oferecido com o intuito de contribuir de alguma forma para o enriquecimento das atividades doutrinárias nas nossas instituições e fundamenta-se no contato e vivência com as centenas de Casas Espíritas do nosso Estado e com o contato estreito nas três últimas décadas, com o movimento Espírita Nacional.



## HISTÓRICO DA SOCIEDADE PARISENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

O Livro dos Espíritos já havia sido lançado e estava para completar seu primeiro aniversário, as manifestações espíritas se multiplicavam por toda a parte, suscitando a formação de inúmeros grupos familiares que se reuniam regularmente, qual os que Kardec freqüentou, donde destacamos as famílias Baudin e Rostan e, posteriormente, as reuniões na própria casa do Codificador. A Revista Espírita estava circulando desde janeiro de 1858 e no número referente a Maio, no encerramento da revista, vem a informação da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), autorizada pelo Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Excia. o Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral, em data de 13 de Abril de 1858.

Allan Kardec justificava a fundação da SPEE pelo crescimento do Espiritismo e pela necessidade de se ter um centro de estudos formados por pessoas sérias, dispostas a trabalhar pelo progresso da Doutrina. Seus estatutos foram publicados posteriormente no Livro dos Médiuns para servir de modelo aos Centros Espíritas que nasciam por toda parte. Mas, podemos adiantar que Allan Kardec, na Revista Espírita de Setembro de 1858, num artigo intitulado Propagação do Espiritismo, de passagem, faz o seguinte comentário sobre a SPEE: "A SPEE não é prova menos evidente desta verdade, pela escolha de pessoas que reuniu: suas sessões são acompanhadas com interesse constante, com uma atenção religiosa e, podemos dizer, mesmo com avidez. Entretanto, só se ocupa de estudos graves e sérios, por vezes muito abstratos e não de experiências visando excitar a curiosidade. Falamos do que se passa aos nossos olhos, entretanto, o mesmo podemos dizer de todos os centros que se ocupam do Espiritismo sob o mesmo ponto de vista, pois que, mais ou menos por toda parte como haviam anunciado os espíritos - o período de curiosidade chega ao declínio".

Por essa mostra podemos começar a delinear o perfil psicológico e social dos freqüentadores da SPEE e dos demais centros espíritas da época na Europa e depois confrontar com a clientela dos Centros Espíritas no Brasil desde o século passado.

Na abertura da Revista Espírita de Julho de 1859, Allan Kardec faz um histórico do nascimento da SPEE, mostrando que a sua casa ficou pequena para abrigar o grande número de pessoas que freqüentavam suas sessões, daí a decisão de se fundar a SPEE, partindo da proposta de alguns amigos para que se

cotizassem a fim de alugar uma sala maior para as reuniões.

Porém, seria necessário que se conformassem com a ordem legal, ou seja, constituir-se uma sociedade. Diz Kardec que as autoridades foram benevolentes e a autorização saiu em poucos dias, pois, fundada no dia 1º de Abril, já no dia 13 era publicada a autorização legal. Quase no final do discurso, Kardec alude a outras sociedades Espíritas já existentes em Paris e que diziam rivalizar-se em tamanho e recursos financeiros, isto apenas um ano após a fundação da **SPEE**. Kardec as parabenizou, deu alguns conselhos e previu que os Centros Espíritas se multiplicariam pelo crescimento da Doutrina, pelo grande número de médiuns que estavam aparecendo em quase todos os Centros, surgidos de grupos familiares.

Na **Revista Espírita** de Maio de 1861, no discurso de abertura do Ano Social, Kardec reitera e justifica o rigor à admissão de pessoas que querem assistir às sessões da **SPEE**. Responde várias críticas e analisa sugestões. Uma delas propõe fazer sessões especiais para os neófitos, com o mesmo rigor disciplinar que são feitas às outras. Kardec afirma: *"é provavelmente o que faremos um dia e se não fizemos ainda é porque quisemos agir com prudência e não como estouvados, mais impaciente que refletidos"*. Mais à frente, no mesmo discurso, Allan Kardec diz: *"com este objetivo recolhemos os fatos, examinamo-los, discutimo-los friamente, sem entusiasmo; e foi assim que chegamos a descobrir encadeamento que existe em todas as partes desta vasta ciência, que toca os mais sérios interesses da Humanidade. Tal foi Senhores, até o presente, o objetivo de nossos trabalhos, objetivo perfeitamente caracterizado pelos simples título de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que adotamos. Reunimo-nos com o fito de nos esclarecer e não de nos distrairmos"*.

Nossa perquirição junto à **Revista Espírita** leva-nos à conclusão que de a **SPEE** atravessou momentos de dificuldades, a ponto de Allan Kardec ter pensado em abandonar a presidência mas, por insistência de amigos e mensagens dos espíritos, recebidas em várias partes, ele continuou e os membros dissidentes afastaram-se naturalmente. Os médiuns da **SPEE** eram quase todos psicógrafos, faculdade a que Kardec deu muita atenção e estudou profundamente. A maioria das comunicações recebidas na **SPEE** era pela escrita, só aparecendo na **Revista Espírita**, referências a comunicações faladas vários anos após a fundação da Sociedade. As comunicações, em sua maioria, eram provocadas pela evocação individual do espírito, pois Kardec dava preferência às evocações e não às manifestações espontâneas, embora estas não fossem desprezadas nem negligenciadas. Era comum perguntar-se aos espíritos manifestantes qual o seu estado - se encarnado ou errante. Se encarnado, em que mundo estava; se errante, aonde se encontrava na sala. A resposta era geralmente a mesma: entre vós e o médium. A harmonia de idéias era um fator jamais descuidado, pois parecia haver uma profunda simpatia entre todos e uma aceitação tranqüila da superioridade do presidente.

Outro fato que ressalta dessa investigação é que os médiuns trabalhavam também, sozinhos, em suas casas, quando então faziam as evocações e as perguntas aos espíritos. A **SPEE**, conforme o próprio título sugere, era uma sociedade de estudos, observações e pesquisas, por isso, anualmente, em Agosto, entrava em férias, ficando fechada durante um mês, ocasião em que Kardec aproveitava para as suas viagens a serviço da Doutrina.

Na **Revista Espírita** de Outubro de 1860, Kardec aconselha, num discurso em Lyon, que não se formasse grandes sociedades Espíritas, porque dificilmente haveria homogeneidade e ambiente propício às comunicações. Várias outras vezes ele reiterou essa posição, dizendo ser melhor que em uma cidade existissem vários pequenos grupos; foi além, na mesma cidade de Lyon, numa outra ocasião afirmou: *"o sistema de multiplicação dos grupos ainda tem como resultado, o corte da rivalidade, de supremacia e de presidência. Cada grupo é, naturalmente, presidido pelo dono da casa ou pelo que for designado, e tudo se passa em família"*.

Outro ponto em que Kardec agia com rigor era na admissão de estranhos para assistir sessões ou novos sócios. Jamais agia com imprudência, tomando todas as precauções para não admitir alguém que viesse trazer distúrbios às reuniões, não admitindo como membro regular quem não tivesse conhecimento teórico do Espiritismo.

## O PERFIL PSICOSSOCIAL DO FREQUENTADOR DOS CENTROS ESPIRITAS AO TEMPO DE KARDEC

Não podemos traçar o perfil psicossocial dos frequentadores dos Centros Espíritas na Europa e especialmente em Paris, se não procurarmos saber o perfil da própria cidade luz ao tempo de Kardec, isto é, meados do Século XIX. Foi justamente neste século que as ciências se firmaram como participantes indispensáveis dos currículos escolares, impondo a necessidade de laboratórios e bibliotecas. Foi a época do evolucionismo, do materialismo e do capitalismo. É o instante de profundas mudanças na estrutura sócio-econômica e filosófica, com conseqüências na religião e na moral instituída. Nesta época, 75% do povo francês vivia no campo e não mudou suas condições de vida, nem seu "equipamento mental". Examinemos quem era o povo, os aristocratas, os burgueses, os homens de ciência. Começemos pelo povo, pelos operários de Paris e o que deles conhecemos advém, principalmente, dos personagens literários de Balzac, Victor

Hugo, Flaubert, Zola, Nuss, etc.. Dos processos criminais, de alguns cronistas como Michetet e Buret. Através desta ótica vemos que as condições de vida na França, não era das melhores especialmente em Paris onde dois terços da população era composta por operários que trabalhavam até dezesseis horas por dia, em fábricas insalubres, sem nenhuma condição física ou psíquica de bem-estar. Escravizado pelo relógio, o homem passa a ser avaliado pela produção e não pelo seu caráter ou moral. Este novo mundo industrial que faz o operário depender da máquina e do patrão, assim como do emprego incerto, desencadeia uma turbulência, o amor violento, a bebedeira, a algazarra grosseira na saída das fábricas, como uma espécie de compensação ou desabafo contra o monstro mecânico que é a máquina.

O nível de pobreza por consequência da marginalidade, era alarmante. Nas ruas, mendigos, ladrões, prostitutas, crianças vendendo flores, submundo gritante e assustador. Paris tinha duas vidas diferentes - a vida diurna mostra a multidão de trabalhadores a procurar fábricas ou empurrar suas ferramentas - à noite, é o movimento lento e fênelo do criminoso, enquanto o operário exausto, procura o leito reconfortante. Aí, então, é o formigar das prostitutas, as mesas de jogos, os ladrões, os teatros, as orquestras, os cafés movimentados. Mas, não há só o espetáculo da pobreza ou da marginalidade, é a Cidade Luz, com seus parques, jardins, alamedas, galerias (nossos Shoppings modernos) e principalmente os Cafés, onde as pessoas se reuniam não só para beber, mas sobretudo, para conversar, trocar idéias, preencher as horas vazias da noite. Ali se discutiam grandes idéias políticas e científicas. Lembramos que do dia 1º, de Abril de 1859 a 1º, de Abril de 1860, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas se reunia às sextas feiras no Douix, no Palais Royal, Galeria Montpensier.

Os Cafés, parques e jardins eram o lazer da burguesia e não do operário que freqüentava bares. Contrastando com rostos macilentos, a juventude emurchecida, crianças inchadas e doentes das famílias operárias, a classe média e a aristocracia rica, a burguesia ascendente era assídua freqüentadora dos Ballets, dos Concertos, da Comédie Française, principalmente das festinhas particulares ou palacianas, pois a nobreza, apesar da revolução francesa, não perdeu seu "status" e juntamente com a aristocracia burguesa, viveu em luxo e esplendor pré-mencionando a Belle Epoque.

É aí, no seio dessa sociedade, onde havia festinhas, saraus lítero-musicais e até bacanaís Dionisiacas, onde se discutia sobre tudo, desde a frivolidade até discussões acadêmicas que encantavam a burguesia ascendente e não mais interessava a aristocracia ou a velha nobreza, desgastada e necessitada de novos passatempos que se importa da América, a última moda: **AS MESAS GIRANTES.**

Num pequeno espaço de tempo, Paris é invadida pelas mesas girantes; às festas ou reuniões que se prezavam não faltavam esses atrativos, a última moda. Assim, dum simples passatempo da nobreza ociosa, ela própria, a nobreza, passa a observar, pesquisar e estudar, tentando alguns nobres, como Barão Rechembach, Marquês de Mirville e outros, dar soluções e explicações mais científicas a tais fatos. A nobreza passou a pesquisar tais fenômenos porque sentiu o reflexo do capitalismo uma nova classe poderosa e cheia de dinheiro que passou a ocupar seus lugares e funções. Seus dias se tornaram longos e suas noites intermináveis; muitos procuraram as orgias palacianas, as mesas dos cassinos, outros mais sérios, em busca de prestígio, se ocuparam das pesquisas, encerraram-se nas bibliotecas, fizeram viagens exóticas ou expedições científicas dos mais variados tipos, ocuparam-se da Física ao Espiritismo, da Filologia à História. Laboratórios de Química, Física, Museus particulares, Bibliotecas imensas se formaram no subsolo dos castelos. As academias reviveram seus anos dourados e surgiram novas instituições científicas especializadas; são os clubes dos homens de saber, fechados e destinados a uma elite seleta. O campo de estudo dos fenômenos ditos sobrenaturais, não fugiria a regra e foram homens de nobreza, como o Conde Gasparin, o Marquês Mirville, o Conde Ourches e Barão Reichenbach os pioneiros a estudar, observar e tirar as primeiras impressões sobre tais fenômenos.

Hoje, ao lermos Gasparin e sobretudo Mirville, fica-nos a impressão de que Kardec os leu, assim como utilizou vários métodos e sugestões em suas obras, o que não denigre Kardec, mas mostra o cientista que vai além de onde os outros pararam, desmistificando e esclarecendo os pontos confusos das obras destes autores.

Chegamos a conclusão de que os fenômenos Espíritas foram estudados num primeiro momento por homens aristocratas da nobreza européia. Não eram "João Ninguém" e também não eram cientistas, pois viam no fenômeno mais um passatempo do que ciência. Isto não invalidou suas pesquisas, pois na verdade, elas incomodaram os cientistas, que viam naqueles fenômenos a ignorância, o misticismo, a superstição do povo ou o cambalacho de alguns espertalhões.

O interesse dos cientistas foi despertado por suas Academias, que no afã de pôr um ponto final em tais loucuras, os intimaram pagando para que estudassem e desmistificassem tais fenômenos ditos do "além". Isto levou muitos pesquisadores a se tomarem Espíritas, porque suas pesquisas, ao invés de invalidar, sancionaram os fenômenos, confirmando a existência de seres invisíveis (espíritos) que eram os agentes de tais fenômenos. Muitos relutaram até quase o fim de suas existências, como Richet, Buret, outros mais corajosos, como Crooks, Zolner, Aksakof, De Rochas, de pronto se curvaram à evidência.

É bom lembrar que cientistas como Crooks, Lombroso e Zolner, foram pagos para pesquisar, chegando a uma conclusão contrária àquela pela Academia. Crooks foi expulso da Royal Society for Science. Mas não foram somente os aristocratas ou os medalhões da ciência que investigaram os fenômenos. Pessoas simples também o fizeram; pequenos professores como Rivail, Carloti, Patier ou mesmo homens como Japhet, Planemaison e Baudin que tanto auxiliaram Kardec na Codificação. Com Kardec, os fenômenos ganharam "status" de ciência e um aspecto filosófico com conseqüências religiosas.

Sem dúvida, Kardec foi o divisor de águas, ficando de um lado Swedenborg, a vidente de Prevost, os "rapps" americanos e as mesas girantes e de outro lado, Kardec com sua metodologia, seu espírito crítico, suas análises profundas, fazendo com que o sobrenatural se tomasse natural. Kardec, sobretudo, deu uma utilidade às sessões espíritas, promovendo o diálogo entre o nosso mundo e o mundo Espírita (e não espiritual). Nesse intercâmbio, ambos saem ganhando, pois não só parentes e amigos trazem suas mensagens, como moralizam-se espíritos atrasados por espíritos evoluídos. Sobretudo proclama-se a imortalidade do ser.

## KARDEC E A OBSESSÃO

Com as manifestações espontâneas, as evocações de espíritos atrasados, de suicidas ou criminosos executados, Kardec percebeu um campo imenso que se abria para o Espiritismo - o de moralizar esses espíritos. Encontramos transcrições desses trabalhos na **Revista Espírita**, que em trabalho realizado pela **SPEE**, quer por informações vindas de outros centros, cidades ou mesmo estrangeiro. O interesse desses diálogos é que eram, geralmente, feitos através da escrita e muitas vezes os espíritos quebravam os lápis, rasgavam o papel ou tinham dificuldades gigantescas para escrever a palavra **DEUS**.

O papel do Presidente da sessão era o de injetar ânimo e coragem no infeliz, aconselhá-lo a ser humilde e bom, a orar e a pedir perdão a Deus. Mas, não havia um trabalho regular nesse sentido, era ocasional ou episódico, quer fosse pela evocação ou por manifestações espontâneas.

Allan Kardec preocupou-se sobremaneira com a obsessão, tratando deste assunto não só no **LIVRO DOS MÉDIUNS**, mas também em **A GÊNESE** e em especial na **Revista Espírita**. Os artigos sobre a Epidemia Demoníaca na Sabóia, ou os Endemoniados de Morzine, em número de seis artigos, assim como o Caso de Possessão da Srta. Júlia, em número de dois artigos e ainda relacionado a este último caso, a transcrição das sessões em que foi evocada Fredegunda, o espírito que possuía a Srta. Júlia, em número de três, mostra a atenção e cuidado de Kardec a esse respeito.

Inúmeras vezes Kardec afirma que a obsessão assemelha-se à loucura, mas precisa ser tratada de forma diferente, sendo prejudicial para o obsedado ser encarado como louco ou mesmo misturado a estes num hospício. Mostrou-nos o valor dos passes magnéticos (troca dos fluidos viciados por fluidos sadios do operador), da prece, que não deixa de ser uma espécie de magnetização, da reação moral do obsedado para vencer moralmente o obsessor ou a ação de um terceiro em substituição à vontade do obsedado, quando esta é fraca.

Os artigos sobre a Epidemia Demoníaca na Sabóia estão nos números de Abril de 1862, Fevereiro, Abril e Maio de 1863 e Janeiro de 1864. No número de Janeiro de 1865, Kardec publica na **Revista Espírita**, longo artigo sobre comunicação feita pelo Sr. Dombre, a respeito de um caso de obsessão tratado pelo Círculo Espírita de Marmande, onde o magnetismo e a doutrinação do espírito obsessor, através da evocação, foram fatores preponderantes.

No número de Junho de 1865, é relatado outro caso de cura da obsessão, pelo grupo Espírita de Barcelona, Espanha. Há em outros números, vários casos ocorridos em outras localidades. Pouco a pouco se delineava a nova ação do Espiritismo, ou seja, a da moralização dos espíritos atrasados, sofredores, obsessores ou perturbadores.

## ALLAN KARDEC E A ASSISTÊNCIA SOCIAL

Não temos muito a escrever sobre isto, mas podemos afirmar que Kardec via com bons olhos a caridade materializada nos Centros e Grupos Espíritas. Através da **Revista Espírita**, podemos acompanhar artigos elogiosos com referência a um membro da **SPEE**, que construiu em Cempuls, um retiro para abrigar pessoas idosas e crianças órfãs. Kardec não só registrou o fato como publicou o discurso de inauguração da capela existente no local, dedicada a S. Vicente de Paulo, pelo fundador do Retiro, Sr. Prévost. Podemos acrescentar que em nome da **SPEE**, Kardec enviou uma carta ao Sr. Prévost, elogiando o seu desprendimento, pois, assinala Kardec - ele não esperou falecer para dar finalidade digna à sua fortuna, fê-lo ainda em vida.

Além disso a **Revista Espírita** escolheu e liderou várias subscrições em favor de necessitados. Veremos alguns exemplos. Em 1862 a **SPEE** angariou 260 francos numa loteria beneficente a favor dos operários Lyoneses, para ser depositada na subscrição feita pelo jornal *Le Siècle*, pois Kardec não queria beneficiar apenas operários espíritas, mas todos, de forma geral. No mesmo número da **Revista Espírita**, Kardec publica

uma mensagem de Cáritas aos espíritas parisienses que contribuíram com 500 francos para os pobres de Lyon.

Logo em Janeiro de 1862, Kardec abre uma subscrição em favor dos operários de Rouen, com um breve comentário a respeito dos sofrimentos daqueles operários.

A **Revista Espírita** de Julho de 1866, traz um longo artigo de Kardec sobre uma Caixa Geral de Socorros e outras instituições para os Espíritas e analisa as dificuldades e o fato de ela ficar restrita aos Espíritas tomaria um caráter de antipatia. Diz ele que os Espíritas não formam uma classe distinta, por isso, sua caridade deve estender-se indistintamente, sem inquirir da crença do necessitado. Mas, afirma Kardec - *"Não podemos senão encorajar com todas as forças a beneficência coletiva nos grupos Espíritas"*. Neste mesmo ano de 1866, a **SPEE** abriu subscrição em favor dos inundados, mas não traz maiores detalhes. Um pouco antes, em Novembro de 1865, a **SPEE** abre uma subscrição em favor dos pobres de Lyon e das vítimas do Cólera.

Existem outras passagens que poderiam ser citadas, mas cremos que estas sejam suficientes para mostrar que o Espiritismo teve seu aspecto beneficente e caritativo desde o seu início e se no Brasil este aspecto tomou um vulto maior, é porque incontestavelmente, as necessidades são maiores.

## A REALIDADE BRASILEIRA

Procuramos mostrar que o perfil psicossocial do pesquisador e do freqüentador dos centros e grupos espíritas na França, com exceção de Lyon e Metz, era bem diferente ao tempo de Kardec, das pessoas que procuram o centro Espírita no Brasil. Lá, era o nobre, o intelectual, o pesquisador, a alta burguesia, ou mesmo até a classe média, à procura de comprovações científicas de imortalidade. Não era o sofrimento, a angústia existencial, o medo do futuro, a doença e a pobreza. Não era a consolação ou a cura da loucura, da obsessão; não raro até o passatempo a causa da procura e cremos não errar se estendermos essa observação para o resto da Europa. Aqui no Brasil, misturou-se o Espiritismo com as doutrinas afro-brasileiras, impregnando-se de misticismo e religiosidade, porque, além de curar feridas morais e doenças físicas, não raro a interferência de médiuns superdotados e guias espirituais caridosos realizaram curas e resolveram problemas que não fugiam a aura do milagre.

Enquanto na França e em outros países da Europa e América a Doutrina Espírita fazia novos adeptos e se ajustava na prática às experiências de novos grupos que surgiam em grande número, no Brasil, por influência de alguns franceses de prestígio junto à corte, contando-se entre eles, de forma mais destacada, Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert, Morin e a médium psicógrafa Madame Perret Collard, iniciou-se as bases dos primeiros grupos espíritas em nossa terra. Ubiratan Machado em seu livro **"Os intelectuais e o Espiritismo de Castro Alves e Machado de Assis"**, comenta referindo-se ao grupo familiar de Telles de Menezes - *"Não deixa de ser singular a posição de toda repressão. Enquanto isso, as reuniões realizadas na Corte assumiam nítido caráter esotérico, um esoterismo que sugere um certo sentimento elitista"*. Esta atitude, continua comentando o autor - *"talvez decorra do fato de o Espiritismo na Corte, em seus inícios, ser um quase monopólio da colônia francesa. A descrição, peculiar aos gauleses, resguardaria de olhos curiosos essas reuniões domésticas e as sessões; as primeiras de puro kardecismo, realizadas no Brasil. Delas, porém, nada se sabe - não ficou nenhum registro, nenhum depoimento"*.

O que se viu após a fundação do Grupo Familiar do Espiritismo, o primeiro Centro Kardecista do conhecimento público do país, em 17 de Setembro de 1885, em Salvador, Bahia, foi um extraordinário surto mediúnico, em todo território nacional, de norte a sul, ensejando o aparecimento de muitos grupos Espíritas, via de regra com reuniões da prática mediúnica, sem a metodologia estabelecida por Kardec, no Livro dos Médiuns. Algumas sociedades aceitaram de desenvolver o conhecimento Espírita, exclusivamente no plano de estudo, com discussões e debates, à nível filosófico, sem no entanto, cuidar de um trabalho organizado, visando a estruturação do Centro Espírita para o papel que ele viria desempenhar no seio da coletividade brasileira, atividade esta que forçosamente viria ser solicitada pela sociedade, já que a Doutrina Espírita viria a tocar em todos os ramos do conhecimento e trazer alternativas novas para a solução e encaminhamento dos problemas humanos.

A rápida divulgação das idéias espíritas, a incrível velocidade na aceitação de seus enunciados, a possível deficiência de comunicação e a carência de difusão decorrente da falta de literatura adequada, fizeram com que os Centros e Grupos Espíritas tivessem um mínimo de doutrina e uma margem muito grande de posicionamentos pessoais, fenômeno perfeitamente compreensível, pois na proporção que as idéias avançavam, e eram aceitas, a procura às Casas Espírita existentes crescia, surgindo um grande descompasso, uma grande distância entre os aristocratas espíritas e os dirigentes de grupos espíritas. Os grupos foram se organizando em função dos médiuns e não de espíritas conhecedores da doutrina. Somente pelos idos 1925 começavam a surgir criaturas que eram as almas convictas e preparadas para o estabelecimento de novos rumos para a Casa Espírita que viriam imprimir um modelo de Centro Espírita com características mais



próximas à realidade do momento, sem fugir dos norteamentos básicos da Codificação.

Alguns destes vultos são sobejamente conhecidos, outros não, pois ficaram no anonimato. O fato é que todos eles, destacados ou não pela opinião Espírita, em todas as partes do Brasil, estabeleceram um trabalho profícuo em favor de uma nova concepção de Centro Espírita, adequando-o às contingências da época. O Centro, mercê da grande influência de todos os segmentos das camadas sociais, já começava a diversificar suas atividades, em função do perfil psicológico e sócio-cultural do público que o procurava. De simples centro de pesquisas e estudos, em círculo fechado, do tempo de Kardec, passava a ser a casa integrada a todo o contexto de problemática humana. Em função da clientela que o procurava, teve, forçosamente, que atuar nas várias áreas da necessidade do ser.

Problemas espirituais, materiais, morais, de saúde mental, mediúnicos, obsessivos, enfim, dos mais variados matizes, que envolveram a organização social e individual passaram a ter um desembocadouro natural no Centro Espírita, surgindo a preocupação crescente e contínua das entidades orientadoras do Movimento Espírita do Brasil, elaborar recursos de elucidação a fim de sugerir às Casas Espíritas a criação de mecanismos que pudessem aperfeiçoar seus serviços junto à comunidade, sem se afastarem da preocupação fundamental e básica de ter como lastro, as obras da codificação.

Como exemplo desta preocupação, registamos algumas contribuições relevantes no campo da atividade doutrinária, no Movimento de Unificação, oferecidas pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, que pelos seus enunciados, revelam toda a magnitude do problema.

#### 1) CAMPANHA COMECE PELO COMEÇO

Organizada e estruturada em 1974 e lançada em 1975, de forma oficial, em reunião do Conselho Deliberativo Estadual da USE, visando conscientizar todos os participantes do Movimento e particularmente os dirigentes e colaboradores das instituições Espíritas, de maneira a divulgar e difundir os verdadeiros postulados do Espiritismo.

Tão importante e oportuna foi esta campanha, que tomou um caráter internacional, sendo inserida no trabalho de divulgação de todos os órgãos federativos do Brasil, servindo inclusive de subsídio na implantação da Campanha de "**Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita**" difundida pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul, incorporada de forma oficial pelo Conselho Federativo Nacional ao Movimento Espírita Brasileiro.

2) No ano de 1975, dia 14 de setembro, o Conselho Deliberativo Estadual, sempre preocupado em ajustar o Centro Espírita à realidade da época, com base em sua evolução à luz da doutrina de Kardec, aprova o documento "**Carta aos Centros Espíritas**" no intuito de oferecer uma contribuição, a todos envolvidos com as atividades da Casa Espírita, visando a sua melhor adequação para melhor atendimento das suas finalidades, recomendava depois de amplo estudo das bases e após várias considerações que "*os Centros Espíritas procurem desenvolver os seus trabalhos dentro das seguintes atividades básicas:*

a) *Promover o estudo metódico da Doutrina Espírita, objetivando basicamente, conhecer e compreender os seus fundamentos, estabelecidos na Codificação Kardequiana, com vistas à orientação espiritual e ao aprimoramento íntimo de seus freqüentadores.*

b) *Realizar reuniões públicas de explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita;*

c) *Promover o estudo da mediunidade, visando oferecer orientação segura para as atividades mediúnicas;*

d) *Realizar trabalhos de assistência espiritual, destacando-se a transmissão de passes e a realização de reuniões mediúnicas privativas de desobsessão;*

e) *Manter um trabalho de recepção, com orientação e esclarecimento, às pessoas que buscam o Centro Espírita;*

f) *Promover a evangelização das crianças à luz da Doutrina Espírita;*

g) *Promover o estudo da Doutrina Espírita aos jovens, procurando integrá-los em seus trabalhos;*

h) *Realizar trabalho de assistência social, à luz da Doutrina Espírita;*

i) *Propiciar e incentivar dentre os seus freqüentadores, o hábito do estudo e da vivência do Evangelho no Lar, à luz da Doutrina Espírita;*

j) *Promover a difusão do livro espírita;*

k) *Que procurem no aspecto administrativo, manter uma organização própria que atenda às suas necessidades e às exigências das leis emanadas dos poderes públicos; e,*

l) *Que procurem participar efetivamente das atividades do movimento de unificação".*

O citado documento deu margem a nível estadual, ao surgimento do 1º. livro da série Centro Espírita, com o título de "**Atividades Doutrinárias**" da USE, e ao áudio visual "**Missão do Centro Espírita**" elaborado e produzido pelo Departamento de Divulgação da USE, material difundido amplamente nas várias regiões do Estado.

A "**Carta aos Centros Espíritas**" elaborada em forma de consenso, com participação das base do

movimento, surgiu de tal maneira ajustada às realidades de seu tempo que, retrata a estrutura adequada do Centro em nossos dias, serviu de apoio ao trabalho do Conselho Federativo Nacional, para a elaboração do documento aprovado em 1980, a nível nacional, intitulado "Orientação ao Centro Espírita".



Depois desta nossa despreziosa colaboração, na análise deste primordial assunto, depois deste significativo relato quanto à estrutura da Casa Espírita dos nossos dias, fica aqui a nossa pergunta:

### E O CENTRO ESPÍRITA DO FUTURO?



Constatamos, através desta pesquisa, realizada após mais de trinta e cinco anos de atividade profissional, no Movimento de Integração, observada pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, que estas duas estruturas, embora não a magnitude do problema.

#### 1. CAMPANHA CONTRA O VELHO COMISSO

Organizada e realizada em 1974 e depois em 1975, de forma oficial, em benefício do Centro Espírita Estadual de São Paulo, visando conscientizar sobre os procedimentos do Movimento e proporcionar as condições de realização das reuniões Espíritas, de maneira a divulgar o ensino e o desenvolvimento do Espiritismo.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

Esta campanha é realizada em todo o Estado de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a população sobre o movimento espírita e sua importância para a sociedade. O trabalho é realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Integração, sempre produzindo em 1974 e em 1975, de 14 de setembro a 14 de outubro, e 14 de novembro a 14 de dezembro, respectivamente.

## O CENTRO ESPÍRITA NO SÉCULO XX

Jaci Regis

### ADEQUAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA

Estamos nos últimos anos do século vinte. Allan Kardec referiu-se a ele como o tempo apropriado para expansão das idéias espíritas. Ele supôs que, neste século, o Espiritismo teria plena aceitação. Aparentemente suas esperanças não se concretizaram, pelo menos na forma de uma idéia, com direito a cidadania no conhecimento humano, como desejava e disse nas conclusões de **O Livro dos Espíritos**.

Ninguém pode negar, é claro, que as idéias espíritas penetram a cultura humana. Nos mais variados círculos, a aceitação das teses espíritas se faz, seja de uma ou de outra forma. Mas o Espiritismo, como uma doutrina não é admitido como fator preponderante na reformulação dos conceitos sobre a natureza do homem e do mundo. Quando acontece isso é feito de maneira subjacente. A Metapsíquica de Richet e a Parapsicologia, erguidas neste século, à feição de ciências, bordejam o Espiritismo, mas procuram rejeitá-lo, sob a alegação de que se trata de uma questão de fé e negam-se a considerar as pesquisas que espíritas fizeram no campo das manifestações psíquicas.

É evidente que o Espiritismo é mais do que um simples movimento de pesquisa. Mas a pesquisa, a investigação, formam a "atitude científica", que não é acadêmica, nem elitista, mas define uma posição de racionalidade e de equilíbrio, diante dos fatos, em qualquer ramo do conhecimento, para que as deduções morais, não sejam marcadas pelo pieguismo místico ou pela obsolescência moralista. A ciência, no Espiritismo, é a base firme para erradicar o fantástico, o sobrenatural, o mágico, de modo que a visão de homem e do mundo, que a Doutrina traz, possa ser aceita sem resistência ideológicas ou preconceituosas.

Muitos questionam qualquer posição que fuja do esquema atual dos Centros Espíritas, alegando que "ainda não é tempo" ou então que "naturalmente as coisas se ajustarão". Essa passividade nada tem a ver com uma doutrina dinâmica que pretende subsidiar, que pretende ser um elemento atuante nas transformações sociais da humanidade. Como observa Kardec: *"A imobilidade, em lugar de ser força, torna-se causa de fraqueza e ruína para os que não seguem o movimento geral. Rompe a unidade, porque os que querem ir para frente separam-se dos que se obstinam em ficar para trás"* (**Obras Póstumas**, "Constituição do Espiritismo" - item II, dos Cismas). O fundador do Espiritismo não seria, porém, leviano a ponto de estremecer as bases da Doutrina, justificando a adesão a utopias, devaneios e novos sistemas. É o que diz, em continuação ao texto acima: *"Entretanto, embora seguindo o movimento progressista, é mister fazê-lo com prudência e evitar entregar-se às cegas aos devaneios, utopias e novos sistemas. Importa fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde e com conhecimento da causa"*.

O que constatamos, porém, é que os Centros Espíritas permanecem, via de regra, imobilizados no tempo e no espaço. Toda movimentação que implique em mudança é geralmente, combatida. Foi assim com o movimento juvenil e é assim com as propostas de atualização que rompem a estrutura mística-religiosa, tomadas como provenientes dos "espíritos das trevas" e outras imagens que têm fácil trânsito em ambientes dominados pelos miasmas mentais.

Muitas contribuições que o Espiritismo pode dar, por ser inclusive pioneiro, em todos os campos do conhecimento e das inquietações humanas não são consideradas, nem conhecidas e nem levadas a sério, porque a cultura geral rejeita opiniões meramente afirmativas, de fé, de cunho religioso, uma vez que a religião é tomada como uma opção particular, partidária, espécie de quisto ideológico, que cabe respeitar em cada um, mas que não fornece elementos para a generalização das experiências. Por isso muitas teorias que transitam como elementos positivos, têm muito menos brilho e oferecem muito menos que o Espiritismo pode oferecer. É que essas não aprisionam, nem exigem, como fazem as religiões, um compromisso de santificação, de reforma íntima forçada, na exaltação salvacionista que lhes é própria. Segundo o Espiritismo esses mesmos objetivos podem ser alcançados, sem a forma de devoção, da imposição moralista, que geralmente reprime ao invés de libertar o ser.

É pertinente dizer que existe uma inadequação estrutural dos Centros Espíritas em geral, à tarefa que lhes incumbe realizar e forçoso aceitar a afirmativa de J. Herculano Pires de que "o Espiritismo é o grande desconhecido". Até as mais tradicionais instituições, sempre resistentes às mudanças e a reconhecer suas falhas, admitem, ainda que timidamente a fragilidade da estrutura doutrinária dos centros. As campanhas pela

"adequação do centro espírita", e pelo "estudo metodizado da doutrina" são provas disso, embora, este, tenha sido bitolado no aspecto único. A mediunidade, usada e abusada, em geral, sem qualquer método ou critério, tem sido beneficiada por introdução de cursos introdutórios, como o **COEM**, que é, todavia considerado, por certas instituições federativas "avançado" e inadequado a atual estrutura dos centros, embora esteja baseado no **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec.

Afinal, o que é um Centro Espírita? Na atual circunstância é "templo, lar, escola, hospital". Na versão Kardecista, é apenas um local para o desenvolvimento do pensamento espírita. É certo que não poderíamos, nesta altura, copiar simplesmente a estrutura da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fundada por Allan Kardec e que deveria ser o protótipo do grupo doutrinário. Mas como podemos aceitar a transformação de centros espíritos em superestruturas, para atender a multidões tediosas, em nome da caridade, com passe e receituário, sem que atentem ao objetivo do Espiritismo? Não se trata de "forçar" as pessoas. Mas de colocar as coisas no devido lugar.

Uma sociedade que se cria para, por exemplo, estudar biologia, deve dedicar-se ao seu objetivo principal. Poderia, subjacentemente, até, extracurricularmente, distribuir roupas aos pobres, fazer sopa, como tarefa voluntária de seus adeptos, nos momentos em que não estivessem dedicados ao objetivo principal. Mas o que dizer de uma sociedade destinada ao estudo da biologia, que desprezasse os manuais básicos, as diretrizes e métodos próprios, valendo-se de almanaques e folhas esparsas, de autores polivalentes, afirmativos, curiosos que não apresentassem indicações de provas e investigações?

É o que sucede no Espiritismo. Os Centros Espíritos parecem, em sua maioria, não ter qualquer compromisso com a Doutrina. Desenvolvem atividades baseadas em comunicações esparsas, fraudam as normas e métodos indicados para a mediunidade e, muitas vezes, passam a ser subsidiários do desejo de "caridade" que avassala seus dirigentes, sempre às voltas com sopas, roupas usadas e rifas para obter recursos. Atendem a centenas de pessoas, como o fazem o Rotary, o Lions Clube, e entidades filantrópicas religiosas ou leigas. Admitem que não ensinam o Espiritismo para não faltar à caridade. Então, não raro, decididamente empenhados em beneficiar os semelhantes, intermediando Espíritos que, com certa suspeita, não se negam a responder sobre qualquer assunto e "receitam" desde questões mais triviais até as mais complicadas.

Não nos deteremos, nessa análise real, mas abrandada, em certos costumes típicos de instituições e no missionismo de alguns médiuns, elevados à posição de gurus. Acredita-se, de modo geral que a obra assistencial, o trabalho mediúnico curativo, por si mesmos, justificam tudo. O resto, diz-se, com certa ironia, é mera teoria. Nem mesmo o Espírito de Emmanuel, tão respeitado e admirado, consegue romper esse círculo. Pois raros são os que lhe ouvem quando diz: *"A maior caridade que se pode fazer em nome da doutrina é a própria doutrina"*.

Não podemos esquecer, como é justo, as exceções, os trabalhadores conscienciosos, os grupos bem orientados que existem e muitos. Infelizmente são exceções, são minoria. Compete-nos, nesta oportunidade refletir sobre o que é comum, o que é maioria, para comparar com o que propôs Allan Kardec e o que objetiva o Espiritismo, no mundo.

## PROPOSTA E SUGESTÕES

Desde uns dez anos a esta parte que a influência da literatura mediúnica começou a decrescer. Vários fatores contribuíram para isto e a listagem a seguir certamente não esgotará a relação desses fatos. A primeira causa será, talvez, a qualidade dessa produção. Depois de um período de obras de certo fôlego, com contribuições mais do que interessantes, Francisco Cândido Xavier passou a psicografar praticamente apenas mensagens curtas e em alguns casos comunicações de jovens e pessoas recém desencarnadas. A repetição das mensagens, que além de publicadas em jornais e revistas, eram distribuídas (e ainda são) em volantes, aos milhares e, finalmente, reunidas em livros, cansou. Outro fator, foi a superação do regime militar brasileiro que durante mais de vinte anos sufocou a criatividade e reprimiu as manifestações políticas e as reivindicações sociais. Enfim, porque o mundo está sob contínua modificação e era necessário diversificar as fontes de consulta.

Outro fator vital foi a recuperação da imagem de Allan Kardec. O intenso trabalho dos estudiosos mais fiéis, cabendo destacar o papel desempenhado por J. Herculano Pires, retiraram Kardec do limbo para onde tinha sido jogado, uma vez que o espaço doutrinário, como se mostrou, foi ocupado pela copiosa produção mediúnica, proveniente de uma só fonte. A restauração da figura de Kardec, foi fortificada pela diversificação das editoras que lançaram suas obras e, finalmente, pela edição completa da Revista Espírita, graças ao trabalho pioneiro de Júlio de Abreu Filho, Herculano Pires e da EDICEL, dirigida então por Frederico Giannini Júnior.

A inquietação da juventude espírita, que chegava à Universidade, abriu o debate sobre os problemas sociais e políticos e o questionamento de posições e pontos de vista, da estrutura do movimento, enfim, toda

uma revisão se fez necessária, não obstante as tentativas ainda hoje desenvolvidas para silenciar qualquer atitude que avaleie o movimento de sua adequação para o momento crucial que vivemos, no fim do século vinte.

É imprescindível renovar.

Não podemos permitir o surgimento de um "herdeiro" de Chico Xavier. Nem que Kardec seja postergado outra vez. É hora de inovar.

Em vão instituições centenárias e grupos que detêm o poder, tentarão manter o imobilismo conceitual. Kardec é o rumo. O estudo criterioso de suas obras se torna imprescindível e urgente. Estudo esse, todavia que há de ser feito sob uma ótica descompromissada com estruturas arcaicas e místicas. É tempo de reler a obra de Kardec, mas agora sem bitola de preconceitos e diretrizes adedrentemente fixadas, tão nocivas que podem tornar inócuo o seu estudo e submetê-la a desvios tais, que acabarão por justificar o que ela veio renovar e destruir. Seria repetir o mesmo erro cometido pela Metapsíquica e por certas correntes da Parapsicologia que desenvolvem seus estudos partindo da rejeição, a priori, da tese espírita.

É evidente que ninguém muda sem que se desestruture, que crie disponibilidade interior para isso. Não basta a intenção de mudar é indispensável criar espaço para que a mudança se efetive. Não obstante as mudanças, certamente se processarão. Se houver disponibilidade virão sem grandes traumas. Do contrário, decorrerão da pressão incoersível, abrindo cisões e aumentando o fosso entre a verdadeira concepção espírita da vida e a visão falsificada, por vezes devido a mera ignorância e que em nosso modo de ver tem impedido o Espiritismo de desempenhar o papel que supomos lhe esteja reservado no processo de mudanças da humanidade.

E como o Centro Espírita é a unidade básica, fundamental do movimento, é aí que se devem processar as mudanças profundas que se irradiarão como contribuição social e humana da Doutrina.

Todavia, reconhecemos que não podemos simplesmente virar as costas à realidade, tanto quanto não concordamos em manter o estado de coisas, pensando que "algo" ou acontecimentos extra-humanos é que decidirão o rumo das mudanças. Estas têm que ser feitas consciente e deliberadamente com pouco ou muito trauma, conforme a disponibilidade de mudanças.

Adotaremos como regra básica desse processo, a frase de André Luiz, inserta no livro **Agenda Cristã**, psicografada por Francisco Cândido Xavier, "*Renovar não é destruir...*" na medida em que isso não significar alienação, omissão ou argumento para protelar o que precisa e deve ser feito, mas apenas como parâmetro para uma ação de mudança constante e deliberada.

## PROPOSTA PARA UM NOVO CENTRO ESPÍRITA

### 1 - Modelo Básico

Não obstante as diferenças culturais e mesmo o desenvolvimento doutrinário, a estrutura da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec, parece ainda, o modelo a ser consultado na construção de um novo Centro Espírita. As adaptações e as atualizações indispensáveis não prejudicarão, a nosso ver, o objetivo fundamental, estabelecido por Kardec. A sociedade, não obstante seu caráter científico, desenvolveu o estudo doutrinário de forma metódica e criou todo um estilo que, se não se aplica integralmente, nem por isso está obsoleto, pelo menos no seu núcleo básico.

As características da Sociedade, que servirão de base para as propostas que apresentaremos eram:

- a - entidade fechada, só admitindo a participação dos membros efetivos e convidados, antecipadamente apresentados que possuíam conhecimento elementar da Doutrina;
- b - realizava reuniões de estudo e de mediunidade sem qualquer aparato, a não ser o respeito e a discrição exigidas;
- c - elegia regularmente sua diretoria.

### 2 - Alguns obstáculos a serem superados

Para que um novo centro espírita possa ser edificado, será necessário atentar para algumas realidades de nosso movimento:

2.1. muitos centros espíritas são propriedade de famílias que impõe uma diretriz e procedem a uma sucessão familiar nos cargos de direção;

2.2. em vários centros o médium principal, que recebe o guia, que estabelece as diretrizes, é também o dirigente máximo que nunca é questionado ou substituído;

2.3. grande parte possui um líder que, pela bondade ou por ser um grande trabalhador, não é substituído, embora apresente falhas e impeça as transformações, o que faz que a comunidade espere sua morte para tentar fazê-las, mas isso quase sempre é frustrado, porque é norma que "*rei morto, rei posto*" e existe, quase sempre um herdeiro que imprime sua personalidade e mantém as coisas como estão, perpetuando-as;

2.4. certos Centros foram fundados por um médium ou pessoa, num determinado tempo e esta passa

a ser uma espécie de mito e suas diretrizes são cultuadas, tradicionalmente, gerando a continuidade de erros elementares.

Esses Centros espíritas são muito difíceis de mudar. Por isso, os que dele participam e desejam um novo tipo de centro, só têm o caminho da fundação de um novo núcleo onde possam exercer livremente suas novas perspectivas.

**2.5. Outro obstáculo é a arquitetura dos Centros.** Conforme vimos, ela segue, basicamente, a linha dos templos religiosos e isso cria alguns problemas adaptativos a um novo Centro. Além de reforma para adaptação, deve ser criada uma mentalidade nova nesse aspecto, de modo que os novos Centros tenham um espaço mais adequado ao exercício de suas atividades. Essa preocupação não é supérflua, nem desconhece a realidade. Ao contrário: a maioria dos Centros Espíritas têm sede própria. Os que não tem adaptar-se-ão, porque o espaço é também uma projeção mental, a se concretizar na arrumação do ambiente e da disposição das pessoas.

### **3 - Algumas modificações "penosas"**

A introdução de um novo Centro Espírita importará em algumas modificações de atividades já sedimentadas e que, por isso, precisam de algumas breves considerações.

#### **3.1. Reunião pública de passes**

Na apresentação de seu Projeto Kardequizar, Salomão Benchaya, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul afirma: *"Na verdade para muitos freqüentadores de sessões espíritas, tomar passes constitui um hábito não muito saudável à luz da proposta espírita, sendo muito conhecida neste terreno, a figura do "papa-passes" (...) "É oportuno salientar que é no terreno da terapêutica do passe que se gerou a mais acentuada distorção acerca do que o Espiritismo pode oferecer ao Homem. O passe assumiu tamanha importância para a manutenção dos níveis de freqüência nas Casas Espíritas que são raras as reuniões públicas em que o passe não é ministrado".*

O comentário é pertinente. Se há passes, há assistência. Ao contrário não há. A "passemânia", como diz o Projeto Kardequizar, é tão grande que certas instituições se vangloriam de aplicar de 4 a 5 mil por dia, em horários corridos. Na maioria dos centros o volume de pessoas que vai para "descarregar" ou "fazer limpeza" é grande.

O que aconteceria se deixássemos de aplicar passes indiscriminadamente? Para muitos isso significaria privar necessitados do benefício do auxílio divino. Mas se refletirmos talvez o quadro não seja tão negro. Os assim chamados "papa-passes" constituem, certamente, a maioria dos que, semanalmente ou diariamente vão à Casa Espírita. Talvez, se fizermos um acompanhamento, o público que toma passe é, em sua maioria, o mesmo, renovando-se uma parcela muito pequena. Daí, constatar-se que não haveria prejuízo tão grande.

Depois que benefícios reais traz o passe indiscriminado?

Estaremos propondo que se deixe de aplicar passes, nos Centros Espíritas? De modo nenhum. Mas cremos ter chegado o momento de fazê-lo de maneira inteligente, metódica, para os que realmente necessitassem, dignificando uma terapêutica de grande utilidade, mas quase sempre vilipendiada pela banalização.

#### **3.2. Restrições à freqüência**

A primeira vista isso é uma proposta contrária à caridade. Mas é preciso pensar antes de concluir-se tão radicalmente. A maioria dos centros espíritas funciona apenas na parte noturna. Não raro, fecha suas portas ao soar o horário de início das reuniões. Depois, é justo perguntar, se a Casa Espírita deve ser franqueada a qualquer e eventual transeunte ou assumir o papel de receptáculo da especulação dos que simplesmente pretendem nivelá-la a uma espécie de consultório de buenas-dichas e que não titubelam em procurá-la para saber isso ou aquilo, às vezes o passado, às vezes o futuro. Ou para tomar passe como quem vai a um lugar respeitável, mas sem significação maior para a própria vida.

Seria então vedada a admissão de pessoas novas? Não, porque isso seria matar o Espiritismo, evitar sua divulgação. Não é o que se propõe: a restrição seria limitada às atividades doutrinárias desenvolvidas pelo Centro dentro de sua programação de estudo e mediunidade. Quinzenalmente por exemplo, seria realizada uma palestra pública, explicativa dos objetivos do Espiritismo, aberta a todos os interessados e aí, então, seriam estabelecidas conversações, indicada bibliografia, e dadas orientações que se fizessem necessárias, inclusive para a terapêutica espírita, desenvolvida em reuniões específicas.

Uma coisa é certa. A freqüência aos Centros Espíritas seria reduzida em mais de 50%. Mas ganharíamos em qualidade e propagação do Espiritismo na sua verdadeira feição. Deixariam de vir os especuladores e teríamos a participação do reduzido número de pessoas realmente interessadas.

#### **4. Um novo centro espírita**

Seguindo a linha coerente proposta por Allan Kardec, seja na Sociedade Parisiense de Estudos espíritas, seja nos seus vários pronunciamentos, o Centro Espírita, deverá perder as características atuais, passando a ser uma sociedade fechada, destinada aos que desejam estudar o Espiritismo. Assim, reuniria, um número limitado de pessoas que participariam de todas as atividades, em conjunto. Normalmente seriam realizadas, semanalmente, duas reuniões, a que teriam acesso todos os sócios efetivos. Numa delas haveria estudo doutrinário. Na outra, o exercício de mediunidade. Quinzenalmente, uma reunião pública, destinada a pessoas interessadas, com palestra e orientações. As reuniões de fluidoterapia, de duração regular, atenderiam um público selecionado previamente e constituiriam uma forma de assistência gratuita e fraternal, movimentando a terapêutica espírita.

#### **5. Infância e juventude**

O Centro continuará a manter seus trabalhos dedicados à infância e à juventude. As reuniões específicas para esses grupos etários serão momentos de descontração e introdução paulatina no universo conceitual espírita. Estimular-se-á a participação familiar e no caso da juventude, seria considerado como limite de idade para participar dessas atividades, entre 20 e 25 anos. Desde um nível de idade adequado, contudo, os jovens já participariam das reuniões mediúnicas do Centro.

#### **6. Fluidoterapia**

O modelo de reunião de fluidoterapia pode variar. O que se segue é um dos mais utilizados. O interessado submete-se a uma entrevista e, constatado que seu problema se adequa aos objetivos do trabalho a ser desenvolvido é encaminhado para a fluidoterapia. Esta consistirá de uma orientação espiritual e aplicação de uma série de passes (em torno de 5). A equipe será constituída de entrevistador, médiuns, dirigentes e palestristas, os quais, transmitirão conceitos renovadores, à luz do Espiritismo enquanto os interessados aguardam e depois de serem atendidos. A duração prevista, para um número de atendimento em torno de 15 pessoas é de 60 minutos.

A reunião de fluidoterapia pode ser acoplada a uma das reuniões principais do Centro, com início antecipado, para aproveitamento do tempo.

#### **7. Arquitetura**

Seguindo as sugestões do Arquiteto Ciro Pirondi, em seu artigo já referido, no projeto das sedes dos Centros, deverão ser considerados os objetivos do grupo e estabelecidos novos parâmetros, de modo a tornar não apenas funcional, mas exprimir no desenho (desígnio) a projeção de uma sociedade que tende a homogeneidade de pensamentos. Kardec diz que se não houver homogeneidade é impossível o trabalho adequado. A homogeneidade não significa padronização e imobilismo e muito menos a liderança tirânica. Mas o consenso harmônico e razoável entre os participantes.

#### **8. Obras assistenciais**

As obras assistenciais deverão ser desvinculadas dos centros, constituindo-se em sociedades beneficentes independentes, formadas pelos sócios do Centro e outras pessoas. Deverão ser criadas obedecendo a critérios de especialização e adequadas ao gabarito dos dirigentes. É necessário que uma obra dedicada, por exemplo, aos excepcionais, crie um corpo de voluntários que, de alguma forma, tenha conhecimentos do problema e, se possível, alguma especialização, mesmo não formal, mas decorrentes de interesse e do estudo das questões envolvidas. Além disso, a obra procurará fazer a ligação dos fundamentos doutrinários com o trabalho desenvolvido, não no sentido de doutrinação dos assistidos, mas na compreensão dos administradores voluntários, que de modo algum deverão ser subordinados a um corpo e de técnicos não espíritas. Estes, se a administração estiver gabaritada, executarão as diretrizes.

Essa providência se torna necessária, para evitar o que acontece hoje em dia, quando muitos Hospitais Psiquiátricos, mantidos por espíritas estão irremediavelmente divididos entre um corpo técnico desvinculado dos objetivos da obra e um corpo dirigente, que não tem força decisória e dedica-se apenas a angariar recursos e aplicar passes, como forma periférica e marginal ao tratamento dos pacientes.

O mesmo se aplica às demais obras doutrinárias.



## O CENTRO ESPÍRITA NO SÉCULO XX

Nestor João Masotti

Com a Doutrina Espírita, através da Codificação Kardequiana, aprendemos, basicamente:

01. que "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." [1]
02. que "Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais." [2]
03. que "os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos." [3]
04. que "Há no homem três coisas: 1º), o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo princípio vital; 2º), a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º), o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito." [4]
05. que os mundos habitados podem ser divididos, "de um modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepõe o mal; mundos celestes ou divinos, habitações dos Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence a categoria dos mundos de expiação e provas, razão porque aí vive o homem a braços com tantas misérias." [5]
06. que "Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. (...) Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição." [6] "Nos da segunda ordem há a predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem." [7] "Nos da terceira ordem há a "predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão para o mal." [8]
07. que "Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhe cumpre sofrer respectivamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral." [9]
08. que "a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea" acaba de depurar-se "sofrendo a prova de uma nova existência." [10]
09. que "Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da natureza. (...) Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles." [11]
10. que "As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. (...) As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhe servem de instrumentos." [12]
11. que "a moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus." [13]
12. que "a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: "Fazer aos outros o que queríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio



encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações." [14]

13. que "... o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo é Jesus. (...) Para o homem, Jesus constitui o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o espírito divino o animava." [15]

14. que "a adoração está na lei natural pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes." [16]

15. que "Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes." [17]

16. que "Reunidos pela comunhão dos pensamentos e dos sentimentos, mais força têm os homens para atrair a si os bons Espíritos. O mesmo se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Não creais, todavia, que menos valiosa seja a adoração particular, pois que cada um pode adorar a Deus pensando nele." [18]

17. que "a prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer." [19]

18. que "A prece torna melhor o homem, (...) porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mau e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade." [20]

19. que o Espiritismo "se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos." [21]

20. que "... o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança." [22]

21. que "Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação." [23]

22. que "Fé inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade." [24]

23. que "Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega em domar suas inclinações más." [25]

Como vemos, a Doutrina Espírita traz novos conceitos a respeito de Deus, do homem, da alma, da Terra, do mundo espiritual e esclarece que adorar a Deus é uma manifestação da lei natural, que a prece torna melhor o homem e que este está reencarnado com o objetivo de progredir moral e intelectualmente, devendo, para tanto, trabalhar no sentido de conquistar conhecimentos e virtudes, principalmente através de estudos da Doutrina e da prática da caridade.

Desta forma, um núcleo de atividades erguido com base na Doutrina Espírita, com o propósito de divulgar-lhe os princípios, viver-lhe os ensinamentos e promover a prestação de serviços, que ela inspira, ao homem e à comunidade, deve, tanto quanto possível, refletir a abrangência da própria Doutrina, abrindo espaços para realizações nos mais variados aspectos que lhe caracterizam, na difusão e na prática doutrinária e que podem ser sintetizadas nas atividades de estudo, de oração e de trabalho.

Através do estudo, o Centro apresenta-se como a escola de Doutrina Espírita a oferecer esclarecimento a todos os que lhe batem à porta. Assim, adaptada às possibilidades de cada grupo de frequentadores, manterá reuniões de estudo abrangente e metódico da Doutrina dos Espíritos, destacando-lhe os princípios básicos, esclarecendo com lógica o que é o homem, de onde ele vem, para onde vai, o que faz na Terra, qual a razão de suas dores e necessidades e a solução para os seus problemas. Manterá, também, reuniões de estudos mais específico da mediunidade, analisando as leis que regem o relacionamento entre encarnados e desencarnados, acompanhado de exercícios e atividades práticas, preparando assim, trabalhadores conscientes para as suas tarefas quotidianas. Manterá, ainda, reuniões voltadas ao estudo das leis morais, analisando o evangelho à luz da Doutrina Espírita, com o objetivo de oferecer a todos o conhecimento e o estímulo necessários

ao aprimoramento moral e intelectual de maneira voluntária, consciente e permanente. Manterá, também, quando possível, um grupo de pesquisas, voltado à análise dos fenômenos que ocorrem em suas atividades normais, mais especificamente as mediúnicas, ou fora delas, e que tragam subsídios para um enfoque mais científico das atividades espíritas.

Através da oração, cultivada dentro dos princípios de simplicidade e racionalidade que a Doutrina Espírita preconiza, o núcleo espírita transforma-se em uma ponte de ligação com o mundo espiritual superior, canalizando a inspiração segura para a adequada orientação às atividades quotidianas e o apoio vibratório espiritual para o estabelecimento de energia e sustentação da paz. Nesta tarefa, a casa espírita, como posto de socorro espiritual, não só atende aos que lhe buscam com o sincero propósito de receber os seus benefícios de orientação e ajuda, como também serve de apoio espiritual a um trabalho em favor de toda a comunidade que lhe cerca o local, preservando, tanto quanto possível, a harmonia dessa comunidade, sem que os próprios beneficiários, na grande maioria das vezes, sequer se apercebem do amparo que estão recebendo.

Através do trabalho, o Centro Espírita transforma-se em oficina de prestação de serviços, oferecendo oportunidade a todos os que, conscientes da sua condição de espíritos e imbuídos do propósito de servir, se empenham na difusão da Doutrina Espírita através do estudo adequado ou colaboram nas tarefas de assistência espiritual, seja nas atividades mediúnicas, seja no atendimento pessoal através do diálogo fraterno e da assistência pelo passe. Abre oportunidades, também, na prestação de serviços aos que procuram o Centro em busca de socorro às necessidades materiais, seja através do atendimento pessoal e temporário, seja através de instituições de caráter mais permanente, seja através do exemplo junto a comunidade, objetivando sempre a promoção do elemento humano pela vivência das leis morais que regem a vida, em especial "a de justiça, amor e caridade" já que esta, no dizer dos Espíritos à Kardec, "é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras" [26]. Inclui-se, aqui, a tarefa de divulgação da Doutrina, através da qual procura-se levar à comunidade a mensagem Espírita, por via dos mais variados meios de comunicação: jornais, rádios, livros, etc.

Sendo a Doutrina Espírita uma mensagem que fala a todas as pessoas, independentemente da idade, da cor, da raça, da nacionalidade, do sexo e da posição social, econômico ou intelectual, o Centro Espírita será como a "casa de uma grande família, onde as crianças, os jovens, os adultos e os mais idosos tenham oportunidade de conviver, estudar e trabalhar."

Sendo um núcleo de vivência da Doutrina Espírita, haverá, também, por parte dos que realizam suas atividades, o cultivo da ordem, da harmonia, da fraternidade e do trabalho, transformando-se num recanto de paz ativa e construtiva, refletindo positivamente nos que, inquietos pelos problemas do mundo, buscam na Doutrina Espírita, através do Centro, resposta para suas dúvidas e paz para suas inquietações.

Consciente da necessidade de se colocar a mensagem Espírita ao alcance e a serviço de todos, a direção do Centro Espírita trabalhará, por certo, no sentido de facilitar o acesso à Doutrina de todas as pessoas, indistintamente. Assim, sem alterar os princípios da Doutrina e sem quebrar a disciplina que a vivência doutrinária inspira, mormente dentro da casa espírita, procurará facilitar a conquista do conhecimento doutrinário através de adequados programas de estudo nos mais variados níveis proporcionais à capacidade intelectual dos frequentadores, procurando atender, principalmente, aos mais simples. Cuidará, também, com extremo cuidado, da assistência espiritual representada nas tarefas de atendimento fraterno através do diálogo, do passe e da explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, uma vez que, para a grande maioria das pessoas que chegam ao Centro Espírita pela primeira vez, esta reunião é a sua porta de entrada. Da mesma forma, através de um bom relacionamento e uma adequada preparação, facilitará o ingresso de novos trabalhadores nas atividades doutrinárias, proporcionando com isto uma maior integração do novo trabalhador com a Doutrina e ampliando a faixa de atendimento aos que buscam o Centro Espírita.

Diante de tudo o que foi exposto, somos de opinião que a Carta aos Centros Espíritas, aprovada pelo Conselho Deliberativo Estadual da USE, em reunião de 14 de setembro de 1975 e a Conclusão do Conselho Federativo Nacional da FEB sobre "A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades" em reunião de 1 a 3 de outubro de 1977 demonstram, de forma clara, abrangente e coerente, como deve ser "O Centro Espírita no Século XX". Se esses documentos, que refletem a opinião do movimento espírita tanto Estadual como nacional, forem colocados em prática no maior número possível de Centros Espíritas, teremos, sem dúvida, dado um grande passo na efetiva e segura difusão da Doutrina Espírita, com largos benefícios tanto ao homem em si como à própria sociedade em que nos encontramos.

#### CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Allan Kardec, O Livro dos Espíritos - Questão 1
- [2] Id., Id. - Introd. VI
- [3] Id., Id. - Introd. VI
- [4] Id., Id. - Introd. VI

- [5] Id., O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. III
- [6] Id., O Livro dos Espíritos - Introd. VI
- [7] Id., Id. - Questão 107
- [8] Id., Id. - Questão 101
- [9] Id., Id. - Introd. VI
- [10] Id., Id. - Questão 166
- [11] Id., Id. - Introd. VI
- [12] Id., Id. - Introd. VI
- [13] Id., Id. - Questão 629
- [14] Id., Id. - Introd. VI
- [15] Id., Id. - Questão 625
- [16] Id., Id. - Questão 652
- [17] Id., Id. - Questão 654
- [18] Id., Id. - Questão 656
- [19] Id., Id. - Questão 659
- [20] Id., Id. - Questão 660
- [21] Id., Id. - Questão 798
- [22] Id., O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. VI
- [23] Id., Id. - Cap. XV
- [24] Id., Id. - Cap. XIX
- [25] Id., Id. - Cap. XVII
- [26] Id., O Livro dos Espíritos - Questão 648



## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Heleóisa Pires

**FINALIDADE:** educar as massas segundo KARDEC para passar a terra de mundo de provas para um mundo de regeneração. Isto já poderia ter sido feito não fosse nosso orgulho, nossa ambição, nossa vaidade.

Educar é amadurecer a consciência, é fazer o homem chegar ao conhecimento do seu tempo e extrapolá-lo, indo além e melhorando o mundo em que vive e se adiantando ao seu tempo.

Educação Espírita é a educação que leva o indivíduo de pequeno e egoísta até a grandeza de Jesus Cristo. E está em suas mãos ser um co-criador, pois está em suas mãos criar um mundo novo.

Mesmo que não leve o nome de Educação Espírita, a visão diferente de um mundo eterno e indestrutível que integra o homem na imensidão do universo é exatamente o que faz a educação espírita.

Pedagogia e didática são as táticas metodológicas de se ensinar com as quais o espiritismo se posiciona a fim de dar o ensinamento da filosofia, da ciência e da religião espírita preconizada por Allan Kardec.

O professor espírita é aquele que estuda, exemplifica e pratica o espiritismo. Somos os responsáveis, por esforço de evolução, a levar ao educando o amor e o processo de relacionamento que nos leva a ensinar e aprender, pois, como disse Herculano Pires, todos podem aprender, como todos podem ensinar. Aprendi com ele a conversar com os humildes e com eles aprender.

Indivíduos encarnados e desencarnados, mesmo aqueles nos quais a violência explode, nos ensinam também, pois com eles aprendemos o que não devemos fazer. E de um mal nasce um bem. Se quisermos caminhar para um mundo melhor temos de aprender com eles que isso não podemos fazer e temos de superar a nossa inferioridade.

Se estivéssemos no paraíso lendário de Adão e Eva, não nos incomodaria a nossa ignorância. Só a partir do conhecimento do fruto da árvore do saber é que a angústia existencial nos atingiu.

E começamos a indagar e buscar Deus, onipotência e onipresença não de um Deus cruel e vingativo mas um mensageiro de amor, um transmissor de amor. Mas a nossa consciência ao se desenvolver nos mostrará que não somos dignos desse amor.

Aí surge a necessidade da educação que se vai fazendo através das encarnações. Elas vão modificando os nossos valores, como vemos no Livro dos Espíritos.

Temos que nos situar dentro dos valores universais, não dentro dos valores egoístas da sobrevivência em uma única vida como os animais, mas as experiências são necessárias. Paulo: "tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém".

O gênio nada mais é que aquele que se desenvolveu mais que a média e isso lhe pode ser tolhido, em favor do seu próprio desenvolvimento.

O Livro dos Espíritos traz a conscientização desse momento breve que é uma existência na Terra. E as dificuldades que surgem não são para que sofra, mas para que progrida. O homem deve ser feliz sobre a Terra. Aquele que sofre pelos complexos de suas culpas, deve, pela educação espírita, compreender e superar essa culpa para ter a energia necessária de se desenvolver, como Ghandi, que, com sua energia, modificou toda a Índia.

O livre arbítrio pode nos levar ao lado certo, isto é, melhorar o mundo em que vivemos, ou torná-lo pior. Dentro do conceito espaço-tempo, temos à vontade. Só que para nós é melhor através da educação espírita, tornarmo-nos fortes e ativos, para que possamos tornar o nosso mundo melhor.

Educação Espírita é interação que funciona através de um laço de amor, que leva o paranormal a ser apto de ser educado.

O Evangelho Segundo o Espiritismo é científico na medida em que a própria psicologia de hoje já tem nele muitas das suas verdades fundamentais.

Todos temos alguma paranormalidade: intuição, premonição, percepção extrafísica, que mesmo cientistas não espíritas comprovam (o casal Rhine). Jesus foi o maior paranormal de todos os tempos e realizava as curas por ele mesmo: não era médium, não precisava de médiano, agia por si mesmo.

O educando tem de se capacitar de suas faculdades mediúnicas para não ser brinquedo do plano espiritual inferior, se dirigir através da razão (Madre Thereza de Calcutá e Madre Olívia).

Criar uma nova geração que se comunicará com o plano espiritual, tranqüilamente.

Conscientizar dos valores, desenvolver a fé raciocinada de Kardec. A medida que cresce o ser



## FILOSOFIA ESPÍRITA E SEUS ASPECTOS SOCIAIS

Ney Paulo de Meira Albach

*"O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange o Espiritismo é mais apto que qualquer outra doutrina a secundar o movimento de regeneração; por isso é ele contemporâneo desse movimento (...)"* [1]

É aspiração do ser humano a busca do aperfeiçoamento, o qual se realiza progressivamente. A lei do progresso está implícita nas potencialidades do Espírito, que se agita na História e fora dela, para, de ciclo em ciclo de vida, ora no mundo material, ora no mundo espírita, plasmar em si mesmo e no meio onde se encontra os ideais superiores de justiça e de sabedoria.

A Codificação Kardequiana é substancialmente rica de conteúdos que elucidam os processos de transformação que o homem e a sociedade executam na sua trajetória evolutiva.

A Humanidade se desenvolve em inteligência e em moralidade. Embora o progresso intelectual e moral não ocorram no mesmo ritmo e concomitantemente, há uma lei de evolução, implícita na própria consciência do ser, que o impulsiona no sentido do equilíbrio dessas duas potências da alma: a inteligência e a moralidade.

*"De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma lenta, gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados, quanto às particularidades, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo fatais em seu conjunto, porque estão sujeito a leis, como os que se verificam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. Por isso é que o movimento progressivo se efetua; às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça, a uma nação, doutras vezes, de modo geral"*. [2]

A Doutrina Espírita considera que a Humanidade terrena se avizinha de um período de grande transformação qualitativa, que a colocará nas marcas de uma Era Nova - o Mundo de Regeneração - e cabe ao Espiritismo desempenhar um extraordinário papel nesse processo de promover a Terra na hierarquia dos mundos. Certamente, compete aos espíritos como indivíduos e como comunidade, exercer uma função efetiva como agentes transformadores nesse contexto de renovação.

Afirmam os Espíritos na questão 627 de **"O Livro dos Espíritos"**: *"(...) Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou (...)"*.

O conteúdo filosófico do Espiritismo e sua tendência progressista seriam elementos de sustentação do movimento de regeneração do planeta. O conhecimento do elemento espiritual que ele faculta, da reencarnação e da imortalidade da alma, sua evolução e das leis que regem esse processo, constituem formidáveis subsídios para impulsionar a Humanidade nesse sentido.

A explicação dos obstáculos íntimos que impedem o ser de aperfeiçoar-se mais aceleradamente; a elucidação das causas morais e sociais que mantêm o homem e a sociedade em estado de precariedade, fazem do Espiritismo o grande instrumento capaz de auxiliar o homem na solução de angustiantes problemas.

Ajusta ele as questões de ordem material com as questões de ordem espiritual, e engendra a possibilidade de uma articulação de ações individuais e coletivas que poderão romper as amarras e as injunções de ordem econômica, política e social e, sustentado nas possibilidades do Espírito imortal, vencer o círculo de gravitação imediatista em que o homem materialista, utilitário e massificado se envolve e estabeleça, então, o clima e as condições adequadas a uma nova situação evolutiva.

Na questão 789 de **"O Livro dos Espíritos"** encontramos o seguinte comentário de Allan Kardec: *"A Humanidade progride por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem. Quando estes preponderam pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos a tempos, surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão impulso; vêm depois, como instrumentos de Deus, os que têm autoridade e nalguns anos, fazem-na adiantar-se de muitos séculos"*.

No que respeita aos que mantêm o poder de dirigir os destinos de povos e nações, encontramos em **"Obras Póstumas"** um estudo de Allan Kardec sobre Aristocracias, no qual, após ele considerar as suas diversas formas ao longo da História, culmina com a **aristocracia intelecto-moral**, à qual as massas confiarão

seus interesses, pois ela apresentará como síntese de suas qualidades a inteligência altamente desenvolvida e a moralidade superior.

Com referência às correntes ideológicas que palpitam no mundo contemporâneo o Espiritismo mantém-se numa atitude serena e fornece-nos subsídios para uma apreciação sem paixões, mas inabalável na sua postura filosófica, podendo efetivamente influenciar o processo de transformação da Humanidade pelos princípios que o estruturam e pela sustentação racional e científica de suas teses.

Assim, face à inquietação do marxismo, que aplica a dialética materialista para a leitura da História de lutas da Humanidade, com extraordinários apelos às forças de sobrevivência do homem, alienado da religião - o ópio do povo, e vinculado essencialmente aos fatores de produção, na limitação da economia, o Espiritismo desdobra o processo no campo do Espírito, visceralmente imantado à vida, numa realidade inter-existencial, a acena à razão humana com a potência dinamizadora da consciência, capaz de sofrer e agir sobre a História, para fazer dela a sua biografia ciclópica, extrapolar às contingências do imediato e projetar-se rumo ao infinito, numa espiral de luz e beleza. Ao mesmo tempo, permite à inteligência, alicerçada num profundo conhecimento da realidade, assumir todas as suas plenas condições, no aqui e agora da existência e reordenar o sistema humano da sociedade, e direcionar a sua caminhada para o porvir, com a estrutura ética apaziguada pela gratificação de ter exercido a sua responsabilidade com justiça e liberdade.

A Doutrina Espírita, pelo ensino do Espírito Verdade, pelo labor da inteligência humana na apreciação do fardo material de pesquisas que o fato espírita contém, pelos princípios filosóficos e morais que apresenta, pelas implicações gnoseológicas que gera, é suficientemente capaz de retomar as teses mais avançadas das teorias sociológicas, econômicas e políticas e, em se debruçando sobre elas, desdobrá-las para conotações mais abrangentes da realidade do mundo e do ser, inspirando o pensamento humano a delinear a ideologia do Espírito - reordenadora da História.

Destarte, a dialética Hegeliana pode descer de sua esfera idealista, quase abstrata, ao campo do possível humano, e renascer aplicada ao elemento diretor do processo da existência - o dinamismo biopsíquico da consciência.

Segundo Hegel, filósofo idealista alemão do início do Século XIX, os fenômenos materiais não seriam outra coisa senão objetivações da idéia e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradições que se opera através de uma tese, de uma antítese e de uma síntese. *"Em princípio, a filosofia hegeliana corresponde ao mesmo processo da filosofia palingenésica do Espiritismo, conforme o próprio Geley admitiu expressamente. Com efeito, para Geley o Absoluto de Hegel chama-se dinamopsiquismo, o qual evolui do inconsciente ao consciente, de modo que o espírito absoluto do filósofo alemão e o dinamopsiquismo essencial do metapsiquista francês definem uma mesma entidade, e as três fases da dialética hegeliana (tese, antítese e síntese) correspondem, respectivamente, à trilogia do nascer, morrer e renascer"*. [3]

O Capitalismo, por sua vez, tem base no liberalismo econômico, que visa eliminar as dificuldades econômicas e sociais geradas pela intervenção intempestiva do Estado na regulamentação de preços, salários, trocas comerciais; para o liberalismo valeria muito mais deixar funcionar os mecanismos econômicos naturais - **laissez faire, laissez passer** ("deixai fazer, deixai passar"). A economia tende a organizar-se por si mesma, para o bem de todos. O **preço natural** de um objeto é seu preço de custo mais uma justa margem beneficiária. O **preço de mercado** de um objeto depende da lei de oferta e da procura. Assim, se um produto é raro, a procura ultrapassa a oferta e o preço de mercado se eleva acima do preço natural; se um produto é muito abundante, acontece o contrário. Os salários dos operários estão submetidos a um regime natural análogo: se eles são muito baixos em determinada profissão, não se encontram mais candidatos para ela e torna-se necessária a elevação dos salários; se eles aumentam anormalmente, um grande número de operários concorre para ser empregado e isso faz baixar o salário. O papel do Estado na teoria do liberalismo econômico é proteger a propriedade privada e isto seria uma garantia de prosperidade para todos os membros da coletividade. A propriedade privada não seria, conforme este sistema somente útil socialmente, mas moralmente legítima. O liberalismo econômico triunfa no século XIX quando surge a filosofia do capitalismo industrial, o qual se define como a **propriedade privada dos meios de produção**. A propriedade privada dos meios de produção constitui-se em matéria discutida em diversas teorias econômicas. A propriedade privada dos bens de consumo praticamente não é contestada. [4]

A Doutrina Espírita considera que o uso dos bens da terra é um direito de todos os homens; direito este conseqüente da necessidade de viver e que o monopólio desses bens para satisfazer à ganância e ao individualismo é contrário à lei natural. Ensina que a propriedade deve ser legítima, oriunda do trabalho e sem prejuízo de alguém e alerta para a aquisição de bens de modo coletivo-familiar, como a colmeia.

Elucida a Filosofia Espírita que a brutal discriminação das classes sociais existentes nas sociedades humanas, não se harmoniza com a lei divina ou natural, e não há como basear-se nos seus ensinamentos para querer justificar a injustiça social. Que a miséria, a subnutrição, a delinquência por desestruturação das funções vitais da criatura humana, são resultantes da imperfeição da sociedade e não de uma lei divina.

Quanto ao trabalho, segundo o Espiritismo, ele deve ser um meio de aperfeiçoar a inteligência e de

dignidade social e psicológica do homem e, ainda, constituir-se num elemento de bem-estar pela adequação do trabalho às aptidões individuais. Coloca a educação e a ética social como recursos de equilíbrio da economia, neutralizando assim, moralmente, de uma forma preventiva, os efeitos danosos dos momentos de crise entre produção e consumo. Faz ainda a conotação do trabalho como forma de ajustamento psicológico do indivíduo pelo exercício de sua verdadeira vocação.

O Espiritismo não admite que o operário seja considerado uma máquina de produção e explorado como tal. Levanta, ao contrário, a dignidade da pessoa humana e a observação das questões de saúde e lazer bem como a do equilíbrio entre trabalho e repouso, em obediência às leis naturais.

Outro capítulo sumamente importante na visão social e moral da Doutrina Espírita é a questão da educação. Neste particular ela poderá contribuir extraordinariamente para aperfeiçoamento das metodologias e dos sistemas educacionais, desde a abordagem psicológico-espiritual do educando até os aspectos de política educacional de uma nação. Considera o Espiritismo que é preciso reformar o homem reformando as instituições que mantêm e excitam as imperfeições humanas, geradoras de desequilíbrio e infelicidade.

Destacamos, ainda, que a terceira parte de "**O Livro dos Espíritos**" bem como capítulos correlatos de "**A Gênese**", "**Obras Póstumas**", de "**O Evangelho segundo o Espiritismo**" e inúmeros artigos dos diversos volumes da "**Revista Espírita**", poderão ser compulsados, através de um estudo comparado, como subsídios para o enfoque doutrinário de todos os temas relacionados com a Sociologia, a política, a economia.

Doutrina de caráter abrangente, com sentido de síntese, o Espiritismo tem a ver com **todas as questões de ordem social e da metafísica**, já afirmava o Codificador.

Em "**O Livro dos Médiuns**", capítulo III, nº. 18, afirmava ele: "*O Espiritismo, também já o dissemos, entende com todas as questões que interessam à humanidade; tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas conseqüências*". E na "**Revista Espírita**", dezembro/1863, ao fazer a abordagem do "**Período de Luta**", Allan Kardec estabelece uma reflexão sobre os períodos de desenvolvimento das idéias espíritas, encadeados logicamente e, segundo esse pensamento, o Espiritismo passou da fase das mesas girantes, - **período de curiosidade**, para o **período filosófico**, marcado pelo lançamento de "**O Livro dos Espíritos**" em 1857. O **período de luta** seguiu-se-lhe marcado pelo Auto-de-Fé de Barcelona em 1860. O quarto período seria o **religioso**; o quinto, **período intermediário**, conseqüência natural precedente, que teria oportunamente uma denominação própria e, finalmente, o sexto, o **período social**, que abriria a era do Século XX.

Tinha, pois, o Codificador do Espiritismo, a antevisão das conseqüências e aplicações da Doutrina Espírita no processo social. Vislumbrava ele a sua ação viva como instrumento realmente útil às sociedades e não simplesmente torná-la uma bela corrente de pensamento tipo alienante de ordem espiritualista. Entendeu que ela se introduziria no corpo ciclópico da transformação da Humanidade e cumpriria o seu papel histórico como fator de progresso do planeta com vistas ao **Reino do Bem** anunciado por Jesus, na mensagem do Espírito Verdade. Pensava, inclusive, conforme se deduz de suas previsões, que já no início do Século XX o Espiritismo passaria a marcar presença na dimensão social almejada, o que infelizmente não ocorreu.

Daí, concluímos da necessidade de uma retomada e de um aprofundamento dos Espíritas nesse plano de cogitações e ações, para que as conseqüências e aplicações sócio-políticas do Espiritismo possam refletir-se na Era Nova como elementos ordenadores da transformação intelecto-moral da Humanidade e atinjamos um dia, pela ação consciente e espiritualizada, a vivência plena, nos códigos e na conduta, da Lei de Justiça, Amor e Caridade.

O estudo da Filosofia Espírita nos seus aspectos sociais constitui-se num projeto indispensável e intransferível no momento histórico que atravessamos, como necessidade de justificativa e de demonstração do papel e da função do Espiritismo no processo de transformação da Humanidade.

Através desse programa, o conjunto da comunidade espírita poderia alinhar-se aos movimentos e às forças que atuam positivamente no ciclópico afã de melhoramento qualitativo das sociedades humanas. Sem embargo do valor dessas diversas formas de correntes de pensamento e ação, tem o conjunto filosófico espírita, conteúdos e concepções que poderão colocá-lo na vanguarda como possibilidade de transformação do homem e da sociedade, com projeções marcantes sobre a civilização.

#### CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

[1] Kardec, Allan, "A GÊNESE", Capítulo XVIII, pág. 417, 18ª. Edição (Popular), FEB.

[2] Idem Ob. cit., Capítulo XVIII, pág. 402.

[3] NETO, Jacob Holzmann, "ESPIRITISMO E MARXISMO", pág. 16, Edições "A Fagulha".

[4] HUISMAN, Denis e VERGEZ, André, "COMPÊNDIO MODERNO DE FILOSOFIA", Vol. I, A AÇÃO, (reprodução), págs. 305/6, 4ª. Edição, Biblioteca Universitária Freitas Bastos.





# A FILOSOFIA ESPÍRITA E SEUS ASPECTOS SOCIAIS

Ayilton Guido Coimbra Paiva

## I - CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Espiritismo como Doutrina Filosófica é constituído por um conjunto de princípios que servem de base a elaboração de suas posições no campo filosófico, religioso e político.

Esses princípios estabelecidos pelos espíritos em "O Livro dos Espíritos", tocam todas as questões da vida humana em seus múltiplos aspectos: religioso, político, psicológico, físico, etc...

Em "O Livro dos Espíritos" esses princípios aparecem enunciados de forma embrionária e seu desenvolvimento dependerá de nossos estudos, na pesquisa das conseqüências das premissas aí estabelecidas pelo plano espiritual. Desse modo, o Espiritismo não se caracteriza pela posição acabada dos sistemas filosóficos, mas foge do espírito de sistema [1], mantendo-se aberto a posições diferentes, desde que embasadas nos princípios estabelecidos em sua Doutrina Filosófica.

Essas considerações são de grande valia para compreendermos o espírito antidogmático e primordialmente democrático que embasa a Codificação e que por isso deverá permitir sempre que o movimento espírita adote posições diversas e diferentes soluções especialmente nas questões em que a ciência ainda não tenha estabelecido suas **verdades práticas** [2], ou seja, nas questões onde se trabalhem teorias e onde se testem hipóteses.

É dentro dessa visão que iremos analisar as posições ou princípios estabelecidos pelos espíritos no livro base da Doutrina - "O Livro dos Espíritos", quanto as questões sociais. Analisaremos também as conseqüências desses princípios.

## II- ESPIRITISMO E DIREITOS HUMANOS

A parte III de "O Livro dos Espíritos" ao estudar a Lei Divina inscrita em nossas consciências estabelece também claramente os direitos humanos.

Na Lei de Adoração fica demonstrado o direito de culto e pontifica a liberdade de ritos embora esteja firmada a **ação para o bem** como a melhor forma de adoração (Questão nº 654).

Na Lei do Trabalho estabelece a necessidade do trabalho para todos, considerando-o como expiação e meio de aperfeiçoamento da inteligência sem o qual o homem não se desenvolve (Questão nº 676).

Como conseqüência dessa posição o espírita não pode estar concorde com sistemas políticos que favoreçam a recessão, que aumentem o desemprego, nem com sistemas que exijam do homem trabalho além de suas forças ou tipos de atividades em que não se possa aperfeiçoar a inteligência ( Questões nº 679, 683, 684 e 685-a).

Na Lei da Reprodução defende o direito à união sexual monogâmica, o direito à vida da mãe, acima do direito à vida do feto, combate o controle da reprodução para satisfação de prazeres egoísticos ou a pura sensualidade. Como conseqüência o espírita não pode ser a favor da poligamia, não apoiará nenhum movimento que vise a satisfação do egoísmo humano, mas buscará sempre regular a reprodução de acordo com as necessidades (Questão nº 693-a).

A Lei da Conservação, muito pouco estudada, traz posições político - filosóficas de suma importância. A vida física sendo necessária ao aperfeiçoamento dos seres, e não somente um castigo (Questões nºs 702 e 703), deve ser preservada e para isso a Terra produz o necessário a todos que a habitam.

Na Lei da Conservação está estabelecido como princípio doutrinário que só o necessário é útil, **o supérfluo nunca o é** (Questão nº 704). Fica estabelecido também que **o uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens** (Questão nº 711), e definido por bens da Terra, tudo o que o homem produz (Questão nº 706).

Ora, a conseqüência desses princípios é clara - todos os homens tem direito a abundância de que alguns apenas desfrutam e **coisas que são supérfluas não são úteis**. Assim, sistemas político-sociais que estimulem o consumo indiscriminado, que aumentem as necessidades até o supérfluo, ou que impeçam pessoas de ter acesso aos bens produzidos e necessários à vida humana, não podem ser aceitos pelos espíritos.

Na Lei da Destruição fica claro o direito do homem de destruir para **renovar e melhorar**. A destruição desnecessária não é direito de ninguém, é uma violação à Lei Divina ( Questão nº 735 ).

A conseqüência desse princípio é o respeito aos limites traçados pela própria natureza, às cadeias ecológicas, ao solo, às águas, enfim ao direito à vida de todas as coisas e não apenas da vida humana.

As guerras fomentadas por homens que delas tiram proveito, deverão desaparecer. O espírita é assim em todas as situações contrário às guerras, consciente de que elas atendem a interesses de grupos que as fomentam (Questão nº 745).

A Lei da Sociedade mostra o direito do ser humano aos laços sociais, à convivência, a família (Questão nº 774).

Isso leva a compreender o absurdo dos sistemas sociais que relegam milhões de crianças à marginalidade, que impede a convivência familiar, que isolam o velho, o jovem, a criança, o doente mental...

A Lei do Progresso mostra o direito do homem a civilização e por conseqüência o absurdo do isolamento do homem do campo, da marginalidade de populações de periferia, a ausência de arte, de tempo para cultura, de cursos para aperfeiçoamento contínuo do homem... (Questões nº 779 e 776).

A Lei da Igualdade mostra que a desigualdade das condições sociais é obra do homem e que deverá desaparecer no futuro, quando haverá tão somente a desigualdade do merecimento ( Questão nº 806).

Como conseqüência, o espírita não pode aceitar sistemas sócio-político-econômicos que considerem a desigualdade como fruto do mérito, admitindo que as classes sociais se embasam na superioridade dos que dominam. Por isso é importante definir o que é essa **desigualdade de merecimento** que deverá permanecer no futuro.

A Lei da Liberdade estabelece o direito de liberdade de pensamento e de consciência, embora deixe claro que em sociedade é impossível se gozar de liberdade absoluta nos atos ( Questões nº 833, 837).

Cabe nessa questão também estudar as várias formas de controle social, compatíveis com a liberdade de pensamento para que possamos optar, segundo o nosso entendimento pelo **tipo de controle** que consideramos melhor para a sociedade, uma vez que não há possibilidade de uma liberdade de ação total.

É em questão como essa que podem ser definidas objetivamente como - "que tipo de censura pode o espírita aceitar?" - ou, - "em que consiste a desigualdade do mérito?" - que, cabe ao Movimento Espírita apresentar várias teorias e tentar várias soluções dentro do espírito democrático e a ausência de dogmatismo que caracterizam e embasam o Espiritismo.

Deve ser também objeto de estudos com amplas e diversas posições, a definição do que seja correto segundo os princípios doutrinários com relação ao **direito de propriedade**. Isso porque na Codificação estão assentes dois princípios relativos ao direito de acumular bens:

1º) Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem.

2º) O direito de viver confere ao homem o de juntar o que necessita para viver e repousar quando não mais puder trabalhar, mas o homem **deve fazê-lo em família, como a abelha** e não como o egoísta que junta para si e para sua satisfação pessoal.

Esses dois princípios precisam ser mais aprofundados para que definamos:

1º) Quando eu prejudico meu semelhante ao adquirir uma propriedade. Eu o estarei prejudicando se lhe pago um salário pequeno, se o faço trabalhar muito, se exijo um trabalho bem feito, se deixo de exigir coisas que irão prejudicá-lo se não as fizer e que me beneficiarão, se fizer um "bom" negócio, enquanto o outro faz um "mau"?

2º) Seria possível organizar uma sociedade onde os homens somente pudessem juntar em família como as abelhas? Como seria essa sociedade e que tipo de sistema político permitiria tal prática? Que inconvenientes isso traria? (Questões nº 881 e 883).

Tudo isso somado a afirmativa dos espíritos de que a origem da desigualdade das riquezas é a desigualdade das faculdades aliadas a velhacaria e ao roubo (Questão nº 808), que o desejo de ser rico dificilmente é puro ( Questão nº 902) deve nos fazer pensar em como seria possível preservar a desigualdade do mérito, sem cair na velhacaria e no roubo e como ao mesmo tempo respeitar os princípios estabelecidos para o acúmulo de riquezas.

### III - ESPIRITISMO E ECOLOGIA

Se há campo para debates, estudos mais profundos e posicionamentos diversos quanto as questões dos direitos à propriedade, à liberdade, à igualdade, a questão da preservação do meio ambiente, do uso da natureza com parcimônia e respeito, o reconhecimento das condições diversas do ambiente e sua ação sobre o homem, estão clara e inequivocamente definidos nos princípios estabelecidos pelos espíritos.

Um aprofundado estudo de ecologia seria desejável para todo espírita e os órgãos de Unificação deveriam abrir mais espaço para formar nos espíritas uma consciência ecológica mais atuante.

As questões citadas abaixo ajudam a esclarecer como o Espiritismo defende a preservação da Natureza

em seus princípios.

Na Questão nº 677 da Lei do Trabalho está clara a função dos animais e vegetais no equilíbrio da Natureza.

A Lei da Destruição e a da Conservação, trazem implícito os princípios das modernas correntes ecológicas. Definem o necessário e o supérfluo (Questões nº 716, 717), estabelecem os limites ao bem estar humano que não pode ser conquistado às expensas do outro, nem nos enfraquecer o físico ou o moral (Questão nº 719), definem a destruição como uma lei natural (Questões nº 731 e 734) mas estabelecem a distinção entre crueldade e destruição (item V - Questões 752 a 754).

### CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Ver citação de Herculano Pires em Introdução à Filosofia Espírita - Cap. III - item 2
- [2] KARDEC, Allan em "A Gênese" Cap. I, item 55

## FILOSOFIA



## DIDÁTICA

## PROGRAMA

# INFÂNCIA ESPÍRITA

## NOVA FILOSOFIA, NOVO PROGRAMA

Maria Vanda Rodrigues Garcia

I - Propor uma nova filosofia de trabalho junto à criança no Centro Espírita, que envolva a um só tempo, o conteúdo programático e a didática utilizados nessa atividade.

II - Alterar as atuais denominações de Escolas Espíritas de Evangelização e semelhantes para Infância Espírita.

### FILOSOFIA

A partir das manifestações espíritas, surgiu o Espiritismo, como resultado da pesquisa e do trabalho intelectual de Allan Kardec, incorporando-se à cultura humana como um novo campo de conhecimentos.

Tem, a Doutrina Espírita, um conteúdo filosófico capaz de por si só, levar a criança:

1- a conhecer-se como espírito imortal em progresso contínuo e sujeito a uma justiça maior que se realiza ao longo das vidas sucessivas.

2- a concluir, a partir disso, sobre formas de comportamento construtivo - o que se chama de moral. A moral espírita está, portanto, implícita na filosofia e é decorrente do conhecimento. A justificativa para esta afirmação encontra-se na Questão 780 de **O Livro dos Espíritos**, de Allan Kardec, onde se afirma que o progresso intelectual é que conduz ao progresso moral.

O *"Espiritismo está na natureza"* e portanto, não é estranho à criança. Seus princípios encontram correspondência no sentimento de justiça existente na consciência de cada um e são naturalmente acessíveis à mente infantil.

### DIDÁTICA

Como consequência didática desta filosofia, tem-se:

1- A colocação do conhecimento espírita no seu devido lugar, como eixo de toda a programação da Infância Espírita.

2- Dado o caráter natural do Espiritismo, o conhecimento a ser desenvolvido com as crianças deve ser a própria Doutrina Espírita, com ênfase às leis naturais, que compreendem as leis físicas, e as leis morais. *"O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem, as da alma e as segue"*. (**O Livro dos Espíritos** - Questão 617).

Nas leis morais, aparece o pensamento de Jesus, expoente de sabedoria, guia e modelo.

Não há preocupação em "converter" ou "salvar" a criança. Muito menos desenvolver a mentalidade mítica, mas incentivar a conclusões morais baseadas na mentalidade racional.

3- A atividade com a criança no centro espírita passa a ter o caráter de "reunião" e não de "aula". A liderança dessas reuniões estará a cargo de pessoas conhecedoras da Doutrina Espírita e que tenham também conhecimentos atualizados de técnicas didáticas em relação à criança; os "monitores" de infância espírita, que estimularão atividades variadas como entrevistas, visitas e outras que possibilitem o intercâmbio com a comunidade interna e externa. Cabe ainda a estes monitores ligar os temas de estudo aos fatos do cotidiano e da vida da criança, para que ela se exercite na interpretação da vida e dos fatos.

### PROGRAMA

Destinado a crianças na faixa entre 5 e 12 anos, o programa terá um temário adequado a cada subgrupo da mesma idade.

Constarão do temário: princípios básicos da Doutrina Espírita, além de noções elementares sobre História do Espiritismo, a estrutura do movimento espírita brasileiro e a divulgação da doutrina.

O Evangelho perde a conotação de eixo central, mas não o seu papel exponencial na exemplificação do comportamento espírita e estará necessariamente implícito nos temas de estudo. Indicam-se os trechos selecionados por Kardec no Evangelho Segundo o Espiritismo, onde Jesus aparece com discurso de aplicação universal. A figura de Jesus, será colocada num contexto humano, sem endeusamentos que o distanciem.

Serão excluídas do ensino todas as passagens de sua vida que levem à exacerbação de uma figura messiânica e mágica. Menos dissertações repetitivas sobre pastores, magos e estrela-guia e maior exaltação à excelência ao ensino contido no Sermão da Montanha.

A Infância Espírita destina-se a filhos de espíritas. O envolvimento dos pais é condição indispensável e dá a medida do prestígio conferido ao trabalho. Cabe aos pais comparecerem com os filhos no dia e hora da reunião, participando de atividades paralelas ou conjuntas.

Todas as crianças devem ser democraticamente incentivadas à participação, seja nas reuniões de estudo, nas comemorações ou nas atividades externas, para exercício fraterno entre todos. Serão abolidas as comemorações originárias do calendário cristão, como páscoa e outras por estranhas à Doutrina Espírita. Não compete à Infância Espírita dar continuidade às tradições judaico-cristãs que se incumbiram, no contexto da História, de desgastar a figura de Jesus, escondendo a excelência de sua doutrina por trás de um arsenal de mitos.

A prece não deve ser elemento obrigatório de abertura e encerramento de reuniões, para que não se transforme em ritual velado, mas será tema de estudo e terá sua aplicação em ocasiões apropriadas, a critério do monitor.

## POR QUE INFÂNCIA ESPÍRITA?

O que está por trás do nome **Infância Espírita**? O nome não é apenas um rótulo, mas a síntese de toda uma filosofia e propõe a modificação do estilo de trabalho com a criança no centro espírita, a partir de uma nova filosofia.

De início, insiste-se em delimitar o campo de atuação: não se está tratando de educação, no sentido amplo, que é atribuição da escola. Nem de catequização ou evangelização, atribuição das igrejas. O que se pretende é oportunizar à criança o conhecimento da doutrina de Kardec no ambiente do centro espírita, tal como já se faz com o jovem e com o adulto, para que ela cresça em clima de liberdade de pensamento e aprenda a utilizar a idéia espírita como instrumento perene de auto-educação.

*"Para as coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem para evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocábulos".*

Esta colocação de Allan Kardec, ao abrir **O Livro dos Espíritos**, visou definir uma nova idéia e seu campo de desenvolvimento na ordem de conhecimento humano. Esclareceu o codificador, assim, que "a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se o quiserem, os espiritistas".

Com base nessas definições do codificador, e mercê da naturalidade dos fenômenos espíritas, multiplicaram-se, em todo o mundo, instituições destinadas ao estudo, à prática da mediunidade, denominadas, então, de **espíritas**. Delas resultaram associações, com vários fins paralelos ou complementares, desenvolvendo-se laços de amizade e fraternidade entre seus membros.

Assim, nasceram, o **centro espírita**, na sua denominação mais ampla, pelo menos no Brasil, e mais tarde, a **mocidade espírita**, esta destinada a adeptos do Espiritismo em idade jovem. Em boa medida, as mocidades espíritas, no Brasil, nasceram pelo trabalho de Leopoldo Machado, exatamente devido à sua visão mais ampla de caráter do Espiritismo.

Com base nessas constatações históricas e afins com o pensamento doutrinário do Espiritismo, propõe-se:

1 - que a atividade da criança no centro espírita, em coerência com os princípios espíritas seja denominadas Infância Espírita.

2 - que a programação que envolve essa atividade utilize, como fundamento, a transmissão de conhecimentos e o debate das leis naturais, tal como indica **O Livro dos Espíritos**, subentendendo-se que essas leis são classificadas como físicas e morais e para estas se tem como exemplo a vida de Jesus de Nazaré.



SEÇÃO CARENTÉ

# CRIANÇA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Marília de Castro

*"O Estado e a Sociedade devem garantir vida digna à criança a partir da concepção. Toda criança, sem qualquer discriminação, é, fundamentalmente, um cidadão em desenvolvimento e, desta maneira, com total direito à família, à integridade física, mental e psicológica, à saúde, à alimentação, à habitação, à educação, ao lazer, à segurança, aos esportes, à cultura e ao trabalho".* Esta é uma das conclusões a que chegou o Congresso Estadual "O Menor e a Constituinte", realizado na cidade de São Paulo, em outubro de 1985.

Neste Congresso firmou-se a necessidade de um capítulo específico na Constituição, contendo disposições sobre o menor.

Entende-se por menor, o conjunto de todas as crianças e adolescentes, independentemente da classe social e de sua família.

Para nós espíritas, este tema se impõe. Somos sabedores da importância da educação para a transformação real da sociedade. Devemos, pois, investir grande parte de nossos esforços para a formação da criança e do adolescente e para a reivindicação de seus direitos.

Comenta a questão número 383 de **"O Livro dos Espíritos"**:

- *"Qual é para o espírito a utilidade de passar pela infância?"*

- *"Encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o espírito é mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação".*

O que a sociedade está fazendo pelo menor? O que nós, espíritas estamos contribuindo efetivamente para a sua dignidade e para sua formação integral?

## TELEVISÃO

Muitos programas de televisão participam da deseducação da criança. Costumeiramente, estimulam a violência, a competição, a trapaça, a inteligência sem princípios morais.

Não existe a preocupação de muitos pais em selecionarem os programas infantis para seus filhos. "É melhor que fiquem à frente da televisão do que desorganizando a casa", pensam alguns, ou arranjam outras justificativas, para manterem ligada a "babá eletrônica". Não analisam, infelizmente, a influência, na maioria, perniciososa desse divertimento.

Por outro lado, as emissoras de TV não se preocupam em melhorar suas programações, porque "criança engole tudo", ou porque o objetivo é agradar o patrocinador. Se está se vendendo tal produto, não se questiona o conteúdo do programa.

## VALORES MATERIALISTAS

A busca pelo conforto, a competição desenfreada de cargos e de remuneração, a vaidade física e outros valores materialistas fazem com que muitos pais encarem os filhos como um obstáculo, um ruído em suas vidas.

Estas crianças, órfãs de pais vivos, sem necessidades financeiras, filhos da indiferença e do desamor, mostram a urgência da valorização da instituição: **Família**.

## MENOR CARENTE

No Brasil, existem milhões de crianças e jovens, filhos de pais que não tem renda suficiente para alimentá-los, ampará-los e educá-los adequadamente.

Só na cidade de São Paulo, segundo dados do governo em 1985, há dois milhões nesta situação. Milhares deles vagueiam pelas ruas, famintas, desassistidas, sem perspectivas.

Marginalizadas, algumas vivem do subemprego, vendendo chocolates, limpando pára-brisas de carro...(recebendo palavras de crítica da sociedade); outras vivem de esmolas.

Lembre-mos da questão número 888 de **"O Livro dos Espíritos"**:

- *"Que pensar da esmola?"*

- *"O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na Justiça deve-se prover a vida do fraco sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade".*

À indagação seqüente do mesmo livro, respondem os espíritos (888-a):

- *"O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desamparado, sem esperar que ele lhe estenda a mão".*

Hoje, muito se fala dos assaltos, do menor infrator, da falta de segurança, poucos pensam na prevenção da violência. As condições dignas de sobrevivência e a educação intelecto-moral, impediriam os desmandos sociais.

Alguns radicais defendem a diminuição do limite da idade de responsabilização criminal e da pena de morte para acabar com as quadrilhas de menores. Não analisam que estas quadrilhas existem como reação a esta sociedade que lhes nega tudo: a família, o trabalho, o salário, o amor, a educação. Devemos perguntar a estes radicais o que faremos então com as "quadrilhas sociais" que provocam esta situação de injustiça, tanto através da ação ou da omissão. As "quadrilhas" formadas por um grande contingente de pessoas, que até gozam do prestígio social, mas que só aproveitam egoisticamente desta sociedade, e não lutam em nenhum momento pelos direitos dos que pouco ou nada têm.

Conforme questão citada, número 888a de **"O Livro dos Espíritos"**, devemos ir ao encontro dos que precisam. Amparar o menor, promovê-lo, construir creches, colaborar com a família da criança, ajudando a criar condições financeiras e de educação intelecto-moral, para a agregação de seus membros, é dever de todos nós.

Você que tem uma família bem constituída, que dá valor aos seus filhos, pode perguntar: "mas por onde começar para reivindicar ou realizar obras em benefício dos menores?". A resposta está nas palavras de Jesus: *"faizei aos outros o que quereíeis que os outros vos fizessem"*. Medite: o que você gostaria que esta sociedade fizesse, se por contingência da vida, seus filhos tivessem que ficar sem a sua proteção, vagando sozinhos pelas ruas. Você saberá a resposta. E mãos a obra!

## MUNICIPALIZAÇÃO

Quanto ao poder público, deve ser descentralizada a solução do problema do menor. A cidade tem mais condições de resolver este desafio, do que o Estado ou a União. Já existem exemplos de municípios que reuniram: poder público, entidades religiosas e outras sociedades e resolveram com muita humanidade os problemas.

Conscientes da realidade regional, criaram creches, mantiveram o intercâmbio com a família, promoveram em conjunto a família e o menor.

A centralização da solução, em nível de governo Estadual ou Federal traz, entre outros problemas: o desconhecimento do técnico da realidade regional, a impessoalidade excessiva, o distanciamento da criança da sua família, os gastos inúteis para a manutenção de grandes estruturas administrativas que desviam para si a verba do real beneficiário: o menor.

## EDUCAÇÃO

Quando falamos do menor, não podemos jamais nos esquecer da Educação como meta prioritária.

Numa palestra colocamos a seguinte questão: Se fôssemos membros do Congresso Nacional, na função de deputados ou senadores, e tivéssemos 300 bilhões de cruzados para destinarmos ou para educação, ou para armas, onde aplicaríamos a verba aludida?

A maioria esmagadora nos respondeu: Educação. Educação é mais prioritária.

Continuamos nos questionando: E se pudéssemos optar se educação moral e intelectual, para onde encaminharíamos a referida quantia?

Uma parte pronunciou-se a 90% para educação moral e 10% para a intelectual, outra parte da platéia de 50% para educação moral e 50% para educação intelectual.

Prosseguimos na reflexão: Nós não somos nem deputados nem senadores e não podemos deliberar sobre este montante, mas há um dinheiro sobre o qual decidimos diariamente: nosso salário ou outra remuneração ou rendimento.

Será que a maior parte do que recebemos encaminhamos para educação nossa e de nossos filhos? A educação moral recebe nosso financiamento? Investimos em obras de educação moral?

Verificamos que na teoria a educação é prioritária, mas não na prática e esta conclusão se encontra

em todo país.

Infelizmente se somos apenas teóricos, nos contentamos com teorias ou desculpas teóricas.

Daí um dos motivos fundamentais que tanto se fala e pouco se faz para a educação no Brasil.

Buscando no debate e na vivência uma maior coerência, reivindicaremos e trabalharemos com segurança e não nos calaremos à frente de evasivas ou interesses, que querem obstar o verdadeiro progresso social e espiritual.

Afirma Kardec: *"A cura poderá ser prolongada, porque as causas são numerosas, mas não se chegará a este ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, pela educação. Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas que tende a fazer homens de bem....que se faça pela moral, tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que, se há natureza refratária, há também, em maior número do que se pensa, as que requerem apenas boa cultura para darem bons frutos".*(Comentários à questão 917, em "O Livro dos Espíritos").



## MUNICIPALIZAÇÃO

Quando se pode falar, deve ser desmistificada a noção de problema do município. A cidade tem suas condições de desenvolvimento, no que se refere ao Estado ou à União. Já existem condições de município que permitem poder político, econômico, religioso e outras atividades e relacionamentos com outras instituições.

Condições de realidade regional, climática, econômica, mantêm o relacionamento com a família, promovendo ao conjunto a família e o município.

A realidade de educação, em nível de governo estadual ou Federal tem, entre outros problemas, o desenvolvimento de setores de realidade regional, a impossibilidade de avaliar o desenvolvimento de setores de sua família, de setores regionais para a manutenção de grandes estruturas administrativas que devam ser e a rede de desenvolvimento a ser.

## EDUCAÇÃO

Quando falamos de município, não podemos jamais nos esquecer de Educação como sendo o principal fator para o desenvolvimento econômico e social. O município tem o dever de desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão, a fim de proporcionar ao cidadão o acesso à educação e ao conhecimento.

A realidade educacional nos municípios brasileiros, Educação é uma realidade. Contudo, nos municípios, é a realidade que se desenvolve para a realidade, pois onde houver condições e recursos humanos.

Uma realidade educacional em nível de município tem e tem que a realidade, pois os dados de sua realidade em nível de município são dados educacionais reais.

Porque a realidade não pode ser ignorada em realidade e não podemos deixar de considerar a realidade, mas há um desafio para o qual devemos desenvolver nossa realidade, pois há um desafio para o qual devemos desenvolver nossa realidade, pois há um desafio para o qual devemos desenvolver nossa realidade.

É claro que a realidade de que realidade, desenvolvimento para educação real e de setores locais. Uma realidade educacional em nível de município tem e tem que a realidade, pois os dados de sua realidade em nível de município são dados educacionais reais.

Porque a realidade não pode ser ignorada em realidade e não podemos deixar de considerar a realidade, mas há um desafio para o qual devemos desenvolver nossa realidade, pois há um desafio para o qual devemos desenvolver nossa realidade.



# CONTRIBUIÇÃO A UMA ANÁLISE DO ROUSTAINGUISMO

Luis Fuchs

## I

O caráter evolutivo que reveste a Doutrina Espírita, incompreendido por muitos, tem servido, como justificativa para que, afoitos, alguns adeptos se lancem à busca de novidades, ou se deixem conduzir por movimentos inconseqüentes, obedientes a absurdas propostas reformuladoras.

Dentre as idéias que pretendem infiltrar-se na Doutrina dos Espíritos, introduzindo corpos estranhos à estrutura, estão aquelas reunidas sob o nome de "Os Quatro Evangelhos", organizadas e publicadas em 1866 por J. B. Roustaing, advogado na cidade francesa de Bordéus. Esta obra, conhecida também por **Revelação da Revelação**, recebida mediunicamente por Mme. Emilie Collignon, contém, conforme seu próprio texto anuncia, a explicação dos textos dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e mais os mandamentos de Moisés. Versículo a versículo, mandamento a mandamento, surgem envoltos por um extemporâneo, excessivo e incompreensível apego às minúcias literais das escrituras sagradas.

O Roustainguismo, gerado à surdina, ao tempo de Kardec, atravessou o Atlântico, chegando a nosso país travestido de complemento necessário à Obra da Codificação! É profundamente constrangedor admitirmos que, a despeito das aberrações doutrinárias que encerra, seja esta obra mediúnica, ainda hoje, defendida na Federação Espírita Brasileira e assimilada por alguns movimentos espíritas estaduais.

Foi sob auspícios febianos que seguiram as edições em português de "Os Quatro Evangelhos". É também a editora da FEB que tem lançado no país: textos genuinamente roustainguistas, tais como: "Elucidações Evangélicas", de Antônio Luiz Sayão; "Elos Doutrinários", de Ismael Gomes Braga; "O Cristo de Deus", de Manuel Quintão; "A Personalidade de Jesus", de Leopoldo Cirne e "Jesus, nem Deus, nem Homem", de Guillon Ribeiro.

## II

Roustaing, convalescendo de uma doença muito grave, em Janeiro de 1861, ouve de um amigo as primeiras notícias acerca do Espiritismo. Após tomar contato com **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns**, conclui, desapontado: "Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra humanas de Jesus, sobre o modo de suas aparições na Terra, tudo como antes se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão". E em seguida arremata de forma surpreendente: "... senti a impotência da razão humana para penetrar através da letra e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da revelação". (**Os Quatro Evangelhos**, pág. 62).

Entre sentir a necessidade de uma revelação nova e a disposição de assumir o papel do novo missionário encarnado foi um passo que Roustaing deu com muita agilidade. Em dezembro daquele mesmo ano de 1861, em casa da médium Mme. Collignon, a ele, foi, por intermédio da anfitriã, endereçada uma mensagem, incitando-o à tarefa de coordenar a nova tal revelação. Apresentando assinaturas atribuídas a Mateus, Marcos, Lucas e João, esta convocação do além exerceu poderoso fascínio sobre o empolgado bacharel francês. Uma semana depois, já estavam surgindo as primeiras páginas de **Os Quatro Evangelhos**.

## III

A FEB anuncia ser o Roustainguismo uma complementação necessária à obra de Kardec. Todavia, o próprio Roustaing relega a obra Kardequiana a plano subalterno, elevando a sua à posição de "obra preparatória da revelação predita e promovida pelo Cristo, o Espírito da Verdade". (**Os Quatro Evangelhos**, prefácio)

Ora, tanto a FEB, quanto a Roustaing faltou a lucidez de uma análise honesta. A obra que corresponde à revelação prometida por Cristo não é outra, senão a codificada por Kardec. E ainda mais: a obra Roustainguista, elvada de misticismo e soluções mágicas é a própria negação de tudo o que Kardec publicou a partir de 18 de abril de 1857.

O próprio advogado de Bordéus tinha consciência de tais discrepâncias. Prova disso, é o isolamento em que se circunscreveu para a elaboração de seu trabalho.

Na verdade, optou por um caminho independente, autônomo, quase poderíamos dizer competitivo à

obra Kardequiana. É verdade, também, que imediatamente Kardec avaliou a ameaça representada pela obra pseudo-doutrinária, e em junho de 1866 apresentava através da **Revista Espírita** seu primeiro alerta contra a novidade roustainguista.

#### IV

**Os Quatro Evangelhos** é conhecido quase que exclusivamente pela tese que apresenta acerca do corpo fluídico de Jesus, o qual, devido a seu estado de pureza não podia mais assumir um corpo físico. Dois esclarecimentos se fazem necessários:

- 1- A teoria do corpo fluídico não é como se propala, a única divergência entre Kardec e Roustaing;
- 2- O corpo fluídico de Jesus foi rebatido por Kardec, e de forma inquestionável, em "A Gênese".

Sobre o primeiro tópico trataremos mais adiante. Agora cumpre apresentar a firme posição de Kardec em relação ao corpo falso de Jesus:

*"Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar, com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigno, portanto, e com mais forte razão, de ser tão superior". (Gênese, cap. XV, itens 64, 65 e 66).*

Kardec, na **Revista Espírita** de junho de 1866 afirmara que o Roustainguismo tinha por base o corpo fluídico de Jesus, sem o qual, toda a sua estrutura ruiria. É forçoso concluir, pois, que **Os Quatro Evangelhos** tiveram sua ruína decretada pela própria Codificação, sem que alguns espíritas se dessem conta disso. Mas se a **Revelação da Revelação** surgiu de uma necessidade de se dar a Jesus um corpo sobrenatural, no decorrer de sua elaboração outros pontos surgiram que colidem frontalmente com a Doutrina de Kardec.

Do avantajado número destas idéias absurdas, quatro nos merecerão destaque:

- 1 - Os espíritos que desde o princípio, simples e ignorantes, escolheram o caminho do bem, evoluem no plano fluídico, sem jamais necessitarem de uma única encarnação;
- 2 - Ao contrário do que os Espíritos afirmaram a Kardec, a encarnação não é uma necessidade para a evolução; é simplesmente um castigo para as almas em queda!
- 3 - Os espíritos que se mostrem presunçosos e revoltados, a fim de serem domados deverão ocupar corpos animais, ressuscitando o irracional conceito da metempsicose;
- 4 - Os Roustainguistas defendem, com ardor, os dogmas da virgindade de Maria.

Outras divergências existem, mas bastam estas para nos demonstrarem a caráter desta obra de confusão.

Em sã consciência ninguém pode mais aceitar que Roustainguismo seja sinônimo de Espiritismo. Trabalhos formidáveis foram produzidos por Herculano Pires e Júlio Abreu Filho, no sentido de estabelecer a verdade. Wilson Garcia e Erasto C. Prestes, mais recentemente apresentaram significativa contribuição à análise do assunto.

Impugnado por Kardec em 1868 deve ser agora o Roustainguismo abandonado por pessoas e instituições que pretendam representar a defender a Doutrina dos Espíritos.

Estes homens e estas instituições estão no dever inalienável de rever suas posições e acertar o passo. Justifica-se a ignorância do passado, mas injustificável é insistir-se no presente, na manutenção desse clima de confusão e de ignorância em torno de problemas fundamentais.

A defesa e divulgação do Roustainguismo infelicitava o movimento espírita nacional.

A inteligência tem seus deveres a cumprir!



# ANÁLISE RETROSPECTIVA DA UNIFICAÇÃO

Juvanir Borges de Souza

## I - O CODIFICADOR E A UNIFICAÇÃO

Em sua vasta abrangência, compreendendo aspectos científicos que estão muito além do domínio da ciência oficialmente reconhecida, aspectos filosóficos que transcendem as diversas escolas filosóficas do mundo e aspectos morais e religiosos deduzidos das revelações dos Espíritos, a Doutrina Espírita tem um sentido unitário, vale dizer, constitui ela um corpo doutrinário indivisível, no qual todas as partes em que se desdobra formam um todo harmônico.

Essa verdade, mais de vez reafirmada pelo Codificador, jamais deve ser esquecida pelos adeptos.

Todo movimento decorrente da Doutrina Espírita deve atentar para a unidade doutrinária. A Unificação do movimento é decorrência dessa unidade.

Quebrada a unidade, o movimento espírita diversifica-se, surgem os cismas, as seitas e os antagonismos, como ocorreu com o Cristianismo, hoje subdividido em numerosas denominações espalhadas pelo mundo.

Como instituir e preservar a Unificação?

Ela se torna possível pelo conhecimento e aceitação da Doutrina e pela união fraterna entre os adeptos e profíctos. Sem união, solidariedade, trabalho, tolerância, compreensão entre os seguidores da Doutrina não se sustenta a Unificação espírita.

A Unificação não significa, obrigatoriamente, uniformização de pensamentos, de métodos de trabalhos, de detalhes de organização.

Como é muito vasta a Doutrina no seu detalhamento, a Unificação pressupõe a aceitação e a união em torno de seus princípios básicos, fundamentais, sintetizados na obra básica "O Livro dos Espíritos".

Estabelecidos, como se acham, os princípios fundamentais, nada mais natural que os adeptos, aceitando-os livremente, procurem compreendê-los e vivenciá-los, dentro das possibilidades de cada um, mas tendo em vista sempre um ideal comum.

Aceita a Doutrina Espírita, o adepto depara-se, dentre outros, com os seguintes princípios fundamentais: existência de Deus, o Criador incriado; existência da alma; existência de mundos materiais e mundos espirituais; comunicabilidade entre os habitantes dos dois mundos; a reencarnação, ou vidas sucessivas; a evolução; as leis morais, resumidas no amor, na justiça e na caridade, com fulcro no Evangelho do Cristo, o Filho e Emissário de Deus; o princípio progressivo da Doutrina.

Seria utópico exigir, para a Unificação, o pensamento igual, uniforme, de todos os adeptos, a respeito de todos os pontos não essenciais, de todas as dissertações elucidativas, de todas as obras subsidiárias, dependentes da interpretação e do livre convencimento individual, de vez que cada um encontra-se em determinado estágio evolutivo intelectual e moral.

Lançadas as bases da Doutrina dos Espíritos, cabe aos adeptos guiarem-se por elas, competindo-lhes ainda a responsabilidade interpretativa de tudo o que assenta nessas bases, inclusive as revelações posteriores à Codificação, alicerces firme de toda a construção doutrinária.

Kardec não foi somente o teórico da Doutrina, seu formulador e sistematizador.

Ele mesmo afirma que "*trabalhando na parte teórica da obra, não nos descuidávamos do lado prático*". (Constituição do Espiritismo - trabalho iniciado em 1861 e reformulado em 1869).

Adverte também que as dissidências que possam surgir se fundirão por si mesmas na **unidade** da Doutrina, estabelecida de forma clara e definida. (Grifo nosso).

Acrescenta mais: "Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão com referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro, acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto". (Obras Póstumas - Dos cismas).

Assim, na época da elaboração da Doutrina, havia a natural *unificação*, personificada na figura ímpar do Codificador.

Finda sua missão, a Doutrina por ele sistematizada, decorrente dos ensinamentos dos Espíritos, entraria numa nova fase.

Não somente na França, mas em todos os países onde o Espiritismo havia penetrado, urgia que a Doutrina permanecesse íntegra, com seus movimentos organizados.

No Brasil, desde os trabalhos iniciais no século passado, quando o Espiritismo tornou-se conhecido e praticado, houve preocupação com a unificação.

## II - PRIMÓRDIOS DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Bem cedo chegou ao Brasil o Espiritismo codificado.

Ainda em vida do Codificador, suas obras espíritas tornaram-se conhecidas na Corte do Rio de Janeiro e na Bahia.

Luís Olímpio Teles de Menezes chegou a fundar na Bahia o jornal "Eco d'Além Túmulo" (1869), infelizmente de efêmera duração, depois de criar, em 17 de setembro de 1865, o "Grupo Familiar do Espiritismo", a primeira sociedade de espíritas do Brasil.

Com o "Grupo Confúcio", fundado no Rio de Janeiro em 1873, delineia-se o início de um movimento espírita em nossa pátria, como célula da qual surgiram outros grupamentos, inclusive a própria Federação Espírita Brasileira.

Ao Grupo Confúcio, que durou seis anos, pertenceram o Dr. Bittencourt Sampaio, Dr. Siqueira Dias, Dr. Joaquim Carlos Travassos, o primeiro tradutor das obras de Allan Kardec, em 1875, além de outros.

Foi nesse Grupo que se manifestou, pela primeira vez, o Anjo Ismael, como Guia do Brasil afirmando que

"O Brasil tem a missão de Cristianizar. É a Terra da Promissão. A Terra de todos. A Terra da fraternidade. A Terra de Jesus. A Terra do Evangelho.

.....  
A missão dos espíritas no Brasil é divulgar o Evangelho, em espírito e verdade. Os que quiserem bem cumprir o dever a que se obrigaram antes de nascer, deverão pois, reunir-se debaixo deste pálido trinitário: Deus, Cristo e Caridade. Onde estiver esta bandeira, aí estarei eu, Ismael".

Ao "Grupo Confúcio" seguiu-se a "Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade", em 1876, também com programação francamente evangélica.

Cindida essa Sociedade, que passou em 1879 a denominar-se *Sociedade Acadêmica*, em vez de *Sociedade Espírita*, dela se destacou uma ala, tendo à frente Bittencourt Sampaio, Antônio Luís Saião e Frederico Júnior, o notável médium, para fundar o "Grupo Espírita Fraternidade", em 1880.

"O Grupo Espírita Fraternidade", com notáveis realizações, prosseguiu com a orientação evangélica, até transformar-se em "Sociedade Psicológica", desaparecendo em 1893.

O "Grupo Ismael" (Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael) resultou de dissidências entre os espíritas, tendo sido fundado em 1880, por Bittencourt Sampaio e Saião, a eles juntando-se depois Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard, Albano do Couto e outros.

Em 1895, aceitando Bezerra de Menezes a presidência da Federação Espírita Brasileira, o Grupo Ismael incorporou-se à FEB, onde funciona até hoje.

Há um fato notável ocorrido em 1888 e 1889, no "Grupo Espírita Fraternidade". Foram as diversas comunicações de Allan Kardec, através do médium Frederico Júnior, exortando os espíritas a se unirem e harmonizarem-se, na *prática do estudo, da caridade e da unificação*. Esses ditados marcaram época.

Bezerra de Menezes, tocado e convencido pelas exortações póstumas de Kardec, difundiu-as sob a forma de impressos, nos meios espíritas então existentes, objetivando tornar conhecidos os conselhos do Codificador, do Plano Espiritual, entre os quais se destacava a unificação dos espíritas. Indicava Bezerra a Federação Espírita Brasileira, que ele presidia em 1889, como a Instituição em torno da qual poderia fazer-se a unificação.

Instalou-se na FEB, em 21 de abril de 1889, o "Centro da União Espírita do Brasil", com o propósito de unir e orientar as diversas instituições espíritas então existentes. Cabe lembrar que um Centro de igual nome, àquele ano já desaparecido, fora criado com os mesmos objetivos, na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, em 1881.

Não obteve êxito Bezerra de Menezes. Os espíritas não estavam suficientemente preparados para aceitar a idéia.

Em janeiro de 1891, Augusto Elias da Silva concitou a família espírita a cerrar fileira em torno da Federação, conseguindo a adesão de inúmeras instituições espíritas, inclusive a respeitável Sociedade Espírita Fraternidade, cujo presidente, João Kahl declarava, então, que a Federação Espírita Brasileira, "pela imposição dos fatos, é e representa o verdadeiro Centro Espírita no Brasil".

Todavia, as incompreensões de alguns líderes espíritas e as revoluções políticas por que passava o país, em 1892 e 1893, levaram o movimento espírita à dispersão. Os esforços de Elias malograram.

O Centro criado por Bezerra, e do qual foram presidentes o próprio Bezerra e Elias da Silva, foi reorganizado pelo Prof. Angeli Torteroli em 1894, tomando o nome de Centro Espírita de Propaganda no Brasil. Filiaram-se a ele cerca de setenta e cinco grupos espíritas de diversos Estados. A FEB abriu as colunas do "Reformador" para noticiários do referido Centro, e Bezerra de Menezes chegou a ser ali, juntamente com outros companheiros da Casa de Ismael, diretor efetivo. Contudo, devido a atuação de alguns diretores, que insistiam, principalmente em 1897, em considerar o Espiritismo apenas como ciência, com menosprezo ao caráter filosófico-religioso, esse Centro acabou fracassando no objetivo de unir a família espírita brasileira, entrando em decadência. Com o afastamento de vários diretores, entre eles Bezerra e Elias da Silva, e ainda o desligamento de muitas entidades espíritas, estas buscaram eleger a FEB como o verdadeiro centro do Espiritismo no Brasil. A FEB, pelo "Reformador", declarou então que, dentro do programa de ação por ela defendido, e se tal significasse a unificação pretendida, aceitaria a filiação de todos os Grupos, constituindo-se no "centro de orientação da doutrina".

A Federação Espírita Brasileira, fundada em 2 de janeiro de 1884, oferece, com seu nome, um fato curioso. Nasceu como uma Casa Espírita semelhante a tantas outras, destinada ao estudo e à prática da Doutrina Espírita. Tinha o nome de **Federação** sem o ser, na realidade. Assim, sua planificação projetava-se no futuro, sob a inspiração da Espiritualidade, de vez que na ocasião de seu nascedouro nada havia a federar. Mas um de seus fundadores, Manuel Fernandes Figueira, como que anteviu o futuro, ao declarar num acróstico que a novel agremiação nascia "Reunindo em um forte, indissolúvel laço a crença comunhão espírita brasileira".

Vencida a difícil fase de transição, de lutas e incertezas, definidos os rumos do Espiritismo no Brasil, a Federação deu início à sua organização federativa, começando a filiar, sob a forma de adesão, todas as instituições que assim o desejassem.

Já em 1901, após a desencarnação de Bezerra de Menezes, a direção da FEB procedeu a uma reforma estatutária, com vistas à unificação, sob a forma federativa, das agremiações espíritas espalhadas por todo o território do Brasil.

Definiu-se, desde então, o significado da **Unificação**, como união solidária e fraterna, sem prejuízo da autonomia individual, administrativa e patrimonial das entidades filiadas.

A organização federativa assim concebida ultrapassava os limites geográficos da antiga Capital da República para ganhar as vastas linhas do País continental, surgindo de todos os Estados e das mais longínquas cidades os pedidos de adesão das Casas Espíritas à Federação.

### III - BASES DE ORGANIZAÇÃO ESPÍRITA

O período de 1904 até 1949.

Para a comemoração do centenário do nascimento de Allan Kardec, a 3 de outubro de 1904, a revista "Reformador" lançou, com bastante antecedência, a idéia de reunir no Rio de Janeiro os representantes dos Centros e Sociedades Espíritas de todo o Brasil.

A idéia foi bem recebida e a FEB organizou uma programação de três dias, compreendendo conferências, encontros fraternais, inauguração de cursos, encerrando-se a jornada com sessão solene, na noite de 3 de outubro, no salão da Associação dos Empregados do Comércio, reunindo multidão de cerca de 2.000 pessoas.

Nesse memorável encontro de âmbito nacional fizeram-se representar os espíritas do Amazonas, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, com o comparecimento de grande número de Casas Espíritas da Capital Federal.

O ponto mais importante do conagração foi, sem dúvida, a apreciação e aprovação de um documento que ficou conhecido como "Bases de organização Espírita", o qual passou a orientar, desde então, a marcha do movimento espírita em nosso país.

Preconizaram as "Bases" a criação de uma Instituição Espírita na Capital de cada Estado da Federação, a qual ficaria incumbida de filiar os Centros e Associações estaduais, formando assim, com a FEB uma rede de entidades espíritas fortalecidas na solidariedade e na fraternidade.

Ao mesmo tempo, instituíram as "Bases" um programa doutrinário básico, semelhante ao da Federação, com fulcro nas obras "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns". No tocante ao Estudo dos Evangelhos, poderia ser feito, segundo as tendências de cada instituição, pelo "O Evangelho Segundo o Espiritismo", ou pela obra "Os quatro Evangelhos", de J. B. Rousstaing.

Recomendaram ainda a fundação de escolas de médiuns, com estudo doutrinário, implantação de assistência aos necessitados, aulas de instrução elementar e diversas outras orientações de interesse do movimento.

Dirimiram-se, assim, diversas dúvidas existentes no Movimento Espírita, respeitando-se as tendências e a liberdade de convencimento individual, a respeito do estudo evangélico, com estímulo à união de todos os espíritas.

Esse importante documento, no que contém de essencial para o Movimento, não se perdeu no tempo, subsistindo até nossos dias, de vez que foi incorporado aos Estatutos da FEB e ao denominado "Pacto Áureo", como se vê no item 12º. da respectiva Ata.

Durante quase meio século, a partir de 1904, o Movimento Espírita Brasileiro cresceu muito. Fundou-se, nesse período, a maior parte das Federações Estaduais e centenas de Casas Espíritas.

Destacando-se alguns acontecimentos relacionados com a unificação do movimento espírita, sem a pretensão de enumerá-los todos, o que seria impossível no âmbito deste trabalho, não podemos omitir, entretanto, os Congressos de 1926 e de 1933, convocados pela FEB, com boas contribuições na busca da unificação, numa época em que o Movimento se apresentou dividido, inclusive com a criação de uma entidade de âmbito nacional, a Liga Espírita do Brasil, com sede no Rio de Janeiro e que, por força do "Pacto Áureo", transformar-se-ia numa federação de caráter Estadual.

Especificamente no Estado de São Paulo, são dignos de nota a fundação da União Espírita do Estado de São Paulo em 1929, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, no ano de 1936 e o surgimento da USE, na década de 40, resultantes do idealismo de muitos espíritas que já se haviam convencido da necessidade da união dos adeptos em torno de princípios fundamentais da Doutrina do Consolador.

Pela seriedade de seus trabalhos e pelas conseqüências deles resultantes, não deve ser esquecida a Comissão chefiada pelo Dr. Luís Monteiro de Barros que, em 1945, diagnosticou em oito itens os principais problemas do movimento espírita de então, no Estado de São Paulo, dividido entre quatro entidades. De suas conclusões surgiu, inicialmente, a criação da União Social Espírita, posteriormente, em 1947, transformada na União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), com notável contribuição em prol da Unificação, não somente no âmbito Estadual, mas também no plano nacional, como membro atuante do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira.

#### IV - O "PACTO ÁUREO" E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Foi a 5 de outubro de 1949 que se concretizou formalmente a Unificação, no plano nacional, da família espírita brasileira, velho sonho acalentado desde 1881.

As circunstâncias em que ocorreu esse fato, não planejado com antecedência, demonstram que os espíritas, na sua grande maioria, estavam preparados para o grande evento e que a Espiritualidade Superior, respeitando sempre o livre-arbítrio dos homens encontrando neles sinceridade de propósitos e boa-vontade de sufocar vaidades e personalismos, em proveito de todos, influi poderosamente para o triunfo do entendimento e da concórdia entre os seguidores das idéias generosas.

Realizava-se no Rio de Janeiro, nos primeiros dias de outubro de 1949, o II Congresso Espírita Pan-Americano, atraindo à antiga Capital da República grande número de espíritas dirigentes de instituições de vários Estados.

Esses dirigentes resolveram aproveitar a ocasião para se dirigirem à FEB, em nova tentativa de entendimento visando à Unificação.

Após tratativas preliminares, foi marcado um encontro na sede da Federação, no dia 5 de outubro, ao qual compareceram a Diretoria da Casa Mater e os representantes de diversas Federações e instituições estaduais.

O encontro ficou conhecido como *Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro*, tendo sido lavrada a célebre **Ata** com os pontos essenciais em que se assentava o acordo da **Unificação**, dentre os quais destacamos:

- a) reafirmação do sistema federativo na organização do Movimento, em âmbito nacional, estadual e regional;
- b) a criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em novas bases, congregando todas as Federações e União Espíritas estaduais;
- c) reafirmação da independência e autonomia das Sociedades componentes do Conselho, comprometendo-se elas com o programa doutrinário básico contido nas obras "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns".

Assinaram o acordo, que punha fim a uma longa dissidência nos meios espíritas do Brasil, os representantes da Federação Espírita Brasileira, de um lado, e os representantes da Liga Espírita do Brasil, Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Federação Espírita Catarinense, Federação Espírita do Paraná, União Social Espírita de São Paulo (USE) e União Espírita Mineira, todos formando uma plêiade de nomes dos mais representativos do Movimento Espírita da época.

Mas a adesão ao "Pacto Áureo" não ficou adstrita às Instituições que o subscreveram inicialmente. Pouco depois de sua formalização constituiu-se um grupo de confrades, com grande responsabilidade no seio do Movimento, com o objetivo de levar aos espíritas do Nordeste e do Norte do País a notícia do grande

acontecimento, concitando-os, ao mesmo tempo, a se unirem aos irmãos do Sul e Centro. Esse grupo de companheiros ficou conhecido como "Caravana da Fraternidade" e realizou notável obra de congregamento e de esclarecimento junto às entidades visitadas, desde a Bahia até o Amazonas, incentivando ainda a criação de Sociedades nos Estados que não as possuíam. Foi um abençoado trabalho de complementação do acordo do Rio de Janeiro.

Instalado e regulamentado logo no início de 1950, o Conselho Federativo Nacional vem funcionando ininterruptamente desde então, prestando inestimáveis serviços à causa espírita, dirimindo dúvidas, fortalecendo os laços fraternos, orientando o Movimento, recomendando normas e diretrizes, aproximando instituições e pessoas e contornando as incompreensões e imperfeições inevitáveis no áspero mundo em que vivemos.

O "Pacto Áureo" foi uma expressão feliz de Lins de Vasconcelos, um de seus subscritores, para caracterizar o entendimento e a concórdia entre os espíritas, que podem divergir em secundários pontos de entendimento da Doutrina, mas que não têm razão para fazer da divergência como de discórdia, de intransigência e de intolerância.

"Pacto Áureo" é a lúcida expressão do entendimento entre irmãos de um mesmo ideal, cultores de uma Doutrina abrangente, vasta em seu contexto de ciência, filosofia e religião, no qual se inscrevem os postulados da liberdade e da responsabilidade individuais.

Dentro dessa abrangência, os espíritas não se constituem numa massa uniforme de adeptos, na qual deixa de existir a menor discrepância.

A Doutrina é um corpo unitário, abrigando adeptos dos mais diferentes estágios evolutivos, com tendências individuais e grupais diversificadas, todos unidos, entretanto, pela compreensão e aceitação dos princípios doutrinários fundamentais.

Esse pensamento, baseado na índole e no gênio universalista do Espiritismo, induz-nos a rejeitar as dissensões e as radicalizações que procuram rotular os espíritas de kardecistas, rustenistas, científicos, místicos, religiosos, anti-religiosos, etc., uma vez que todos, sendo espíritas, aceitam as bases da Doutrina e sua estreita vinculação com a Doutrina do Cristo, expressa no seu Evangelho.

Dentro dessa constante, será sempre possível ao espírita assimilar a Doutrina, de acordo com seu estágio evolutivo, e praticá-la na medida de suas forças, buscando aperfeiçoar-se e servir, rejeitando as formas de coação espiritual incompatíveis com a fraternidade entre irmãos muito próximos.

"O Pacto Áureo" veio, assim, compatibilizar a vivência da Doutrina entre os próprios profíctos, com o respeito à liberdade de todos, sem exclusão do amor fraterno.

Desde sua vigência, todo o Movimento Espírita Brasileiro conheceu nova fase de crescimento, de cooperação, de expansão.

## V - A UNIFICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

É notório o progresso e a expressão do Espiritismo no Brasil, nos dias atuais, a ponto de preocupar certos dirigentes religiosos que não o vêem com bons olhos.

A realidade é que a marcha do Movimento, sem ser espetacular, é segura e firme.

Isto se deve, em primeiro lugar, à própria natureza da Doutrina, ao mesmo tempo consoladora, esclarecedora e libertadora.

Mas é inegável que a Unificação, mesmo ainda não concluída, muito tem contribuído para tornar o Espiritismo uma força atuante e ativa, como expressão da Verdade, preparando um futuro de mais compreensão entre os homens, de melhor situação social para toda a massa da população, sem a subversão das instituições, mas pela educação dos indivíduos, sem violência física, sem coação espiritual.

A obra silenciosa de milhares e milhares de Casas Espíritas espalhadas por todo o imenso território brasileiro já sensibiliza milhões de criaturas, ávidas de consolo, de esclarecimento e de libertação de suas amarras espirituais.

Cumpra aprofundar o trabalho renovador e abençoado, por toda a parte.

Se ainda não foi possível o entendimento e a compreensão de todos, se aqui e ali ainda subsiste a ilusão do trabalho individual e independente, inclusive de respeitáveis instituições perfeitamente aptas a integrar a grande corrente do unificacionismo, se em alguns estados brasileiros ainda subsiste a divisão de forças que se devem somar na cooperação, nem por isso vamos desanimar ou nos desiludir.

A tarefa é, por sua natureza, lenta, demorada. É obra de educação, de persuasão. Demanda trabalho, solidariedade, tolerância.

A necessidade da Unificação é evidente. "Todo reino dividido contra si mesmo será desolado, e casa sobre casa cairá".

A unidade progressiva e os interesses gerais da Doutrina necessitam de uma coordenação, de uma direção central que se faça respeitar, não pela força, nem pela imposição, mas pela autoridade moral. Que os mais preparados intelectual e moralmente sejam os condutores e representantes naturais do nosso Movimento,

no âmbito regional, estadual ou nacional.

Como asseverou o Codificador (Obras Póstumas - 21ª. ed. FEB, pág. 351):

"Os que nenhuma autoridade admitem não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam dispensar toda direção, a maioria, os que não se crêem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança".



## V - A UNIFICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

O Brasil é um país de dimensões continentais, com uma população de mais de 190 milhões de habitantes, distribuídos em um território vasto e diversificado. A unificação das diversas igrejas espíritas que atuam no Brasil é uma tarefa complexa e desafiadora, que requer a cooperação e o diálogo entre todos os envolvidos. É importante reconhecer que, apesar das diferenças históricas e doutrinárias, todas as igrejas espíritas compartilham os mesmos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, estabelecidos por Allan Kardec. A unificação não significa a eliminação das particularidades de cada igreja, mas sim a busca por pontos comuns que possam servir de base para a construção de uma estrutura unificada. É necessário promover o diálogo e o respeito mútuo entre as diversas igrejas, buscando entender as necessidades e as expectativas de cada uma delas. A unificação deve ser um processo gradual e democrático, envolvendo todos os membros das igrejas e respeitando a autonomia de cada uma delas. É importante lembrar que a unificação não é um fim em si mesma, mas sim um meio para alcançar o objetivo maior de promover a Doutrina Espírita e beneficiar a humanidade. A unificação das igrejas espíritas no Brasil é uma tarefa que requer paciência, perseverança e um compromisso firme com os princípios da Doutrina Espírita.



## O ESPÍRITA E A CONSTITUINTE

Freitas Nobre

*Nota da Comissão: Manuscrito não revisado pelo autor*

Os espíritas como integrantes da sociedade não podem **ficar alheios a redação de uma nova Constituição**, a qual se processará com a Assembléia Constituinte.

O próprio Movimento Espírita, através das Mocidades Espíritas, dos vários órgãos de comunicação e das várias entidades da doutrina estão integrando-se em bloco, a fim de apresentar sugestões para um novo texto constitucional.

Ao mesmo tempo deverá haver a reforma do homem e da legislação humana permitindo uma melhor participação com afixação dos direitos e deveres do cidadão.

A nova Constituição **não é a solução de todos os nossos problemas**, porém é o princípio para uma revisão dos vários setores da sociedade.

O novo texto constitucional deverá visar a integração do homem numa nova estrutura social.

Os vários segmentos da sociedade, tais como, a Igreja Católica e os protestantes já estão se posicionando com o farto material comunicativo, chegando até a indicar os seus representantes. Entretanto, apesar de apresentarem ideologias distintas, alguns pontos são comuns, como por exemplo, a liberdade de manifestação do pensamento, a liberdade de culto, a posição contrária sobre a pena de morte.

Dentro do Movimento Espírita existe uma grande preocupação com a área social. Apesar de ser uma função típica do Estado, os espíritas provêm a omissão estatal. Há até uma sugestão ao texto constitucional propondo um percentual de 70% a 100% para as entidades que prestam este tipo de serviço.

Outra preocupação é com **Direito à Vida** que ocorre desde a sua concepção, condenando o aborto, a eutanásia e a pena de morte.

A própria legislação penal adota no caso do aborto, duas exceções que são perigo de vida da mãe e o estupro.

Admitia a ampliação dessas exceções chocar ainda mais os princípios de respeito à vida desde sua concepção.

Existem duas correntes, uma defendendo uma Constituição ampla e detalhada, e outra sintética fixando apenas, os princípios, deixando o restante para a legislação ordinária.

Porém, a tendência é **preparar uma Constituição intermediária**, visando atender o essencial, ficando o restante para a legislação comum.

A discussão também alcança **Direitos e Deveres do cidadão**. Um desses temas é a propriedade, cuja concepção definida é a de usufrutuários transitórios.

Quanto à **Justiça** devemos atentar para as posições firmes, cujas manifestações estão fundamentadas nas Leis Morais.

Esta mudança deverá modificar o nosso sistema penal, objetivando proporcionar aos detentos a possibilidade da reeducação através do trabalho produtivo, inclusive para a assistência às últimas desamparadas.

O **Esporte e o Lazer** são temas que deverão constar no nosso texto constitucional e as nossas sugestões são no sentido de proporcionar ao homem as condições para o seu refazimento físico/mental, concedendo-o mais tempo para a dedicação à família.

Outro tema em voga é a **Reforma Agrária**, assunto em debate nos quatro cantos deste país, necessitando, no entanto, uma organização agrária como preliminar, assegurando ao trabalhador rural não apenas a terra, mas os recursos para trabalhá-la.

Outro ponto é o **uso do solo** (espaço urbano), na luta contra a especulação imobiliária e a sua disciplina.

A liberdade de comunicação, a luta contra os preconceitos que prejudicam as minorias são temas que necessitam da nossa efetiva contribuição.

Dentro do quadro atual em nosso país, os **aposentados** merecem um capítulo especial, haja visto que a sua situação atual é vexatória, apesar da sua contribuição efetiva ao Brasil, ao longo da sua vida.

A discussão do novo texto constitucional deverá se estender também a temas como controle de gastos do Estado, mais autonomia aos Sindicatos de Classe, reformas tributária, financeira e administrativa,

assim como o grave problema de saúde.

Ainda, devemos mencionar que a participação do espírita deverá se a nível de responsabilidade cristã, procurando na medida do possível, assistir aos que sofrem física e espiritualmente. Sua vigilância será no sentido de procurar influir na mudança dos valores da sociedade.

Finalizando, podemos mencionar que as questões propostas pelo Livro dos Espíritos demonstrou atualidade de orientações e das advertências que a obra codificada apresenta.



# INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NA EVOLUÇÃO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Ciro F. Pirandi

*Nota da Comissão: O texto a seguir é o resumo elaborado pelo Relator do Painel durante a apresentação do autor.*

## I - Um sentido de modernidade

O homem contemporâneo perdeu a confiança em sua capacidade de controlar o futuro.

O mundo moderno é caracterizado pela contradição existente da força contraditória entre o desenvolvimento tecnológico que a cada dia nos oferece uma nova noção acerca do tempo, do espaço e da história, e as exigências sentimentais do relacionamento, trabalho, vida em sociedade, família e sexo.

Todas as ideologias do início do século tais como o Marxismo, Existencialismo, a Psicanálise e mais recentemente a lingüística, que propunham uma saída para o homem ruíram, ou estão sendo reavaliadas.

Este homem contemporâneo somos todos nós, que nestes últimos anos, construímos a história, da qual o Espiritismo participa, passado cento e trinta anos de sua existência.

## II - Contemporaneidade do Espiritismo

A influência do espiritismo na evolução do homem contemporâneo, inexistente.

Afastamo-nos da cultura de nosso tempo e não pudemos influenciá-la.

Fizemos questão, principalmente a partir da década de 30, em nos institucionalizarmos como religião, esquecendo e por vezes considerando desnecessários os estudos e as pesquisas que visam interrelacionar o Espiritismo, com as demais áreas do conhecimento.

Tal corte histórico tem a intenção de análise para verificar os fatores que determinam o atual estado do Espiritismo, e que nos leva a perguntar:

Há um sentido de atualidade nas propostas Espíritas? o Espiritismo atende aos anseios do homem contemporâneo?

Os princípios fundamentais da filosofia espírita por assentarem-se na natureza continuam e continuarão com o mesmo significado do início.

Há uma outra questão, sobre este sentido de atualidade e espiritismo a qual prende-se o seu movimento. Nos organizamos para DEFENDER uma verdade e não para ESTUDAR suas possibilidades, esta foi a consequência mais direta de tê-lo elevado à condição de algo divino e o que é divino se defende e não se questiona.

Esta tendência humana colocou o movimento espírita em um impasse, caracterizado pela impossibilidade de colocarmos nossos conceitos frente a uma sociedade que se encontra entre dois extremos: de um lado o ceticismo materialista do nada e, de outro o misticismo pueril das religiões.

## III - A Humanização do Espiritismo

Devemos humanizar o Espiritismo, recolocá-lo no plano humano para atender as reivindicações do homem. O Espiritismo é uma proposta viável para o ser humano, desde que seja encarado como um processo natural.

Os assuntos que ele aborda referem-se às questões que até aqui têm sido objeto somente das religiões e das seitas ocultas, mas ele é justamente o rompimento desta tradição secular entre o sagrado e o profano.

## IV - Apontamentos Finais

Partindo da premissa de ainda ser possível influenciar a cultura de nosso tempo, é essencial desenvolver nossos esforços, em dois níveis: um prático alterando nossas sociedades espíritas, quase que na sua totalidade. Não permitiremos que nossos centros cresçam em demasia, porque ocasiona invariavelmente a perda da qualidade e a centralização do poder. Pequenos grupos são preferíveis aos grandes.

Transformar a característica Federativa do Movimento Nacional, sem traumas, criando uma sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, abertas a todos os pesquisadores e estudiosos do assunto. Sociedade esta com caráter científico filosófico, retomando as características da fundada por Kardec.

É essencial olharmos o Espiritismo neste momento da evolução humana com os olhos livres, condição necessária para nos projetar em uma nova etapa do processo evolutivo onde continuaremos tentando equacionar a contradição existente na vida entre a liberdade e a necessidade.



O coordenador do Painel deu por encerrada a reunião.



1 - Os escritos de mediunidade  
O estudo dos escritos mediúnicos é o ponto de partida para a compreensão da natureza da vida e da morte. É através deles que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação. É através deles que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação.

## 2 - Características de Espiritismo

A natureza do espírito no processo de evolução da vida é o ponto de partida para a compreensão da verdadeira natureza da vida e da morte. É através dele que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação. É através dele que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação.

## 3 - A Revolução do Espiritismo

O movimento de transformação é o ponto de partida para a compreensão da verdadeira natureza da vida e da morte. É através dele que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação. É através dele que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação.

## 4 - Apontamentos Finais

O estudo dos escritos mediúnicos é o ponto de partida para a compreensão da verdadeira natureza da vida e da morte. É através deles que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação. É através deles que se pode entender a verdadeira natureza da vida e da morte, e a verdadeira natureza do movimento de transformação.

## O ESPIRITISMO E AS REALIDADES SOCIAIS

Mauro de Mesquita Spinola

**Nota da Comissão:** O texto a seguir é o resumo elaborado pelo Relator do Painel durante a apresentação do autor.

O orador Mauro de Mesquita Spinola apresentou sua palestra em oito itens, embasando seus argumentos e informações em dados oficiais do IBGE, nas obras da Codificação Espírita de Allan Kardec, e autores como Humberto Mariotti, Manuel Porteiro e Cosme Mariño, que analisaram as questões sociais segundo seus conhecimentos espíritas.

**1. Brasil 1996** - Foram apresentados alguns dados relativos a situação social brasileira, do IBGE, conforme consta no livro "**Brasil, 2000**", da Editora Paz e Terra.

**2. Kardec e a Sociedade** - Destacou duas frases de Kardec sobre uma maior participação no sentido de melhorar as condições no planeta contidas nos livros "Obras Póstumas" e "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

**3. Filosofia Social Espírita** - Mostrou a visão dialética do Espiritismo, contidas nos trabalhos de Humberto Mariotti e Manuel Porteiro, Espíritos argentinos já desencarnados. Frisou que na visão Espírita o fenômeno social está intimamente ligado ao fenômeno espiritual.

**4. Marx e Kardec** - Entre os elementos apresentados mostrou a importância do que disse Mariotti no livro "Parapsicologia e Materialismo Histórico" editado pela Edicel/SP: "Karl Marx e Allan Kardec encarnam nos tempos atuais, as duas grandes inquietudes do pensamento: o fenômeno social e o fenômeno espiritual."

**5. Análise Social Espírita** - Apresentou o critério de análise espírita:  
1º) "Analisar o processo dinâmico do desenvolvimento social", (um processo de interação) e  
2º) "Analisar o indivíduo como ser na existência, mas que possui uma existência". E quanto a Kardec sublinhou a seguinte consideração: "A terra produziria sempre o necessário se o homem soubesse se contentar".

**6. Proposta Espírita** - Mostrou através de farta argumentação a profundidade do Espiritismo na análise contida nas "Leis Morais", da obra O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, sobretudo os enfoques sobre a igualdade e a liberdade.

**7. Socialismo** - Neste item lembrou a contribuição de Cosme Mariño, espírita argentino também já desencarnado, quando afirma que "O Socialismo é um capítulo do Espiritismo". Uma vez que o Socialismo se funda num ideal de justiça desde que observe os direitos iguais e oportunidades iguais ou seja, que todos disponham de: educação, saúde, alimento, trabalho, casa e lazer.

**8. Propostas finais** - O Orador destacou a importância da contribuição do Espiritismo às questões sociais, propondo aos Espíritas um aprofundamento nos temas ligados a esta área, como seja:

- a. Estudo das questões sociais no Centro Espírita, a partir das Leis Morais, de O Livro dos Espíritos;
- b. Promover encontros e debates sobre Filosofia Social Espírita e Questões Sociais.

Concluindo lembrou a todos a importância da participação dos Espíritas na luta por uma Sociedade mais justa. O plenário não fez perguntas, congratulando-se com o brilhantismo da exposição.



## ASSISTÊNCIA SOCIAL

Mário da Costa Barbosa

**Nota da Comissão:** O texto a seguir é o resumo elaborado pelo Relator do Painel durante a apresentação e não revisado pelo autor.

Iniciou dizendo preferir o termo "Serviço Assistencial Espírita" - conjunto de ações feitas na Casa Espírita.

- Em Kardec se encontra a colocação dos problemas sociais.
- Relações Sociais, no cotidiano, como se apresentam.
- Um exemplo: aparece alguém necessitado de alimentação - o que fazer? busca para superação do problema - levar em conta a reencarnação (não mecanista).
- Por que o homem reencarna nessa condição?
- O espiritismo deve estar servindo à libertação do homem.
- Ver a realidade em que vive.
- A realidade social injusta.
- Espírita não reencarna para sofrer e sim para evoluir.
- As Leis Divinas não precisam da existência do mal; há o aproveitamento dessa existência para as corrigendas.
- Levar em consideração o Nascer, Morrer, Renascer, Progredir sempre...
- Analisar dinamicamente.
- A questão do menor- cap. XIII- item 18 do Evang. Seg. Esp.- Os órfãos
- Atividade a ser desenvolvida junto aos órfãos.
- Estruturação da personalidade - deve receber contribuição para escolha de vida.
- Proposta do Espiritismo - não concorda com a massificação
- Quantidade grande de menores necessitados - pouca de atendentes
- A maleabilidade de influência da criança
- Influência do que foi passado - influência de como recebe
- Países que cuidam das crianças para os pais trabalharem
- Quem cuida foi preparado para uma idéia controladora
- A criança será assim moldada para servir à sociedade
- Imposição de disciplinas para criar hábitos - controle de freqüência para não ser eliminado.
- O mundo capitalista massifica - tolhe a criatividade
- Deve-se estimular a criatividade
- Por que existe o órfão? Deus ampara as aves, mas permite os órfãos. Por quê?
- Levantar as causas atuais antes de procurar nas vidas passadas, esgotar as causas atuais, as injustiças como causas.
- Somos colocados nas mesmas condições que interrompemos.
- Em "Emmanuel", o próprio analisa os desvios da igreja - não se colocando ao lado dos oprimidos.
- Junte ao Benefício o mais importante: carinho - afago:
- Se o menino é de rua, sujo, descalço, de pele escura: é trombadinha!
- Mas, por que está na rua?
- O abandono pelo pai. Por quê?

- Redução da instrução, da educação, pelos pais. Mas como os pais darão essa educação se estão assoberbados com os próprios problemas?
- E quem acudirá? - Somos todos nós.
- Proposta: Retrospectiva do Espiritismo no Brasil, década de 30 - movimentos políticos - surge preocupação nos que foram abalados em seus bens.
- Proliferação das Obras Assistenciais - as espíritas iguais às outras.
- Atendiam a pobreza para que essa não viesse comprometer a segurança, maneira de trabalhar e de progredir nem sempre foi como hoje. Houve o feudo...
- Não dá para aceitar que o capitalismo é o último estágio da humanidade. Se depender de quem mantém o poder a pobreza não será eliminada.
- Dois caminhos: jogo de interesse de quem mantém o poder ou agir como companheiros do "Filhos do Calvário".
- Diante deles, que devo fazer? Dar sem olhar a quem? (errado)
- O Estado deveria fazer. Não faz. Façamos nós.
- Síntese: O Espiritismo tem contribuição extraordinária a oferecer às demais ciências.
- A criança além de tudo, trás revolta. Política de idosos, não há. Será válido construir um asilo para idosos?

**Visita a obra de idosos:**

- "Quando aqui cheguei comecei a morrer. Ninguém me visita, não tenho liberdade de sair, de fazer o que quero".*
- "Em casa eu tinha amigos, visitas".*
- A criança vai para a rua ser o agente de violência, sem perceber o que está fazendo. Com 5 anos rouba um pão para casa.
- A lei não muda o homem. O homem é que muda a lei.
- O excesso de conforto de uns poucos tira todo o conforto de muitos.
- O certo é lhe ensinar o CERTO: profissão, moral.
- Visão de libertação coletiva (ninguém vai só, na evolução).
- Jesus e Pedro: enquanto houver dor, não tem o direito de debandar.
- Segregar o idoso? segregar a criança?
- A creche nasceu de concepção empresarial. Mudar a creche: proposta espírita é permanente - a estratégia é que muda.
- A creche é um aparelho ideológico: todos dizem à visita, em coro: "bom dia"- não há um bom dia individual.
- Serviço Assistencial Espírita - não esperar o fim da semana, tem que ser 24 horas por dia, onde o espírita estiver, na vivência.
- "Trata-se o colega, o subalterno, com brutalidade e no fim de semana, na Assistência Social, trata-se o pobre com amabilidade".*
- "É caridade com hora certa". Pronto! é hora de fazer caridade. Pronto! agora é hora! ou: não sou do Departamento Assistencial, sou do Doutrinário, etc.*







## RELATÓRIO GERAL DA COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA DO 7º CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL - SÃO PAULO

Cumprindo o determinado por este Conselho Deliberativo Estadual a Comissão Central Organizadora fez realizar de 22 à 24 de agosto passado, no Centro de Convenções do Grande Hotel São Pedro, na cidade de Águas de São Pedro, o 7º Congresso Espírita Estadual - São Paulo.

Contando com a presença de 396 (trezentos e noventa e seis) pessoas, sendo 330 (trezentas e trinta) hospedadas no Grande Hotel São Pedro e Hotel Jerubiaçaba e 66 (sessenta e seis) com alojamento próprio. Convém salientar que se inscreveram um total de 411 (quatrocentos e onze) pessoas. Dentre os participantes estiveram presentes 6 pessoas do Estado do Rio de Janeiro, 05 do Paraná, 02 de Santa Catarina, 04 do Pará. Dentre os presentes contavam-se 108 (cento e oito) pessoas na condição de delegados, representando sociedades no Estado de São Paulo.

Foram desenvolvidos 8 (oito) palestras, 6 (seis) painéis, 4 (quatro) painéis plenários e 4 (quatro) Temas Livres, movimentando 25 (vinte e cinco) expositores, 22 (vinte e dois) coordenadores e 16 (dezesseis) relatores.

No dia 23, sábado, foi plantada uma árvore, no bosque existente no Grande Hotel São Pedro. Ao lado da mesma foi instalada uma placa comemorativa do evento. A cerimônia teve a participação do Presidente de Honra do Congresso, Nedyr Mendes da Rocha, e do Sr. Antônio Schiliró, presidente da USE à época do início e desenvolvimento dos preparativos para a realização do Congresso.

Para levar a efeito um Congresso desta envergadura a Comissão Central Organizadora reuniu-se 13 vezes, totalizando 11 meses de trabalho, não computadas as reuniões realizadas durante os dias 22, 23 e 24 de agosto.

A Comissão Central Organizadora contou com a assessoria das empresas Vertical Eventos e Comissões Ltda. e Vertical Turismo Ltda., principalmente no que tange a coordenação dos serviços de hotelaria, emissão de crachás e certificados, datilografia e duplicação de materiais, recepção de congressistas e outros serviços.

No plano da divulgação foram remetidos material às sociedades unidas e não unidas, aos órgãos da Unificação, às demais federativas estaduais e aos meios de divulgação espírita. A imprensa espírita deu ampla divulgação ao evento, colaborando no sucesso do mesmo.

Na parte monetária o 7º Congresso Espírita Estadual - São Paulo foi auto-suficiente, gerando expressivo superávit, como pode ser observado pelo relatório financeiro anexo. Sugerimos que este superávit seja aplicado na confecção dos Anais do Congresso.

Era o que tínhamos a informar, em síntese, e pedimos a aprovação desde Conselho para o trabalho realizado, inclusive o relatório financeiro. Solicitamos, ainda, a manutenção da Comissão Central Organizadora até a próxima reunião de CDE da USE, com a responsabilidade específica da elaboração dos Anais do Congresso, para fins de impressão pela Diretoria Executiva. Solicitamos, ainda, que o presente relatório faça parte integrante dos Anais.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer àqueles que colaboraram para o sucesso do 7º Congresso Espírita Estadual-São Paulo.

Fraternalmente,

Paulo Roberto P. da Costa  
Coordenador Geral

Carlos Teixeira Ramos  
Secretário

### MEMBROS DA COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA

Coordenador Geral .....	Paulo Roberto Pereira da Costa
Secretário .....	Carlos Teixeira Ramos
Tesoureiro .....	Waldemar Fabris
Comissão de Temário .....	Jaci Régis e Marcos Miguel da Silva
Comissão de Divulgação .....	Luiz Alberto Zanardi
Comissão de Apoio .....	Ciro Pirondi e Eder Fávoro





